

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANDRÉA OTONI ANTUNES SALES DA CRUZ

**INTERAÇÃO DOS JOVENS A PARTIR DAS
MÍDIAS DIGITAIS:
implicações no cotidiano escolar**

JUIZ DE FORA
2016

ANDRÉA OTONI ANTUNES SALES DA CRUZ

**INTERAÇÃO DOS JOVENS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS:
IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Área de concentração “Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas”, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Medeiro Borges

Juiz de Fora
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cruz, Andréa Otoni Antunes Sales da.

Interação dos jovens a partir das mídias digitais : implicações no cotidiano escolar / Andréa Otoni Antunes Sales da Cruz. -- 2016.

112 f. : il.

Orientadora: Eliane Medeiros Borges

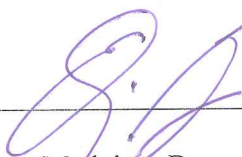
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

1. Interação. 2. Tecnologia. 3. Comunicação. 4. Redes sociais. 5. Cotidiano escolar. I. Borges, Eliane Medeiros, orient. II. Título.

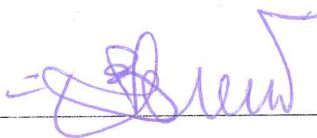
ANDREA OTONI ANTUNES SALES DA CRUZ

“A INTERAÇÃO DOS JOVENS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS: IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR”

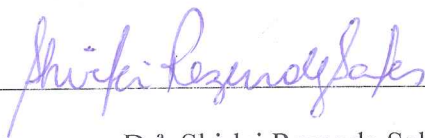
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



Dr^a. Eliane Medeiros Borges (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



Dr^a. Adriana Rocha Bruno
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



Dr^a. Shirlei Rezende Sales
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMG

Juiz de Fora, 05 de abril de 2016

*Aos meus filhos Sophia e Victor,
fontes de inspiraço~o e de luz em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui, alcançando um sonho que parecia muito distante.

Agradeço aos meus professores e professoras do curso de mestrado, que muito me ensinaram. Cada um, de alguma forma, contribuiu para a minha escrita e para abrir novos horizontes de conhecimento. Uma professora especial me disse, uma vez, que talvez a sua disciplina não contribuísse muito para minha pesquisa, mas que com certeza teria implicações significativas em minha vida. E eu completo: não só contribuiu para minha vida pessoal, mas fez a diferença em minha família, em minha vida profissional, contagiando até meus colegas de trabalho. Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo, pelo apoio mútuo nos momentos de incertezas, mesmo que a distância, especialmente à Tati, à Marilena, à Ana Paula e à Dirlene.

Agradeço aos colegas do GRUPAR e à professora Adriana Bruno que me acolheram no grupo antes mesmo do mestrado, onde tive a oportunidade de aprender e me inspirar para este trabalho realizado. Em especial às *gruparianas* Judi e Márcia Campos pelo incentivo e pelo carinho, e um agradecimento mais do que especial à Lúcia pela generosidade, disponibilidade e apoio imensurável desde o início deste percurso.

Agradeço a confiança da professora Eliane Medeiros Borges, por me orientar e acreditar que eu seria capaz de percorrer este caminho.

Agradeço aos colegas do EDUCCO pelos ricos momentos de aprendizagem, e às colegas da UAB, da disciplina Estágio Supervisionado, que me incentivaram durante toda a caminhada.

Agradeço especialmente aos alunos, sujeitos participantes deste trabalho. Quantas descobertas, quantas surpresas, quanto carinho... Eles, tão presentes na minha vida profissional, foram a grande motivação para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, que me incentivaram sempre, muito obrigada! Alguns ainda continuam comigo, outros se aposentaram, outros se afastaram. Sei que cada um, do seu jeito, torceu por mim e me ajudou a chegar até aqui.

Agradeço imensamente aos meus pais, que sempre me apoiaram. Aos meus irmãos e cunhados, em especial, à minha irmã Adriana, que muito me ajudou. Aos meus filhos Sophia e Victor, fontes de inspiração, descobertas e de aprendizado constante, e ao Emerson, que sempre esteve comigo, apoiando e incentivando a percorrer esse caminho.

RESUMO

O presente trabalho parte de uma pesquisa cuja questão investigativa é: “Qual ambiente comunicacional os adolescentes habitam e quais os interesses que os movem em seu interior, considerando os alunos do 7º ano de uma escola da rede pública estadual de Juiz de Fora?” O objetivo é analisar como acontece a interação dos jovens nos espaços digitais, refletindo sobre situações em que estas interações acabam por interferir no cotidiano escolar. Por meio do grupo focal e dos registros das situações do cotidiano busquei perceber como acontecem as interações e a vivência entre os alunos no espaço escolar, mediadas por tablets, computadores e celulares. A interatividade, presente na cultura juvenil, encontra na comunicação móvel variadas formas de expressão, que nos chamam à reflexão sobre as relações e as práticas sociais. Entre os adolescentes há uma necessidade de se fazer presente virtualmente, ter um imenso número de amigos virtuais que se comunicam simultaneamente através do *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* ou *Telegram*. A análise dos dados está organizada em duas categorias: (1) as relações de amizade estabelecidas por meio da interação nas redes sociais e (2) o público e o privado no uso de imagens pessoais nas redes sociais. Esta pesquisa possibilitou uma aproximação com os alunos na fase da adolescência através da qual foi possível encontrar importantes achados: as interações entre os mais jovens sofrem implicações das relações estabelecidas no contexto digital. Para os adolescentes, ser popular em seu grupo de contatos é um ponto importante, e o número de curtidas se constitui como um status social. A exibição pessoal é considerada importante com o objetivo de ganhar curtidas e chega-se a disputar o número de curtidas e de amigos on-line. Publicações on-line interferem no cotidiano da escola, mas as questões são tratadas com medidas disciplinares e punitivas. Fotos em trajes íntimos das meninas para os meninos, fotos dos órgãos genitais, fotos do corpo seminu entre adolescentes, enviadas pela caixa de mensagens do *Facebook* ou pelo *WhatsApp*, são procedimentos comuns entre vários adolescentes. Além disso, foi possível identificar situações, no cotidiano escolar, em que os adolescentes usam essas imagens como vingança pelo rompimento do namoro ou para expor o outro ou a outra, para os amigos da escola através das redes sociais. Esta pesquisa não tem a intenção de apontar caminhos, somente torná-los visíveis e cogitar sobre fatos e acontecimentos envolvendo os adolescentes com os quais trabalhamos, para refletir sobre o cotidiano da escola, repensá-lo – de modo a compreender a realidade dos alunos, suas ações e sentidos construídos nos espaços por eles habitados – e transformá-lo. Afinal, quem é meu aluno hoje? Como posso (inter)agir com ele?

Palavras-chave: Interação. Tecnologia. Comunicação. Redes sociais. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

This work is the product of a research which has as investigative question: “What is the communicational environment of the teenagers and the interests that motivates them, considering students of the 7th grade of a state public school in Juiz de Fora?” The aim is to analyze how occurs the interaction of young people in digital spaces, reflecting on situations where these interactions end up interfering in everyday school routine. Through focus group and records of everyday situations was sought to understand how occurs the interactions and the experiences among students at school, mediated by tablets, computers and mobile phones. The Interactivity that is present in youth culture has many forms of expression through the mobile communication, and it invite us to reflect about the relationships and social practices. Among teenagers, there is a constant need of making themselves virtually present, having a huge number of virtual friends, who simultaneously communicate through *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* or *Telegram*. Data analysis is organized into two categories: (1) friendship relations established by the interaction over social networks and (2) the public and private use of personal images on social networks. This research allowed an approach with the teenagers students and it brought important findings: among the younger, the interactions are implicated by the relations established on the digital context. For teenagers, be popular in your contact group is an important matter and the number of “likes” is constituted as a social status. The personal exhibition is important to get likes, and them may compete for number of likes and online friends. Online publications affect the school routine, but this issues are dealt with disciplinary and punitive sanctions. Underwear photos that girls send to boys, photos of the genitals, almost naked photos, sent by Facebook inbox or WhatsApp, are a common procedure among teenagers. Further, it was possible to identify situations on school routine, which the teenagers use these images as revenge for the end of a relationship, or to expose the partner to the school friends through social networks. This research does not intend to point ways, just intends to make the facts visible and think about the events involving young people with whom we work, to reflect on the school routine, rethink it- intending to understand the reality of the students, their actions and meanings constructed in the spaces that they inhabitt - and transform it. After all, who is my student today? How can I (inter) act with them?

Keywords: Interaction. Technology. Communication. Social networks. School routine.

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interesses dos jovens brasileiros na internet _____	24
Figura 2 – Atividades na Internet entre os adolescentes _____	26
Figura 3 – Equipamentos utilizados pelos adolescentes para acesso à Internet _____	27
Figura 4 – Adolescentes com perfil próprio nas redes sociais _____	28
Figura 5 – Usos de informações pessoais dos adolescentes por terceiros _____	29
Gráfico 1 - Tempo de acesso à Internet _____	52
Tabela 1 - Preferências na Internet _____	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Primeiros passos	17
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS COMO IMPORTANTES MEIOS DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	20
1.1 Resgate histórico	20
1.2 A Internet no Brasil	23
1.2.1 A Internet entre os adolescentes brasileiros	25
2 NOVOS MODOS DE COMPREENDER	31
2.1 Novos modos de ser e de compreender dos jovens na contemporaneidade	31
2.2 Usos dos dispositivos digitais nos modos de ser e pensar das novas gerações	35
2.3 A linguagem da geração mais jovem	38
2.4 Como se expressam e se relacionam na rede	41
2.5 O que os jovens aprendem sobre o mundo ao assistirem à televisão?	45
3 CAMINHOS DA PESQUISA	49
3.1 Investigação qualitativa	49
3.2 Delimitação do campo de pesquisa	51
3.3 Trabalhando com grupo focal	53
3.4 Investigação do cotidiano	56
4 REGISTROS DO COTIDIANO ESCOLAR	58
4.1 Desvendando o cotidiano	64
4.2 Percorrendo o caminho	66
4.2.1 Categoria 1 - As relações de amizade estabelecidas por meio da interação nas redes sociais	66
4.2.2 Categoria 2 - O público e o privado no uso de imagens pessoais nas redes sociais	74

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	81
REFERÊNCIAS _____	85
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA _____	91
APÊNDICES _____	92
Apêndice 1 – Questionário utilizado com os alunos _____	93
Apêndice 2 – Revisão de literatura _____	97
ANEXOS _____	107
Anexo 1 – Histórias em quadrinhos para os encontros do Grupo Focal _____	108
Anexo 2 – Caso para encontros do Grupo Focal _____	112

INTRODUÇÃO

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire

O tema de estudo sobre a interação dos jovens considerando os espaços digitais surgiu por meio do caminho percorrido durante a minha vida profissional, na qual me deparei com desafios, refiz caminhos e ocupei diferentes “lugares”. Atuo na área da educação há 22 anos, como professora e coordenadora pedagógica nas redes municipal de Belo Horizonte e estadual de Minas Gerais. Atualmente trabalho na rede estadual em Juiz de Fora, com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio e como tutora do Curso de Pedagogia da UAB/UFJF.

Durante esses anos atuando na área de educação da rede pública acompanhei a evolução tecnológica da sociedade que reverberava no cotidiano escolar. Sempre me inteirei das mudanças, colocando meus alunos em contato com algumas possibilidades que as tecnologias oferecem. Buscava disponibilizar a eles o acesso aos recursos que o laboratório de informática da escola proporcionava, principalmente na área da alfabetização. Tanto na educação infantil como nos anos iniciais do Ensino Fundamental, enquanto professora, procurei oferecer situações em que os alunos pudessem interagir com recursos on-line relacionados à identificação de letras e de palavras, jogos de imagens, cores e formas geométricas.

Em um momento de transição de escolas, deixei a educação infantil e passei a trabalhar com crianças dos anos iniciais e com adolescentes do Ensino Fundamental. Enquanto supervisora pedagógica eu tive a oportunidade de observar nas instituições onde atuei que existe a intenção de se utilizar, ainda que precariamente, as possibilidades que os recursos de mídia – televisão, DVDs, filmes, computadores – nos oferecem. No entanto, o que me intrigava era perceber que muitos professores não acompanham a evolução tecnológica com interesse e, ainda, se mostram resistentes em usar as Tecnologias de Informação e de Comunicação como uma potencialidade

didática que poderia promover maior interação com e entre seus alunos, além de possíveis avanços no processo de ensino e aprendizagem.

Mais uma vez, novos caminhos. Em 2011 comecei a trabalhar em uma escola, em Juiz de Fora, que me ofereceu oportunidades de implementar algumas ideias utilizando os recursos digitais. Em 2012 acompanhei o trabalho de uma professora de Língua Portuguesa sobre Literatura de Cordel e, aproveitando o interesse dos alunos do 6º ano, realizamos produções literárias utilizando os materiais de criação e edição de imagens e textos disponíveis em um site. Esse trabalho foi registrado e selecionado para ser apresentado no I Congresso de Boas Práticas promovido pela Magistra¹, em parceria com a Secretaria de Educação de Minas Gerais.

Paralelamente a esse trabalho, implementei o blog e o *Facebook* da escola com o objetivo de melhorar a comunicação entre a instituição e a comunidade, além de divulgar as atividades e projetos desenvolvidos pela equipe de professores e alunos. Também organizei e participei de oficinas na escola voltadas para a formação dos professores para o uso dos recursos de mídia com finalidade didática. Estes encontros eram realizados de acordo com a demanda do grupo de professores, que, atropelados pelos afazeres da rotina administrativa de entrega de notas e provas, nem sempre podiam participar com dedicação.

Em 2013, juntamente com um grupo de cinco alunos dos ensinos Fundamental e Médio, retomamos o projeto do jornal da escola². O ponto de partida para a retomada do jornal foi um Concurso denominado "Jovens, Mídias e Educação", realizado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Os alunos se interessaram pelo concurso e me pediram para ajudá-los. As categorias para premiação eram jornal, blog, site, vídeo e *podcast*³, e o concurso tinha como tema "As Mídias no contexto da Educação". Optamos pelo jornal escolar e o construímos a partir dos relatos de experiências na escola sobre o uso de mídias no cotidiano escolar. Conseguimos apresentá-lo em Ponta Grossa e recebemos a menção especial na respectiva categoria.

Apresentamos, também, o Projeto do Jornal Escolar no II Congresso de Boas Práticas (promovido pela Magistra junto com a Secretaria Estadual de Minas Gerais) e

¹ Magistra é a escola de formação de professores da rede estadual de Minas Gerais.

² A primeira edição foi publicada em 2009 por ocasião do centenário da escola, no entanto, esse projeto ficou adormecido até 2013.

³ Podcast é um programa de áudio disponível na web, em sistema de transmissão on-line que permite aos ouvintes cadastrados receberem uma nova edição ao se conectar com a web. Esse arquivo de áudio pode ser ouvido no computador ou em um mp3. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/podcasts/>. Acesso em: 04 set. 2014.

as atividades relacionadas à implementação das mídias na escola (o blog, o jornal escolar e as iniciativas dos professores nessa área) foram apresentadas no II Encontro de Especialistas da educação básica da rede estadual. É importante ressaltar que durante esses Congressos tive a oportunidade de participar de oficinas e minicursos sobre o uso das tecnologias de comunicação e suas potencialidades didáticas.

Essas experiências, juntamente com os estudos realizados no Grugar, Grupo de Pesquisas Aprendizagens em Rede⁴ e no Grupo de Pesquisas Educco, Educação Cultura e Comunicação⁵, aguçaram meu desejo de conhecer e trazer para dentro da escola recursos de mídia que possam envolver os alunos e torná-los ativos no processo de construção do conhecimento. Nesse percurso percebi também que o aluno que hoje chega à escola não é mais o mesmo do início da minha carreira. São alunos, em sua maioria, com acesso a informações variadas amplificadas pelo uso de celulares e computadores e que se comunicam de forma muito dinâmica e interativa. São alunos que leem, escutam música, assistem a vídeos, conversam com os amigos simultaneamente e apresentam conhecimentos relacionados ao mundo das mídias digitais que seus professores ainda não dominam.

Minha experiência enquanto educadora, observando as situações que estão surgindo no dia a dia entre os estudantes, levou-me a perceber que a escola não acompanha os avanços tecnológicos de comunicação e interação vivenciados por seus alunos. As possibilidades de comunicação e de acesso a informações dos mais variados tipos estão acessíveis aos adolescentes e jovens que chegam às nossas escolas, mas por onde trabalhei ainda percebi a o receio dos professores em lidar com os recursos digitais, receio que os nossos alunos não têm.

Nos dois últimos anos, na escola onde trabalho, constatei que situações diversas envolvendo adolescentes e a exposição pessoal e/ou íntima em redes sociais, potencializadas pela facilidade de acesso à internet dos aparelhos móveis, são frequentes entre alunos e alunas, bem como as consequências de tal exposição, que acabam reverberando no contexto escolar. Tal fato que se constituiu como um problema motivador para este trabalho, considerando como hipótese a ideia de que a televisão e

⁴ Grugar – Grupo de Pesquisas e Aprendizagem em rede, coordenado pela professora Adriana Rocha Bruno (PPGE/UFJF), tem como objetivo estudar e pesquisar o cenário contemporâneo marcado pelas tecnologias e suas implicações para a área educacional.

⁵ O grupo de pesquisas Educação, Cultura e Comunicação – EDUCCO, liderado pela professora Eliane Borges (PPGE/UFJF), tem seus estudos voltados para as pesquisas na área que articula os campos da Educação e Comunicação, enfatizando os aspectos culturais e sociais que os atravessam.

seus programas direcionados ao público jovem podem ter alguma interferência no comportamento e nas relações estabelecidas entre adolescentes e jovens.

Nesse sentido, defini a seguinte questão como norteadora da pesquisa:

Qual ambiente comunicacional os adolescentes habitam e quais os interesses que os movem em seu interior, considerando os alunos do 7º ano de uma escola da rede pública estadual de Juiz de Fora?

Desta forma, busquei descobrir quais são as demandas comunicativas desses alunos na contemporaneidade, quem são esses alunos que hoje a escola atende e por qual universo de saberes eles se interessam no que se refere ao uso das tecnologias.

Esta busca se justifica, pessoalmente, por minha profissão. Além da inquietação causada pelas situações que eu vivencio na escola, enquanto educadora sinto a necessidade de estar próxima e de conhecer os interesses dos alunos com os quais trabalho para melhor planejar a minha prática pedagógica. No âmbito social e acadêmico, acredito que este trabalho pode contribuir com outros que também buscam analisar e investigar o uso das tecnologias e os sentidos construídos pelos alunos no contexto escolar.

É relevante dizer que para situar a pesquisa no campo acadêmico e servir de referência para análise dos dados, procedi a uma revisão de literatura, utilizando como fontes o Banco de Teses da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), periódicos, livros e sites para ter uma visão das produções recentes. Também considerei importante fazer um levantamento das publicações nos Anais da ANPED⁶, mais especificamente as que constam no GT 16, que trata de Educação e Comunicação, tomando por base os quatro últimos eventos (2011, 2012, 2013 e 2015). Dessa forma, busquei contextualizar minha proposta em meio a outras produções acadêmicas para delinear melhor a questão deste trabalho e perceber a abrangência deste estudo. Selecionei artigos e dissertações que abordassem as interações dos jovens a partir dos usos dos recursos tecnológicos e que ressaltavam a

⁶ A ANPED é uma associação sem fins lucrativos que reúne programas de pós-graduação stricto sensu em educação, além de professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. As reuniões nacionais e regionais da Associação se constituem como um espaço permanente de debate e aperfeiçoamento para professores, pesquisadores, estudantes e gestores da área. Informações disponíveis em: <http://www.anped.org.br/anped/sobre-a-anped/historia>. Acesso em: 02 mar. 2015.

importância de a escola se aproximar dos alunos através dos espaços de interação envolvendo mídias digitais.

Durante o processo de seleção de material, relendo os resumos e textos completos dos trabalhos, percebi que em 2011 e 2012, considerando o banco de Teses da CAPES, ainda eram poucos os que abordavam os usos de recursos tecnológicos pelos jovens e seus interesses de comunicação na sociedade contemporânea como considerei nesta pesquisa. No entanto, essa preocupação se fez mais presente nas pesquisas apresentadas nos três últimos encontros da ANPED, que destacavam análises sobre as relações sociais estabelecidas em uma sociedade imersa nas tecnologias de informação e de comunicação. Os trabalhos acadêmicos selecionados estão diluídos no texto desta dissertação e contribuíram para a realização das análises construídas.

Posteriormente, após a revisão de literatura, procurei aproximar-me e ouvir atentamente aqueles que desejava conhecer. Dessa forma, busquei escutá-los sobre o uso das tecnologias de comunicação no cotidiano social, além de observar e perceber como esses usos podem chegar dentro da escola. Segundo Kramer (2003), como pesquisadores, nosso papel é procurar conhecer o real e compreendê-lo. Entendo que para conhecer a realidade das interações por meio das mídias é necessário imergir nesse espaço, observando, conhecendo e registrando o cotidiano da escola.

Esta pesquisa aconteceu através da observação dos alunos e de sua vivência cotidiana na escola, além do trabalho com grupo focal com os sujeitos participantes, de maneira a perceber o interesse dos adolescentes nos usos dos espaços digitais e implicações no ambiente escolar. O olhar se fez importante em todo o processo da pesquisa; o olhar atento para o que acontece no momento da observação e, assim como afirma Kramer (2003), escutar/ouvir e observar/ver tanto a racionalidade quanto a sensibilidade das relações/interações.

Como objetivo geral da pesquisa, procurei:

- ✦ Analisar como acontece a interação dos jovens nos espaços digitais, considerando alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual de Juiz de Fora.

A partir deste, considerei como objetivos específicos:

- ✦ Conhecer os tipos de tecnologias que os alunos utilizam e em quais situações, bem como os seus interesses, seu tempo de conexão e o que eles valorizam quando se movem nos espaços digitais.

- ✦ Analisar situações em que as interações nos espaços digitais acabam por interferir no cotidiano escolar.
- ✦ Conhecer os espaços mais comuns de comunicação entre os adolescentes e o conteúdo de seu interesse.
- ✦ Identificar se o conteúdo de interesse de comunicação entre os adolescentes está relacionado à divulgação de imagens íntimas e informações pessoais e se existe alguma correlação entre a televisão e esse tipo de comportamento.

PRIMEIROS PASSOS

O campo de pesquisa se constituiu em uma escola pública da rede estadual de Juiz de Fora onde eu atuava como especialista da educação básica ou supervisora pedagógica⁷, junto aos alunos do Ensino Fundamental. Recentemente me tornei diretora dessa escola. A opção por essa instituição se deu pelo fato de que nos últimos dois anos algumas situações envolvendo o uso de mídias digitais vêm acontecendo com frequência e interferindo no cotidiano dessa escola. Uma dessas situações me foi relatada pelo professor de educação física, que manifestou o interesse em fazer uma intervenção porque uma das alunas postou uma foto íntima que foi compartilhada na rede, gerando uma repercussão entre os alunos. Outro fato que me instigou para a delimitação desta escolha foi a ausência de discussão por parte dos professores sobre a interação dos alunos envolvendo mídias digitais para definir possíveis ações que pudessem favorecer momentos de reflexão com os alunos sobre o uso desses recursos.

Acredito que a escola precisa estar mais atenta aos seus alunos, conhecendo seus interesses e oferecendo momentos de reflexão sobre a utilização ética e social dos espaços digitais. Como situações variadas estão surgindo no ambiente escolar, decorrentes dos usos de comunicação utilizados pelos adolescentes, acredito que essa discussão faz parte da escola e não podemos nos omitir enquanto educadores.

⁷ O (a) Especialista da Educação Básica, ou supervisor(a) pedagógico, de acordo com a Secretaria de Educação de Minas Gerais, tem a função de orientar, acompanhar e auxiliar na avaliação do processo de ensino-aprendizagem na escola. Atua na coordenação e articulação do processo ensino-aprendizagem, sendo corresponsável, com a Direção da escola, na liderança da gestão pedagógica que deve ser o eixo a nortear o planejamento, a implementação e o desenvolvimento das ações educacionais. (*Guia do Especialista da Educação Básica*, SEE. MG). Na prática, além de acompanhar o processo educacional, atua na disciplina, substituição de professores em caso de faltas dos mesmos, projetos de intervenção na aprendizagem e no contato direto com alunos e comunidade.

Para me aproximar dos sujeitos-participantes busquei trabalhar através de grupo focal com aqueles que manifestaram interesse pelo tema da pesquisa. Para mobilizar as discussões, utilizei histórias em quadrinhos⁸ que abordam a comunicação através dos espaços digitais. Acredito ser este o diferencial desta pesquisa, pois através de recursos próximos à linguagem dos alunos participantes consegui uma participação espontânea e uma interação proveitosa, com a exposição de ideias e opiniões que enriqueceram o conteúdo dos registros e o estabelecimento de uma relação de confiança comigo enquanto pesquisadora.

Através da observação e da interação com os alunos foi possível captar as razões e as motivações das relações entre os sujeitos, dinâmica que “reflete os valores, símbolos e significados oriundos das diferentes instâncias socializadoras” (ANDRÉ, 1994, p. 39). No cotidiano escolar é importante conhecer como e por que essa dinâmica acontece a partir das relações estabelecidas também neste espaço de vivência e socialização. Ainda segundo André (1994), esse processo se materializa no cotidiano, quando o indivíduo se coloca na dinâmica de criação e recriação do mundo através das interações sociais.

Acredito que a relevância desta pesquisa está na possibilidade de servir como referência no ato de repensar o uso das tecnologias digitais – tão presentes na sociedade – no cotidiano escolar, além de auxiliar na reflexão sobre o processo de aproximação entre educadores e seus alunos, reconhecendo suas demandas de interação e socialização.

Neste trabalho, no primeiro capítulo, apresento minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, destacando as inquietações que me levaram à formulação da minha questão de pesquisa.

No segundo capítulo realizo um resgate histórico da evolução das formas de comunicação nos espaços digitais ocorrida nos últimos 30 anos, relacionada a pesquisas recentes que apresentam dados sobre a movimentação dos usuários brasileiros na Internet e nos recursos de comunicação que ela oferece.

No terceiro capítulo discorro sobre os novos modos de compreender dos jovens a partir das reflexões de Babin e Kouloumdjian (1989), Bauman (2004; 2012), Belloni (2001; 2004), Recuero (2009), Serres (2013), Martín-Barbero (2014) e Martino (2010); abordando também as formas de interação que os jovens e adolescentes utilizam a partir

⁸ Retiradas da cartilha Safer Dic@as em quadrinhos, disponível em: http://issuu.com/safernet-brasil/docs/cartilha_10principios_2012-singlepage/13?e=0. Acesso em: 04 set. 2014.

de seus aparatos eletrônicos com acesso à Internet. Esses autores propiciaram reflexões quanto à necessidade do reconhecimento das demandas comunicacionais dos jovens, das formas de interação que estes utilizam a partir dos recursos digitais e das possibilidades que tais recursos oferecem, a partir dos contextos social e cultural nos quais estão inseridos.

No quarto capítulo apresento o referencial metodológico utilizado, os instrumentos investigativos e os dados de contextualização do grupo participante deste trabalho.

No quinto capítulo realizo a descrição e análise dos registros realizados a partir dos encontros com os alunos. Por fim, apresento as considerações sobre o percurso desta pesquisa.

1

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS COMO IMPORTANTES MEIOS DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 RESGATE HISTÓRICO

Castells (2002), na obra *A Sociedade em Rede*, apresenta um registro do contexto histórico específico da trajetória da evolução tecnológica que precede nosso sistema atual com a difusão da tecnologia em aplicações comerciais e civis, com a acessibilidade cada vez maior e a custos reduzidos.

Segundo o autor, os primeiros registros e relatos de serviços que buscavam a socialização de dados surgem no ano de 1969, com o desenvolvimento da tecnologia *dial-up* e o lançamento de um serviço comercial de conexão à Internet em nível internacional muito propagado nos EUA, chamado *CompuServe*. A Internet nasceu em setembro de 1969 a partir da *ARPANET*, uma rede de comunicação que interligava quatro instituições: “Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Stanford Research Institute, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah” (CASTELLS, 2002, p. 83). Com essa rede de comunicação, os pesquisadores das Universidades colaboravam com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os cientistas usavam essa mesma rede para suas próprias comunicações, o que posteriormente dificultou a separação das comunicações sobre pesquisas para fins militares, das pesquisas científicas e das conversas pessoais. Em 1983 houve a divisão entre a *ARPANET*, direcionada então para comunicações científicas, e a *MILNET*, rede de comunicação direcionada para informações de aplicações militares. O autor afirma que o desenvolvimento das redes só foi possível devido aos avanços significativos na área da telecomunicação e na área das tecnologias de interação de computadores em rede, ocorridos na década de 1970.

Segundo D’Aquino (2012), o envio do primeiro e-mail, em 1971, também é considerado um passo importante nessa evolução da comunicação através da rede de Internet, sendo seguido sete anos mais tarde pela criação do *Bulletin Board System (BBS)*, um sistema

criado por dois estudiosos de Chicago para convidar seus amigos para eventos sociais e realizar comunicações pessoais. Para transmitir os dados eram utilizados um modem e linhas telefônicas. O autor ainda destaca que um fato marcante desse período foi quando a *America Online (AOL)*, em 1985, disponibilizou ferramentas para que os usuários criassem perfis virtuais em que podiam se descrever e criar comunidades para troca de informações e discussões sobre variados assuntos.

De acordo com Levy (1999), ao final dos anos 1980 e início dos anos 90, um movimento sociocultural originado pelos profissionais jovens das grandes metrópoles e das universidades americanas tomou rapidamente uma dimensão mundial:

Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde os anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram, então, com a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também, novo mercado da informação e do conhecimento. (LEVY, 1999, p. 32).

Castells (2002) complementa afirmando que a invenção da WWW deu-se na Europa no início da década de 1990, em um dos principais centros de pesquisas em Física do mundo, e foi inventada por um grupo de pesquisadores chefiados pelo inglês Tim Bernes-Lee e Robert Cailliau. O autor ainda esclarece que:

Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da Internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (world wide web – WWW), que organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas. (CASTELLS, 2002, p. 88).

Contribuindo para a descrição de Castells sobre a evolução da comunicação através do universo digital, O'Mahony (2012) destaca que a primeira SMS (*Short Message Service*) foi enviada no ano de 1992 a partir de um computador para um celular. No entanto, quem recebeu não podia responder também com uma mensagem, pois na época os celulares só possuíam teclado com números, sem o alfabeto. Ainda de acordo com a jornalista, o primeiro a enviar a mensagem foi o engenheiro britânico Neil Papworth e quem recebeu foi o diretor Richard Jarvis da *Vodafone*, uma empresa de telecomunicações. Naquela época não era possível imaginar que anos depois estariam disponíveis recursos em aparelhos móveis para

enviar mensagens com textos maiores, com imagens, vídeos e animações. Ainda menos se imaginava que os aparelhos celulares poderiam ter acesso à Internet com tanta facilidade.

No ano de 1994 surgiram as primeiras linhas que definiriam as redes sociais, com o lançamento do *GeoCities*. Segundo D'Aquino (2012), o objetivo desse serviço era fornecer recursos para que as pessoas pudessem criar suas páginas na web, sendo categorizadas a partir de sua localização. Ele chegou a ter 38 milhões de usuários e posteriormente foi adquirido pela *Yahoo!* e teve seu serviço encerrado em 2009. Os anos seguintes foram marcados como a era de expansão da Internet. Para facilitar a navegação surgiram vários navegadores, como o *Internet Explorer* da Microsoft e o *Netscape Navigator*. De acordo com Amante et al. (2014), a primeira rede social virtual surgiu em 1995, criada pelo norte-americano Randy Conrads, com o objetivo de reunir colegas do liceu e da faculdade. A partir de então outras surgiram como o *SixDegree*, em 1997, *Friendster*, em 2012; *My Space* e *Linkedin*, em 2003, além do *Orkut* e do *Facebook*. Por volta de 1997 a empresa *America Online (AOL)* disponibilizou um sistema de mensagens instantâneas, o pioneiro entre os chats e o *Messenger* utilizados atualmente.

A partir de 2004 uma nova era iniciou-se na Internet com o avanço das redes sociais, com o *Orkut* como um dos principais pioneiros que teve grande adesão pelos brasileiros. Nos anos seguintes surgiram outras redes sociais como, por exemplo, o *Flickr*, o *Twitter* e o *Facebook*, considerado hoje a maior e mais popular rede social.

De acordo com o manual da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), o *Facebook* se constitui como a maior e mais importante rede social e possui funcionalidades de diversos outros sites. Nessa rede é possível “montar a sua base de seguidores (a exemplo do *Twitter*) e fazer postagens sem limitações de caracteres. Soma-se a isso ainda a possibilidade de inserir fotos, vídeos e de se utilizar aplicações diversas” (SECOM, 2012, p. 15). O *Facebook* foi fundado em 2004 por Mark Zuckerberg e seus colegas na Universidade de Harvard, com o objetivo de promover encontro de informações e de pessoas, de acordo com as preferências dos usuários. De acordo com registros de pesquisas publicadas, em setembro de 2013 cerca de 250 milhões de usuários estavam ativos somente na América Latina.

O resgate histórico desse tópico nos mostra a evolução das mídias digitais e dos recursos de comunicação e interação virtual utilizados nos últimos anos. No próximo tópico serão apresentados dados de pesquisas recentes referentes aos usos dos dispositivos digitais no Brasil, principalmente por jovens e adolescentes.

1.2 A INTERNET NO BRASIL

Segundo Martino (2014), no Brasil, foi por volta de 1994-1995 que a Internet começou a ganhar espaço no cotidiano das pessoas. “A possibilidade de aquisição de computadores por parcelas cada vez maiores da população, contribuiu para o crescimento do uso da rede no país.” (MARTINO, 2014, p. 13). Ainda segundo o autor, a partir de 1995, as mídias digitais e a Internet passaram a compor o dia a dia da população, inicialmente através do uso de computadores e, num segundo momento, através dos celulares, tablets, notebooks e smartphones.

Pesquisas realizadas nos últimos anos nos apresentam informações significativas quanto ao uso da rede e das formas de comunicação que ela proporciona. Dados da pesquisa realizada pela empresa IBOPE MEDIA⁹, divulgada em 2011, destacam que o número total de pessoas com acesso à Internet em qualquer ambiente (domicílios, trabalho, escolas, *lan houses* ou outros locais) atingiu 82,4 milhões no primeiro trimestre de 2012. O crescimento foi de 3% sobre os 79,9 milhões do trimestre anterior e de 5% sobre os 78,2 milhões do primeiro trimestre de 2011. Outros dados apontam que o número de usuários ativos em casa ou no local de trabalho em abril de 2012 foi de 48,9 milhões, o que significou um crescimento de 14% sobre os 42,8 milhões de abril de 2011 (IBOPE, 2012).

A mesma empresa afirmou, em julho de 2013, que a população brasileira possuía grande acesso aos aparelhos móveis. Segundo outra pesquisa realizada entre os meses de janeiro e julho de 2013 (IBOPE, 2013), o número de pessoas com 10 anos ou mais que possuem smartphones com acesso à Internet cresceu 42%, chegando a 25,5 milhões de usuários, nada menos que 15% da população.

Dados divulgados pelo site Convergência Digital¹⁰, em 2014, apontaram o Brasil na 34ª posição no ranking dos países bem preparados para absorver o próximo bilhão de usuários da Internet. O levantamento indicou ainda que 97% dos brasileiros com acesso à Internet

⁹ Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2014.

IBOPE MEDIA é uma empresa de pesquisa de mídia na América Latina, que oferece soluções em audiência, investimento publicitário e planejamento de campanhas. Há 72 anos, a empresa disponibiliza informações que contribuem para decisão nos negócios de mídia buscando a evolução do consumo dos meios, em diferentes plataformas (IBOPE, 2014a).

¹⁰ Informações disponíveis em: <http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=38667&sid=16#.VJXGdiaceA>. Acesso em: 19 jan. 2015.

utilizam as redes sociais, um percentual 27% maior que a média mundial. Com a facilidade de consumo dos aparelhos de mídias móveis e de uso da Internet, não nos surpreende o resultado de outra pesquisa realizada também pelo IBOPE MEDIA, em 2014, que indicou que a presença dos mais novos na Internet cresceu 50% de 2003 para 2013, saltando de 35% para 85%. Além desse dado, a pesquisa apontou o jovem brasileiro como “multimeios”, já que 61% deles afirmou utilizar mais de um recurso de comunicação ao mesmo tempo. Outro dado relevante indicou que 17% dos jovens residentes nas principais capitais brasileiras e regiões metropolitanas têm pelo menos um tablet em casa e, entre aqueles que possuem telefone celular, 47% têm smartphone (IBOPE, 2014b).

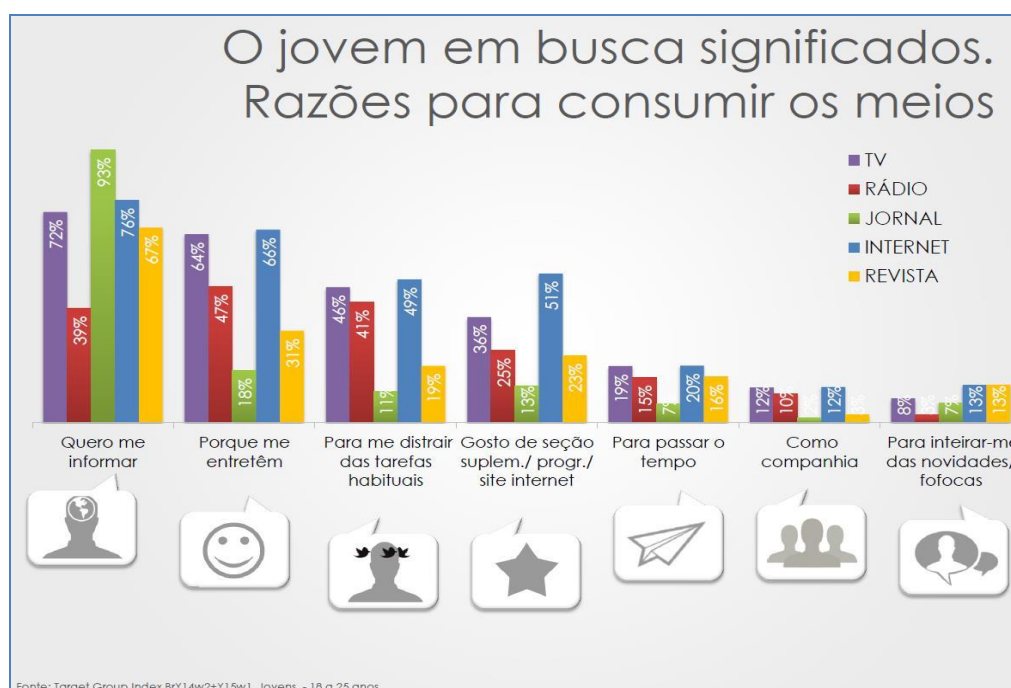


Figura 1 – Interesses dos jovens brasileiros na internet

Fonte: IBOPE (2014a, on-line).

O quadro apresentado aponta que 76% dos jovens brasileiros usam a Internet para se informarem; com o mesmo objetivo, 93% buscam a leitura de jornais e 72% assistem a TV. Em todas as opções de escolha para os usos das mídias de comunicação, os jovens entrevistados apontaram a Internet como opção significativamente mais votada: 66% usam a Internet como entretenimento e 49% a usam como distração de tarefas habituais.

Uma pesquisa mais recente, realizada pela já citada SECOM, por meio da *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015* (BRASIL, 2015) publicada em 19/01/2015, confirma alguns dados apresentados anteriormente no que se refere ao grande número de usuários de Internet no

Brasil e ainda relaciona a utilização dos recursos tecnológicos e a renda dos usuários ao tempo de uso semanal.

Os dados mostram que 65% dos jovens com até 25 anos acessam internet todos os dias. [...] Entre os entrevistados com renda familiar mensal de até um salário mínimo (R\$ 724), a proporção dos que acessam a internet pelo menos uma vez por semana é de 20%. Quando a renda familiar é superior a cinco salários mínimos (R\$ 3.620 ou mais), a proporção sobe para 76%. Por sua vez, o recorte por escolaridade mostra que 87% dos respondentes com ensino superior acessam a internet pelo menos uma vez por semana, enquanto apenas 8% dos entrevistados que estudaram até 4ª série o fazem com a mesma frequência. (BRASIL, 2015, p. 49).

Essa pesquisa ainda acrescenta que entre as redes sociais e aplicativos de trocas de mensagens instantâneas mais utilizadas estão o *Facebook* (83%), *WhatsApp* (58%), o *Instagram* (12%) e o *Google+* (8%). Já o *Twitter*, muito usado por políticos e formadores de opinião, só foi citado por 5% dos entrevistados.

A simultaneidade e a convergência de mídias estão presentes na vida desses jovens e os recursos digitais são acessados por meio da Internet com tal naturalidade que estão redefinindo os modos de interação entre os usuários. Formas diversas de comunicação, através de mensagens, imagens ou dos vídeos on-line, já se tornaram uma nova forma de escrita e de comunicação via web, oportunizadas pelos aparelhos móveis com incontáveis recursos, editores de vídeos ou imagens e aplicativos cada vez mais inovadores. A facilidade de conexão dos usuários, aliada às práticas culturais e sociais contemporâneas, torna o cenário midiático e os relacionamentos virtuais muito interativos e atrativos, principalmente para o público jovem que, segundo as pesquisas descritas, compõe o grande número de usuários da web. Assim, é possível afirmar que todo esse aparato tecnológico acessível e híbrido influencia os modos de ser, de compreender e de se relacionar dos jovens da contemporaneidade.

1.2.1 A Internet entre os adolescentes brasileiros

A Cetic.org¹¹ realiza desde 2010 uma pesquisa denominada de “TIC e Educação”, que busca avaliar a infraestrutura das escolas públicas e privadas em áreas urbanas e em relação

¹¹ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, que realiza pesquisas com o patrocínio da Unesco, com o objetivo de cooperar com países da América Latina, buscando auxiliar na construção de sociedades de conhecimento mais inclusivas. Disponível em: <http://cetic.br/>. Acesso em: 18 mar. 2016.

ao uso das tecnologias e sua apropriação nos processos educacionais. O levantamento é feito junto a alunos, professores de português e matemática do Ensino Fundamental e Médio, coordenadores pedagógicos e diretores. Além da pesquisa já citada, a Cetic.org também realiza a pesquisa “TIC Kids online”, que gera indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem da Internet. Esse trabalho ainda visa entender a percepção dos adolescentes em relação à segurança on-line e perceber as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da Internet.

Dados divulgados em 2015, tanto pela pesquisa TIC e Educação quanto pela TIC Kids online, apontam informações relevantes, principalmente porque abrangem a faixa etária de alunos adolescentes (também considerados neste trabalho) considerando o perfil de uso de computadores e da Internet, as habilidades no uso dessas tecnologias e as atividades escolares realizadas. Os gráficos a seguir mostram os resultados mais recentes:

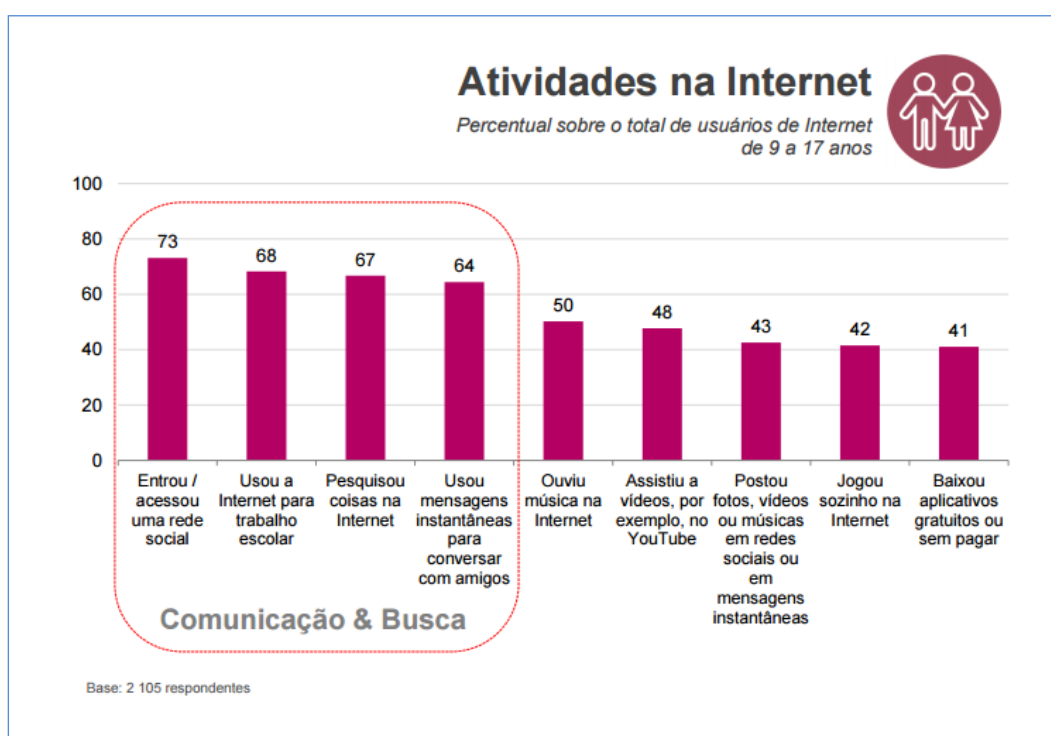


Figura 2 – Atividades na Internet entre os adolescentes

Fonte: <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/analises>

O quadro destacado no gráfico apresenta que 73% dos entrevistados entre 9 e 17 anos, ao entrarem na Internet, acessam redes sociais, demonstrando ser esse um interesse principal considerando o parâmetro comunicação e busca. Outro ponto de destaque é que 68% dos entrevistados acessam ou já acessaram a Internet para a realização de trabalhos escolares e

67% utilizaram para realizar pesquisas. É interessante salientar que o percentual para utilização com a finalidade de trabalhos escolares é bem próximo ao uso visando acesso às redes sociais.

O gráfico a seguir apresenta uma comparação entre os dados referentes aos anos de 2013 e de 2014 sobre os equipamentos utilizados pelos adolescentes e jovens para o acesso à web:

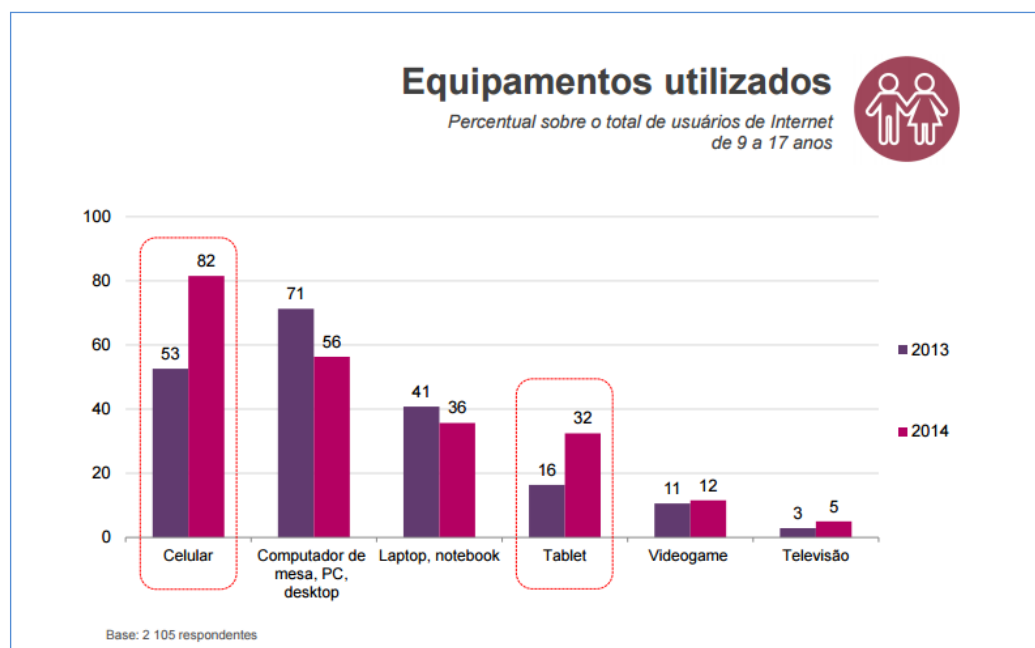


Figura 3 – Equipamentos utilizados pelos adolescentes para acesso à Internet

Fonte: <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/analises>

Por meio dos dados apresentados é possível perceber que houve um aumento de 29% de usuários que acessam a Internet pelos celulares de um ano para o outro, e também um aumento de 16% de usuários que realizam o acesso através de tablets. Já em relação ao uso de computadores de mesa, houve um decréscimo de 15%, o que demonstra que os usuários passaram a preferir aparelhos que oferecem a mobilidade de acesso à Internet.

O gráfico a seguir apresenta os resultados da pesquisa sobre o uso das redes sociais em que os adolescentes e jovens têm um perfil próprio. Os resultados apresentam variações de acordo com a faixa etária dos entrevistados.

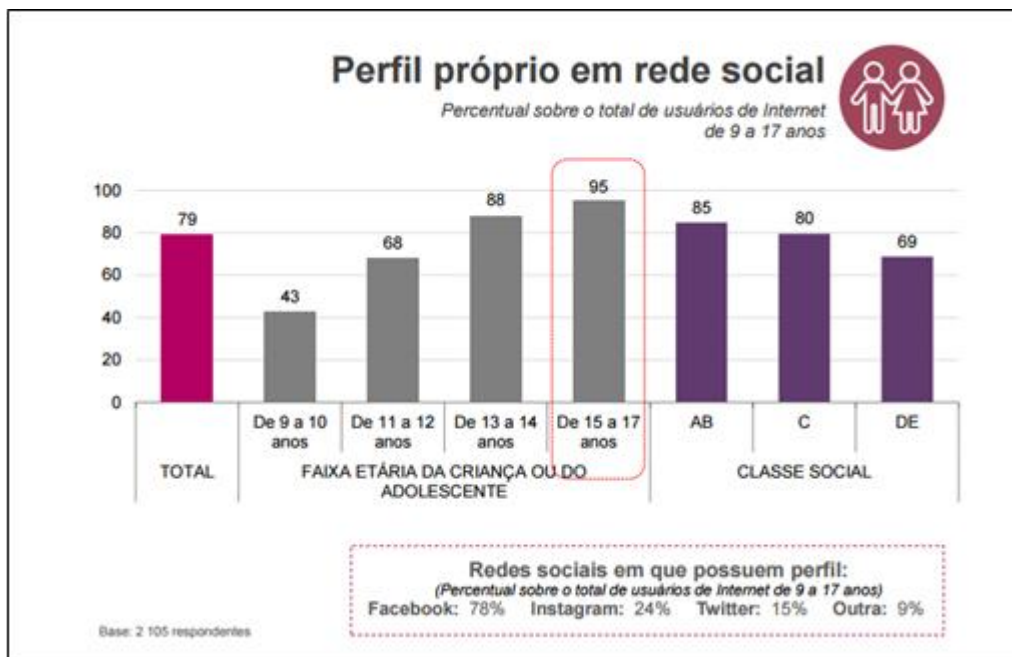


Figura 4 – Adolescentes com perfil próprio nas redes sociais

Fonte: <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/analises>

O gráfico mostra que 95% dos adolescentes entre 15 e 17 anos possuem um perfil nas redes sociais, assim como 88% dos adolescentes entre 13 e 14 anos. Em relação à faixa etária entre 11 e 12 anos, considerada criança de acordo com o art. 2 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 2008), 68% afirmaram ter perfil em redes sociais. É interessante ressaltar que, de todos os entrevistados, 78% afirmaram ter um perfil no *Facebook*, que tem como regra a idade mínima de 18 anos para registrar os usuários; o que me leva a crer que todos que registraram seu perfil omitiram a idade ao se cadastrarem.

A seguir, apresento um gráfico que trata do uso de informações pessoais nas redes sem a aprovação do usuário e que demonstra que um percentual significativo de adolescentes já passou por tal situação.

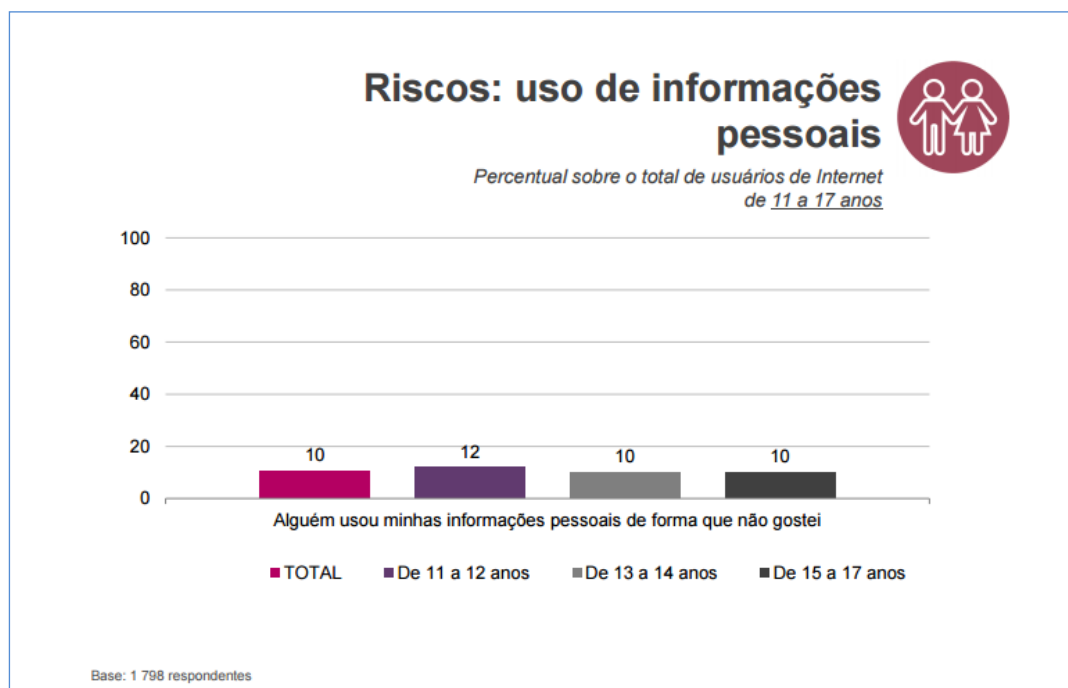


Figura 5 – Usos de informações pessoais dos adolescentes por terceiros

Fonte: <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/analises>

Ao analisar os dados divulgados¹² neste ano, da pesquisa TIC e Educação, resgatei os que se referem a um contexto próximo ao meu foco de pesquisa, ou seja, adolescentes do sexo feminino e masculino que estudam na rede pública estadual, que residem na região sudeste e que cursam o Ensino Fundamental II.

No contexto descrito acima, destaco os seguintes resultados, considerando o ano base 2014:

- 98% dos adolescentes entrevistados afirmaram ter acesso à Internet;
- 81% acessam a Internet com frequência;
- 85% acessam a Internet pelo telefone celular;
- 98% acessam o *Facebook* e 44% o *Instagram*;
- 73% afirmaram utilizar a Internet para trabalhos em grupos ou realização de tarefas colaborativas.

Nesta pesquisa, os dados apresentados também indicam que um alto percentual de adolescentes utiliza a Internet com frequência significativa para se comunicarem nas redes

¹² Pesquisa TIC Educação 2014, disponível em: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Aluno&ano=2014. Acesso em: 12 mar. 2016.

sociais e também para realizarem trabalhos escolares, reafirmando o fato de que os adolescentes estão se conectando cada vez mais e acessando informações através dos aparelhos móveis com acesso à Internet.

Tais informações serão úteis para estabelecer um parâmetro de comparação com os dados coletados com o grupo participante da pesquisa que apresento no quarto capítulo.

No próximo capítulo abordo como alguns autores percebem esses novos modos de ser, de aprender e de se comunicar dos adolescentes e jovens a partir dos usos das mídias e dos espaços digitais.

2

NOVOS MODOS DE COMPREENDER

2.1 NOVOS MODOS DE SER E DE COMPREENDER DOS JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE

Pierre Babin foi um teórico da comunicação com grande contribuição para o campo da Educação e Comunicação, que considerava a linguagem audiovisual muito mais que um simples instrumento pedagógico. Em seu livro *Os novos modos de compreender* (1989) ele apresenta questões referentes às mudanças na forma de comunicar e interagir muito presentes no século XXI, sendo necessário acrescentar aos instrumentos eletrônicos citados no livro os computadores, smartphones e tablets da atualidade.

Nesta obra o autor faz uma reflexão sobre o comportamento dos jovens, ressaltando que na década de 1980 já se assistia à ascensão de um novo modo de ser e de pensar na sociedade, sendo a música um dos sinalizadores significativos dessa mudança. O autor ressalta que o fone de ouvido já era uma imagem sugestiva, não da revolta das gerações, mas da distância entre elas. Na época, ele se referia ao uso de *walkmans*, e hoje é o uso dos fones de ouvido dos celulares que é considerado, pelos professores, como fator de indisciplina no cotidiano da escola, indicando desrespeito e o desinteresse pelas aulas por parte dos alunos. Entretanto, Quadros (2013) percebe esse uso de aparelhos sonoros portáteis como marca da identidade dos jovens:

Estes artefatos podem ser tomados como marcas identitárias de uma determinada juventude para a qual o uso dos mais variados tocadores de áudio portáteis e seus acessórios constitui manifestações simbólicas de seu pertencimento às culturas juvenis urbanas contemporâneas. (QUADROS, 2013, p. 2).

Conhecer os adolescentes e jovens, suas marcas identitárias, suas demandas comunicacionais e espaços digitais pelos quais transitam, são objetivos que direcionam o caminho que conduz esta pesquisa. Essa geração que a escola recebe tem características próprias que foram mudando muito nos últimos anos. Babin e Kouloumdjian (1989) já

afirmavam, na época em que os jovens eram apontados como a geração da TV nos anos 1980/90, que para se efetuar uma comunicação eficiente entre a geração dos pais e dos jovens era necessário experimentar outra forma de comunicar a partir da inserção ao que é novo.

Trazendo para a contemporaneidade essa exortação, trata-se da ampliação de nossos sistemas de percepção e nosso funcionamento intelectual junto aos espaços digitais de informação e comunicação disponibilizados atualmente. Sabemos que os artefatos tecnológicos estão presentes em nossas vidas e nas relações cotidianas, e sabemos também que os mais jovens têm maior agilidade em manusear tais artefatos, o que não significa que os adultos não tenham a capacidade de também manuseá-los. O fato é que as gerações mais jovens nasceram imersas numa sociedade totalmente digital e conectada, o que favorece a desenvoltura com os aparatos eletrônicos.

Martín-Barbero (2004), ao escrever sobre as possíveis divergências de gerações e sobre o que há de novo na juventude atual, destaca as considerações da antropóloga americana Margarete Mead:

Nossos pensamentos nos levam ao passado, ao mundo que existia na época da nossa infância e juventude, nascidos e criados antes da revolução eletrônica, a maioria de nós não entende o que isso significa. Os jovens da nova geração são, no entanto, como os membros da primeira geração nascida em um país novo. Devemos aprender junto com os jovens a forma de dar os próximos passos. Mas para proceder dessa forma, devemos mudar o futuro. De acordo com os ocidentais, o futuro está à frente de nós. De acordo com muitos povos da Oceania, o futuro se localiza atrás, não à frente de nós. Para construir uma cultura em que o passado seja útil e não limitador, devemos localizar o futuro [em um tempo] entre nós, como algo que está aqui pronto para que o ajudemos e o protejamos antes que aconteça [de fato], porque se ocorrer o contrário será muito tarde. (MEAD apud MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 1; tradução nossa).¹³

Quando no trecho citado a autora afirma que devemos colocar o futuro entre nós como algo que está aqui pronto para nos ajudar, se refere às mudanças que não acontecem repentinamente, principalmente quando se trata das tecnologias; elas vão acontecendo na medida em que os usos destes recursos vão sendo aprimorados e atualizados. Segundo Babin

¹³ Trecho original: “[...] nuestro pensamiento nos ata todavía al pasado, al mundo tal como existía en la época de nuestra infancia y juventud, nacidos y criados antes de la revolución electrónica, la mayoría de nosotros no entiende lo que ésta significa. Los jóvenes de la nueva generación, en cambio, se asemejan a los miembros de la primera generación nacida en un país nuevo. Debemos aprender junto con los jóvenes la forma de dar los próximos pasos; Pero para proceder así, debemos reubicar el futuro. A juicio de los occidentales, el futuro está delante de nosotros. A juicio de muchos pueblos de Oceanía, el futuro reside atrás, no adelante. Para construir una cultura en la que el pasado sea útil y no coactivo, debemos ubicar el futuro entre nosotros, como algo que está aquí listo para que lo ayudemos y protejamos antes de que nazca, porque de lo contrario, será demasiado tarde.” (MEAD apud MARTÍN-BARBERO, 2002, p.1).

e Kouloumdjian (1989), as tecnologias não agem como uma explosão, mas como uma fonte cuja água penetra lentamente em um terreno. Considerando o terreno como a sociedade brasileira, pesquisas atuais mostram como está acontecendo a inserção dessas tecnologias entre as pessoas e, mais especificamente, entre os jovens. Na citação acima, os jovens são comparados a uma nova geração em um novo país que ousa avançar em um território desconhecido, ávido por novas descobertas. Assim são os jovens e seus aparatos eletrônicos, sem receio de aprender a utilizar, ousando descobrir novas possibilidades e usos. Dados citados no capítulo anterior apresentam uma população brasileira com grande acesso aos aparelhos eletrônicos móveis, principalmente celulares, o que possibilita as mudanças nas formas de interagir e de se comunicar que se constituem também como importantes traços identitários da geração mais jovem.

As pesquisas citadas anteriormente apontam um crescimento significativo do número de pessoas com 10 anos ou mais com acesso a smartphones. Esses aparelhos apresentam possibilidades significativas de comunicação e de acesso a informações a partir da conexão com a Internet, e são essas crianças e adolescentes que estão chegando às nossas salas de aula.

Nesse sentido, Babin e Kouloumdjian (1989) afirmam que o meio tecnológico moderno, em particular a invasão das mídias e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida cotidiana, produz progressivamente um outro comportamento intelectual e afetivo. Tal afirmação pressupõe novos modos de ser e de compreender das pessoas, uma vez que o ambiente tecnológico não está relacionado aos aparelhos e às mídias somente, mas também a um conjunto das infraestruturas sociais, políticas e administrativas. Os autores consideram o meio tecnológico como uma rede imensa que caiu sobre nós e cujas malhas, invisíveis, determinam nossa vida.

Ao destacar a mobilidade tecnológica como uma característica da sociedade moderna, Lemos (2011) aponta a importância da mesma para a análise do espaço urbano e da sua própria evolução, considerando as primeiras organizações sociais até chegar às cidades da era industrial do século XX, com a grande expansão dos meios de transporte e das mídias de massa. Atualmente, a cidade moderna e informacional do século XXI tem como princípio fundamental a cultura da mobilidade de informações, objetos, tecnologias e pessoas:

As mídias expandem nossa compreensão de mundo e de nós mesmos, produzindo subjetividade. Elas ampliaram o genérico “outro” e a relação que estabelecemos com o lugar, dada a visão expandida de outros lugares (pela experiência ou pelas mídias). Desde sempre, mídias produzem espacialização e subjetividade, historicizando-se pela escrita; vindo depois

os jornais, o rádio, o telefone, a tevê e, hoje, a internet e as mídias digitais. (LEMOS, 2011, p. 24).

Essa evolução das formas de registro escrito e de comunicação, intensificada pelas mídias na sociedade, influencia a constituição da cultura, nos modos de interação entre as pessoas e no processo de produção do conhecimento. Segundo Martín-Barbero (2014), a cada dia é mais visível a divergência das culturas que se chocam dentro da escola. De um lado se localiza o saber instrucional, que considera o professor como aquele que detém o conhecimento e o aluno como aquele que personifica a ignorância, situação de onde se constitui a autoridade escolar. Do outro lado existem os alunos com um potencial de saberes originados da experiência cultural “imersa no corpo inteiro na terceira dimensão do digital” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 126).

O autor complementa, através de uma perspectiva histórica, ser possível constatar que no centro da atual revolução tecnológica pode-se encontrar uma mudança significativa nos modos de circulação e de produção do saber que não podem ser ignorados pela escola. Silva (2009) afirma que os jovens da contemporaneidade apresentam facilidade em lidar com a diversidade de conexões de informações através das telas digitais e são capazes de produzir, modificar e partilhar conteúdos diversos. Todas essas possibilidades demonstram uma necessidade de uma sala de aula mais dinâmica em todos os segmentos da educação.

É importante ressaltar que a facilidade e agilidade de usos dos recursos e aparelhos digitais são uma característica marcante dos adolescentes e jovens da contemporaneidade, o que não significa que grande parte dos adultos, ou gerações mais maduras, não tenha o mesmo interesse. Como o foco da pesquisa está na escola e nos adolescentes que ela recebe, destaco as características e peculiaridades desse segmento e as minhas percepções enquanto pesquisadora. Dentre essas percepções, ressalto que mesmo que os professores estejam também presentes no mundo da comunicação digital, ainda há uma resistência em inserir no cotidiano escolar os saberes, interesses e os conhecimentos dos alunos sobre os espaços digitais, como recursos e possibilidades pedagógicas.

No próximo tópico discorro sobre os modos de ser e pensar dos jovens a partir dos usos dos dispositivos digitais.

2.2 USOS DOS DISPOSITIVOS DIGITAIS NOS MODOS DE SER E PENSAR DAS NOVAS GERAÇÕES

Mais uma vez Babin e Kouloumdjian (1989) podem ser usados como referência na discussão acerca da influência das mídias digitais no comportamento das pessoas, a partir de suas reflexões no livro *Novos modos de compreender*. Tal referência se faz necessária porque os autores descrevem com muita clareza, caracterizando os novos modos de compreensão após anos de impregnação da televisão, do cinema, de diferentes aparelhos eletrônicos, citando alterações na forma de falar, agir e se comunicar dos mais jovens. Eles afirmam que a civilização eletrônica acelera os ritmos, o que é percebido nas músicas, tocadas com mais rapidez que antes. A quantidade de informações que atinge os jovens os coloca numa situação de submersão e os impede de concentrar-se num ponto específico, levando-os a uma dispersão da reflexão. Indivíduos adultos nem sempre são capazes de fixar a atenção em pontos que os jovens são extremamente concentrados, claro que considerando seus interesses, como em jogos virtuais, sites de relacionamentos e de músicas, além de se moverem com desenvoltura nos espaços digitais. No entanto, Babin e Kouloumdjian (1989) também apontam que é difícil para os jovens concentrarem-se em conceitos e discursos que não se relacionem com ritmos, imagens, sons e vibrações. Percebe-se a ausência de atenção, mas não para a televisão, considerando a década de 1980, e atualmente para o computador, para os jogos eletrônicos e aplicativos de celular relacionados a redes sociais, que despertam a atenção pelas cores, imagens, sons e possibilidades de interatividade.

Analisando o comportamento das pessoas influenciado pelos usos possíveis a partir das conexões e das interações, graças aos recursos dos celulares sempre conectados à rede, Bauman (2004) destaca que estes aparelhos são para pessoas em movimento. O brilho da tela, os dedos ágeis digitando e trocando de telas, respondendo às chamadas e mensagens, mesmo quando o indivíduo está em deslocamento, amplia a capacidade de comunicação. “Estando com o seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro, jamais trancado em um lugar.” (BAUMAN, 2004, p. 54).

A superficialidade em relação às informações acessadas através dos recursos de mídia também é destacada por Babin e Kouloumdjian (1989). Descrevendo pesquisas realizadas com adolescentes na França relacionadas ao tempo em que passam em frente à televisão, concluem que o excesso de informações às quais os adolescentes têm acesso são superficiais. Consideraram a televisão como uma janela aberta, pela qual “olha-se sem ver” (p. 27). Essa

superficialidade do acesso a informações pelos jovens se faz presente na atualidade? A tela do computador ou do smartphone também pode ser essa janela aberta por onde se olha sem ver?

Bauman (2004, p. 55) já afirmou que “com tempo suficiente, os celulares treinariam os olhos a olhar sem ver”, o que afetaria significativamente as formas de se relacionar em sociedade. O autor destaca que quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado o usuário dedicar às conexões e acessos virtuais, menos interesse terá na aquisição de habilidades para a proximidade não virtual. Essas habilidades podem cair em desuso, serão evitadas ou serão usadas com relutância.

Além da comodidade das conexões virtuais possibilitadas pelos recursos de mídia, outro ponto destacado agora por Babin e Kouloumdjian (1989), que pode influenciar o comportamento dos indivíduos, se refere à questão da passividade diante das mídias. Como os autores se referem ao contexto da década de 1980, abordam a questão da passividade não referente apenas ao fato de se assistir à televisão ou de se estar exposto a inúmeras mídias, mas do poder de impacto dessas mídias mantidas pela sociedade ser muito influente para a subjetividade das crianças. Considera-se que um terço do fenômeno da passividade é direcionado pelas mídias e pelas disposições psicológicas dos receptores e dois terços pela pressão de um ambiente social e educativo pouco personalizado.

O que torna passivo e essencialmente passivo é a conformidade ao sistema, sem poder de crítica ou de interiorização. Qualquer que fosse o sistema político, nunca nossa sociedade teve uma influência tão forte e violenta. (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p. 31).

Hoje alguns autores afirmam que é questionável essa passividade se apresentar da mesma forma. Porto (apud MARTINO, 2010) destaca que as novas gerações têm novos modos de se envolver com as questões atuais, pois já nasceram sob a influência dos meios de comunicação de massa e já criaram outros códigos para o envolvimento com esses meios.

Martín-Barbero (2014) ressalta que as mudanças tecnológicas nas transformações da televisão favorecem, por um lado, o acesso a informações e imagens globais e, por outro, a constituição de movimentos sociais de democratização que, através das tecnologias como câmera portátil, celulares, cabos e transmissores de sinais, contribuem para a convergência de transformações tecnológicas com o surgimento de inovadoras formas de exercer a cidadania.

Nesse sentido, Belloni (2001, p. 63) afirma que a construção da sociedade democrática se faz com a cidadania definida na era da cibercultura de massa, como uma postura que exige a articulação de diferentes lógicas: “O cidadão de hoje é consumidor e usuário de objetos e

serviços, inclusive virtuais; e também sujeito e objeto do processo de comunicação, e é nestes espaços ou fóruns que ele pode exercer – ou não – seus direitos”.

Nesse sentido, Pereira (2011) complementa afirmando que:

A Internet é um instrumento que tem sido utilizado e aprimorado pelos movimentos sociais e que tem promovido mudanças nos repertórios adotados através de novos meios de publicização de informações, novas formas de comunicação e coordenação de mobilizações, através da combinação com outras ferramentas que continuam a ser utilizadas, tais como o fax, o telefone, a mídia impressa, assim como manifestações presenciais. (PEREIRA, 2011, p. 12).

Assim, de acordo com os autores, com o avanço da Web 2.0, o usuário dos espaços digitais tem a possibilidade da interatividade, de escolha diante da rede e de mobilização através das mídias digitais. O acesso às mídias variadas, principalmente celulares e computadores com Internet, cada vez mais sedutores aos jovens, oferece oportunidade de contato com informações, além de mobilizações sociais, culturais ou políticas. Ainda segundo Belloni (2001), relativizam a subordinação aos adultos:

Uma consideração fundamental [...] é que os sujeitos do processo de socialização, os alunos de nossas escolas, são crianças e jovens, portanto um grupo social definido, com papéis e comportamentos específicos, que lhes são atribuídos pela sociedade. Nas sociedades capitalistas contemporâneas estes papéis se definem por duas características principais: subordinação aos adultos (bastante relativizada pela frequência às mídias no que se refere ao imaginário e à informação) e a importância frequente como fatia do mercado de consumo. (BELLONI, 2001, p. 56).

Em outro trecho do texto a autora faz reflexões sobre a relação desigual entre mídia e infância, ressaltando que crianças e jovens são sujeitos em formação e passíveis de influência, não apenas pelos conteúdos variados e mensagens aos quais têm acesso, mas também pela necessidade de desenvolvimento de habilidades cognitivas relacionadas aos usos dos aparelhos e máquinas eletrônicas. Segundo Belloni (2001), cabe a todas as instituições de socialização, principalmente à escola, trabalhar para e com todas as mídias, visando à formação para a cidadania.

No entanto, essa formação para a cidadania considerando o uso das mídias vai depender da concepção de educação que fundamenta as ações políticas desse setor. Se os educadores acreditam na educação enquanto emancipação, é necessário trabalhar buscando uma “integração criativa [...] destas tecnologias de informação que tanto nos preocupam [...] e

nos solicitam enquanto cidadãos e consumidores” (BELLONI, 2001, p. 55). O trabalho com as mídias de forma a não se restringir a aspectos operacionais ou instrumentais, mas considerando também aspectos reflexivos e críticos do uso, como recursos de comunicação com grande potencial de mobilização, é um caminho possível para buscar a emancipação citada anteriormente.

Além de procurarmos entender os usos dos jovens no que se refere aos espaços digitais, é importante também buscarmos entender a linguagem utilizada por eles.

2.3 A LINGUAGEM DA GERAÇÃO MAIS JOVEM

Quando se quer descobrir os sinais de uma nova cultura, nada é tão sugestivo como ouvir a juventude e certos educadores atentos, que procuram seguir as evoluções em curso.

Pierre Babin

Ao analisar o comportamento relacionado aos usos de dispositivo digitais, Belloni (2004) afirma que os jovens e as crianças incorporam facilmente as inovações tecnológicas quando têm acesso a elas, porque estão incorporando os elementos de seu universo de socialização. Interagindo com seus pares, tudo é novo e está disponível para ser acessado, apreendido e apropriado, desde “o conhecimento científico, os dispositivos tecnológicos, ou a violência sem limites nem perdão dos morros” (p. 02). Sendo assim, a melhor forma de conhecer as especificidades técnicas dos meios de comunicação e informação da modernidade, e colocá-los a serviço da educação das novas gerações, é interagindo com os jovens. A partir dessa interação, conhecer como eles se apropriam, utilizam e integram as tecnologias em seu cotidiano, e como percebem sua relação com elas.

Babin e Kouloumdjian (1989) fazem uma análise sobre o choque de gerações mediado pelas evoluções da tecnologia, principalmente no contexto da escola. Os autores, já na década de 1980, consideravam existir um divórcio geral entre o professor, o aluno e o conteúdo do ensino, afirmando que o início dessa separação pode ser datado por volta do início dos anos 1960, para os alunos que entravam na 6ª série. Depois, apontam que tudo se deteriorou ao mesmo tempo: a capacidade de redigir, de refletir sobre os fatos literários, o material dessa reflexão etc. Nesse contexto, eles consideram que, imperceptivelmente, a televisão e os jogos

eletrônicos impregnaram a linguagem dos jovens, tornando-a mais distante da linguagem utilizada no ambiente escolar.

Essa impregnação perpassa a mudança na maneira de falar, pois os jovens passaram a se comunicar com frases breves, expressões pesadas e sonoras, onomatopeias, acentuação vigorosa e ritmos irregulares, palavras e orações inacabadas, supressões de artigos, pronomes e verbos. Consequentemente, essa mudança se refletiu na escola, na produção escrita. O autor destaca a *mixagem* como o termo que melhor define a fala utilizada, com a redução e o empobrecimento do vocabulário e um significativo desprezo pela escrita, caracterizando-a como sem consistência, comparando-a a determinados programas de televisão.

É interessante que a caracterização da linguagem realizada por Babin e Kouloumdjian (1989) em relação aos jovens na década de 1980 não está muito distante da linguagem utilizada atualmente:

- Fala inacabada e “escrita descosida” (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p. 65), abreviações sugestivas, repetições, barulhos com a língua, tudo acompanhado de gestos e até sessões de mímica inesperada que pontuam a frase ou suprem as palavras que faltam.
- Passagem do texto ao contexto, considerando que quando os jovens falam, suas frases adquirem sentido pela expressão corporal, o tom de voz e a mímica. A linguagem enche-se de contexto e esvazia-se de texto.
- Os jovens não gostam de ler, não encontram prazer na leitura, embora ainda existam aqueles poucos que continuam a ser do tipo que apreciam a literatura.
- Visuais: os jovens leem o que podem visualizar e se desinteressam por livros demasiado conceituais. Necessidade de ver para compreender. Na verdade, o vocabulário deles precisa enraizar-se na percepção sensorial, visual e sonora. “A geração da televisão exprime o que vê, exprime da maneira como vê e ouve.” (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p. 68).
- A invasão do poético: gosto pelas canções, poemas, grafismo e desenhos como forma de expressão. Hoje, imagens e fotos.
- As conexões: imagem global. O que conta é a visão do todo e não a ligação entre as partes desse todo. “O que predomina é a visão subjetiva e global” (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p.71).

Ao caracterizar dessa forma a constituição da linguagem dos jovens influenciados pelas mídias e avanços tecnológicos, o autor considera que muitos da nova cultura, excitados pela infinidade das combinações sonoras e visuais, sentem a necessidade de uma linguagem mais livre, mais imaginativa, mais rápida. Martín-Barbero (2014, p. 79) completa a afirmação de Babin e Kouloumdjian quando aponta que a tecnologia nos remete não só às novidades de recursos e aparelhos eletrônicos, mas também “a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras”.

Ao analisar o comportamento e a linguagem dos jovens da modernidade, Serres (2013) os denomina de “Polegarzinha”, pois os mesmos acessam seus aparelhos eletrônicos com seus polegares agilmente capazes de escrever e enviar mensagens de textos e imagens, além de acessarem informações com grande desenvoltura. Serres descreve e caracteriza a “Polegarzinha” através de metáforas, retratando-a sentada em frente ao seu computador, como se sua cabeça estivesse à frente dela com todas as informações disponíveis nessa tela, ou mesmo nas mãos, quando usa seus tablets ou smartphones. Não precisa ocupar seu espaço dentro da cabeça com os dados, mas com as conexões desses dados, e é como se “nossa inteligência saísse da cabeça ossuda e neuronal [...]; nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada” (SERRES, 2013, p. 36) que oferece a fascinação das conexões ilimitadas. Como nos descreve Serres:

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam, nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. (SERRES, 2013, p. 19).

O autor nos apresenta uma geração que possui uma facilidade em usar a tecnologia em seu cotidiano com muita naturalidade, para acessar informações e interagir com seus pares. Belloni (2004), em sua pesquisa sobre como os jovens se apropriam das tecnologias, nos apresenta informações que confirmam essas características e nos aponta outros dados significativos. Belloni apresenta dados que apontam que as práticas mais frequentes dos jovens os mostram só em frente às telas, mas não solitários, já que a metade dos entrevistados em sua pesquisa afirma usar a Internet com os amigos. Ainda de acordo com a autora, a interação com os pares mediada pelos recursos digitais se faz presente, através da partilha de vivências com amigos e com irmãos, mas não com os pais.

Essas interações chegam a repercutir na escola? O que motiva, nos adolescentes e jovens, as interações no ambiente virtual? A escola considera essas interações como parte do cotidiano dos alunos que atende? Que tipo de linguagens os jovens utilizam nas interações virtuais? É buscando conhecer os interesses dos jovens em suas conexões nos espaços digitais que esta pesquisa pretende seguir seu percurso. Segundo Babin (1989, p.75), “grave seria abandonar a linguagem dos jovens e sua forças internas de ordem e desagregação. [...] Não seria o caso de conduzir a uma certa qualidade, a uma exigência, as formas de linguagem para as quais eles têm talento espontâneo?”.

Serres (2013, p. 11), complementando as ideias descritas por Babin e Kouloumdjian, afirma que “antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso no mínimo conhecer esse alguém. Nos dias de hoje, quem se candidata à escola, ao ensino básico, à universidade?”.

Corroborando com os autores citados, acredito que a aproximação com os mais jovens na tentativa de entender a verdadeira transformação da linguagem deveria ser empreendida pela educação, na busca por novos caminhos. As formas recentes de falar, de escrever e interagir não são sem valor para compreender o mundo e comunicar uns com os outros.

No próximo tópico será analisada a comunicação mediada pelas mídias, assim como as relações sociais construídas nos espaços digitais, considerando os apontamentos de Bauman (2004), Santaella e Lemos (2010) e Martino (2014).

2.4 COMO SE EXPRESSAM E SE RELACIONAM NA REDE

Para conhecer os jovens da contemporaneidade, devemos estar atentos ao que produzem, através de suas diferentes narrativas e expressões na rede. A comunicação mediada por imagens e mensagens ressignifica as formas de relacionar e interagir. Bauman (2004) realiza uma série de análises considerando essas formas de socialização, não só dos mais jovens, mas de todos que habitam o universo das mídias.

As conexões virtuais aproximam os usuários e, neste sentido, Bauman (2004, p. 5) destaca que os celulares “assinalam, material e simbolicamente, a libertação em relação ao lugar”. Não é mais necessário estar ligado a uma tomada para estar conectado. A mobilidade é uma característica importante da comunicação atual. Por outro lado, o autor afirma que a proximidade virtual traz consigo a distância virtual. A proximidade potencializada pelos

recursos tecnológicos torna desnecessária a contiguidade física, que por sua vez não determina mais a proximidade.

Essa facilidade da proximidade virtual faz com que as relações mediadas pelos dispositivos digitais sejam mais frequentes e mais banais. Bauman (2012), em um vídeo¹⁴ disponibilizado no *YouTube*, apresenta pontos diferenciais entre redes e comunidade. Ele inicia sua fala dizendo que um jovem, usuário do *Facebook*, contou que havia feito 500 amigos em um único dia. O autor ficou surpreso, pois em seus 86 anos não conseguiu estabelecer esse número de amizades, e ressalta que quando o jovem diz “amigo” e ele, Bauman (2012), diz “amigo”, não estão dizendo a mesma coisa, com o mesmo sentido. O autor destaca que quando ele era jovem não conhecia o conceito de redes, mas sim de laços humanos, de comunidade, e ainda esclarece que a comunidade precede o indivíduo, pois ele já nasce em uma comunidade. Por outro lado:

Ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar. Eu acho que a atratividade do novo tipo de amizade, o tipo de amizade do Facebook, como eu chamo, está exatamente aí. É tão fácil desconectar. É fácil conectar, fazer amigos. Mas a maior atratividade é a facilidade de se desconectar. (BAUMAN, 2012, on-line).

Essa facilidade em conectar e desconectar caracteriza os relacionamentos nas redes sociais, que são a principal forma de interação entre os jovens da atualidade. Segundo Santaella e Lemos (2010), as redes sociais de Internet são plataformas que surgiram a partir da Web 2.0, que inauguraram as redes colaborativas como *YouTube*, *Second Life*, dentre outras, para compartilhamento de arquivos, fotos e informações variadas com agilidade e interatividade.

Martino (2014) afirma que as redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos, marcada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica de seus usuários, e destaca que a ideia de rede ganhou maior visibilidade quando os avanços da tecnologia possibilitaram a constituição das redes sociais através da Internet. As conexões estabelecidas tendem a ser pouco rígidas e são norteadas pelos interesses dos usuários, com uma dinâmica de interação específica. O estudioso ressalta que os vínculos constituídos nos espaços das redes sociais são fluidos, estabelecidos de acordo com a necessidade em certo momento e podem ser desmanchados no momento seguinte.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNlArU>. Acesso em: 22 fev. 2015.

Nesse sentido, a rede social se constitui como um “conjunto de pontos, nós, interconectados” (MARTINO, 2014, p. 100) que interagem através de múltiplas ligações. Segundo o autor, como todos os elementos se comunicam entre si, a comunicação acontece numa estrutura complexa que pode ser caracterizada como “[...] um site de uma rede social é uma espécie de ‘nó de nós’, mas, ao mesmo tempo, também é um nó quando pensado no conjunto da internet. [...] a interconexão entre os nós é uma característica fundamental de qualquer rede” (MARTINO, 2014, p. 100). Recuero (2009) corrobora com Martino e complementa:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 22).

Para os jovens da contemporaneidade, as redes sociais se constituem como o meio de interação mais utilizado e acessado. Eles se comunicam compartilhando imagens, arquivos, fotos, buscando fazer-se presentes em suas redes, em suas relações, almejando popularidade através das curtidas e dos acessos dos amigos e dos amigos de amigos. Tais ações acabam por reafirmar que “a lógica da popularidade na internet é autorreferente: alguém se torna popular porque é popular, e quanto mais visto/ouvido/espalhado, mais será conhecido e, portanto, visto/ouvido/espalhado por outras pessoas” (MARTINO, 2014, p. 128).

Assim, o autor aponta que a divulgação constante de produções pessoais via Internet acaba por seguir uma lógica de consumo. O usuário que posta um vídeo ou uma foto em rede social ou em uma página pessoal, como um blog, espera que sua postagem seja divulgada, apreciada e bem-vista pelos outros usuários. Dessa forma, de alguma maneira o indivíduo “espera ser ‘consumido’ de acordo com uma lógica de produção que mobiliza milhares de pessoas em toda a rede” (MARTINO, 2014, p. 129).

Tais considerações remetem ao que Guy Debord (2005, p. 9) ressalta: “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é social, como simples aparência”. Essa necessidade da divulgação da própria imagem, na expectativa da aceitação dos outros usuários, ou amigos virtuais, segue também a lógica da mídia televisiva. Quem aparece na mídia televisiva é o mais comentado, o mais belo ou bela, aquele que se constitui como ícone da beleza ou do comportamento social e que traz consigo popularidade ou carisma. É o que Guy Debord (2005) quer indicar quando aborda a alienação do espectador

em proveito do objeto contemplado. Segundo o autor, quanto mais o expectador contempla o que vê nas imagens disseminadas na “sociedade do espetáculo”, menos vive, pois quanto mais deseja e aceita reconhecer-se “nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo” (p. 19). O autor ainda ressalta que quando o mundo real se converte em simples imagens, “as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico” (p. 13), o que pode justificar a necessidade de exposição pessoal dos usuários das redes sociais. Pensamos que, nos dias de hoje, o comentário de Debord pode ser atualizado, referindo-se então também ao que se passa e é divulgado nas mídias ou nas redes virtuais e, ajudando, portanto, na compreensão da necessidade de exposição pessoal dos usuários das redes sociais.

As informações, as imagens e as acessadas – que podem também ser reproduzidas e divulgadas – trazem consigo valores e conceitos passíveis de implicações no comportamento e na constituição da identidade de crianças, adolescentes e jovens que chegam até as nossas escolas, assim como afirma Borges:

Uma das possíveis abordagens para compreender os modos como as mídias atuam no processo de inserção das crianças na esfera do consumo é o estudo do lugar das representações do corpo e da sexualidade construídas e veiculadas pelos meios de comunicação. Sabe-se que, na esteira das transformações sociais ocorridas no último século, destaca-se o novo lugar atribuído ao corpo e à sexualidade. De um passado de ocultamento do corpo e de repressão à sexualidade, passou-se à valorização do corpo nas relações sociais e, numa importante revolução dos costumes, a uma profunda transformação nos valores e práticas referentes à sexualidade. (BORGES, 2007, p. 94).

A autora ainda destaca que, atualmente, existe um limite quase invisível entre os espaços público e privado e que os discursos sobre a sexualidade se constituem como parte central de muito do que é divulgado nos meios de comunicação, ocasionando um “conflito entre as formas tradicionais de perceber as necessidades da infância e os tipos de representações com os quais as crianças se deparam com insistente frequência no seu cotidiano” (BORGES, 2007, p. 97). Pode-se acrescentar a essa afirmação da autora as especificidades do período da adolescência, pois, conforme apontam os autores já citados, o comportamento dos jovens e suas práticas culturais são influenciados pelo que é divulgado nos meios de comunicação.

2.5 O QUE OS JOVENS APRENDEM SOBRE O MUNDO AO ASSISTIREM À TELEVISÃO?

Morgan (2009) é um autor que destaca a necessidade de se pensar a respeito do papel da televisão e outras mídias nas vidas dos jovens. Segundo ele, a televisão pode potencialmente afetar o comportamento dos jovens e adolescentes no que se refere ao relacionamento uns com os outros: concepções referentes à violência, à agressão, ao amor e também ao sexo; pode ainda afetar seu interesse pelo consumo de determinados produtos e o comportamento em relação à moda e atitudes nos grupos aos quais pertencem, e ainda, como eles definem suas identidades no mundo.

Ela (a televisão) pode oferecer a eles (por bem ou por mal) formas de resolverem seus problemas pessoais e da sociedade mais ampla. Ela pode abrir suas mentes para formas novas e mais ricas de conceber o mundo ou entorpecê-los com uma dieta tediosa e sem imaginação que desencoraja uma exploração intelectual mais abrangente. Ela pode fornecer uma “moeda de troca” em comum que facilite interação da família ou dos pares ou montar o cenário para o isolamento ou conflito. A lista dos possíveis impactos continua sem cessar. (MORGAN, 2009, p. 190).

Mesmo que aparentemente demonstre uma visão pessimista, o autor afirma que as preocupações sobre os efeitos da televisão nos adolescentes sempre existiram. Vários desses temores ou pânicos morais a respeito das mídias já foram expressos em outras épocas, considerando filmes, revistas em quadrinhos e novelas, sendo eles hoje apenas ampliados pelo desenvolvimento midiático mais recente, como os videogames e a Internet.

Mesmo com o crescimento dos videogames e a presença da Internet na vida das pessoas, boa parte das crianças e adolescentes ainda dedica seu tempo aos programas de televisão, que atualmente tem maior acesso às pessoas de formas variadas, inclusive através da Internet. O desenvolvimento tecnológico aumenta principalmente a quantidade de exposição à televisão e permite que os espectadores assistam aos programas sempre que assim o desejarem, independente do lugar onde estejam.

Segundo Morgan (2009), as representações e ideologias que emergem através das telas da televisão são apresentadas através de histórias. A televisão transformou, assim, o processo humano e cultural de contar histórias em um sistema padronizado, direcionado aos interesses do mercado e patrocinado pelo anunciante.

Em tempos mais distantes, as histórias de uma cultura eram contadas cara a cara pelos membros de uma comunidade, pais, professores ou religiosos. Hoje, a televisão conta a maior parte das histórias para a maioria das pessoas, durante a maior parte do tempo. Dessa forma, o processo, parte da cultura, de contar histórias está atualmente, nas sociedades onde a televisão tem presença marcante, nas mãos de interesses comerciais globais que têm pouco alcance da tomada de decisões democrática. (MORGAN, 2009, p. 193)

O autor destaca que a televisão conta três tipos de histórias diferentes:

- ✦ Ficção – apresentam histórias que constroem a fantasia sobre o que chamamos de realidade.
- ✦ Histórias sobre como as coisas são – notícias que tendem a confirmar as visões, regras, prioridades e os objetivos de uma sociedade particular.
- ✦ Comerciais – histórias sobre valores e escolhas, sobre o que fazer.

Esses três tipos de histórias, relacionadas organicamente, constituem a cultura mediada; elas são expressas e encenadas através da mitologia, da religião, de lendas, da educação, da arte, da ciência, da lei, dos contos de fadas e da política. Atualmente, todas estas histórias são embaladas e divulgadas pela televisão e as crianças e adolescentes de hoje crescem em um mundo no qual as “histórias comerciais” financiam a disseminação das outras duas.

A televisão transformou-se, assim, no ambiente de aprendizagem mais comum e constante da sociedade que tem acesso à ela. O mundo da televisão nos mostra e nos conta sobre a vida – pessoas, lugares, esforços, poder, destino e vida em família. Ela apresenta o bom e o mau, o feliz e o triste, o poderoso e o fraco e nos informa quem ou o que tem sucesso ou é um fracasso. O que é ainda mais importante é que estas imagens são apresentadas principalmente como forma de entretenimento, em comédias de situação, dramas, filmes de ação e aventura, séries televisivas reality shows ou até mesmo, programas de notícia e informação [...]” (MORGAN, 2009, p. 194).

Segundo o autor, as crianças nascem em lares em que a televisão é quase um membro da família. Os próprios pais dos jovens de hoje – e também seus avós, de forma crescente – nunca viveram sem televisão. Os jovens passam mais tempo assistindo à televisão do que passam na escola, sem contar ainda o tempo que dedicam ao acesso à internet ou a jogos virtuais. As cobranças entram na escola elementar, sua primeira exposição formal à esfera

pública oficial, como espectadores já experientes, com milhares de horas já assistidas vivenciadas em espaços virtuais em seu currículo.

Diante do que foi apresentado, um ponto de reflexão nos é indicado: a televisão tem o potencial de influenciar o comportamento de jovens e adolescentes, uma vez que estes passam boa parte do tempo atentos ao que é veiculado por essa mídia, conforme os dados de pesquisas publicadas recentemente no Brasil.

De acordo com publicação do site EBC (2015)¹⁵, o tempo médio diário que crianças e adolescentes têm passado em frente à televisão vem aumentando nos últimos 10 anos, entre 2004 e 2014, em que foi registrado um aumento de 52 minutos. Os dados foram divulgados no Painel Nacional de Televisão, do Ibope Media, que apresenta a evolução do tempo dedicado à TV por crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de todas as classes sociais, considerando canais abertos ou fechados. Em 2004, o tempo médio diário de exposição à TV foi de 4h43min e em 2014, chegou a 5h35, o que significa que a criança ou o adolescente passa mais tempo por dia em frente à TV do que na escola, considerando que o horário de aula é em torno de 4h15min. A publicação ressalta que dados coletados em 2015 indicam que a tendência do tempo de exposição à TV é de aumentar ainda mais. Um dado importante aponta que até o mês de maio de 2015 foram registrados 5h35min de tempo dedicado à TV por crianças e adolescentes, o mesmo tempo indicado por pesquisa que considerou o ano inteiro de 2014.

Os dados apresentados e as considerações dos autores citados oferecem a oportunidade de refletirmos sobre o comportamento dos adolescentes que estão na escola, que se comunicam através dos espaços digitais e que dedicam um tempo considerável de atenção à televisão. Se o comportamento dos adolescentes pode sofrer interferências a partir dos valores e conceitos veiculados através de diferentes mídias, mais especificamente da televisão, isso vai implicar também na forma em que esses adolescentes contam suas histórias cotidianas e suas experiências, compartilhando com seus amigos através das redes sociais às quais estão conectados.

E o que é tão divulgado pela mídia televisiva que retém a atenção diária dos adolescentes e jovens? Programas variados contam histórias e expõem a vida de famosas; outros discutem as relações pessoais cotidianas e íntimas em cadeia nacional; outros retratam a vida cotidiana com valores, conceitos e ideologias incutidas no que é veiculado, mas o espetáculo enquanto visibilidade pessoal é valorizado e divulgado diariamente. Segundo

¹⁵ Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Debord (2005), é onde o mundo real se converte em simples imagens que as simples imagens tornam-se verdadeiras motivações de um comportamento hipnótico. Assim, o espetáculo apresenta-se de forma positiva, indiscutível e inacessível, demonstrando que “o que aparece é bom e o que é bom aparece” (DEBORD, 2005, p.12).

As considerações apresentadas subsidiarão as reflexões propostas a partir das análises dos dados e registros das conversas com os alunos e do cotidiano observado na escola, descritos nos capítulos seguintes.

3

CAMINHOS DA PESQUISA

Seria preciso [...] definir um método, encontrar modelos aplicar, descrever, comparar e diferenciar para atividades de natureza subterrânea, efêmeras, frágeis e circunstâncias, em suma procurar tateando, elaborar ‘uma ciência prática do singular’. Era preciso captar ao vivo a multiplicidade das práticas, não sonhá-las, conseguir fazer que se tornassem inelegíveis para que outros, por seu turno, pudesse estudar as suas operações.

Michel Certeau

3.1 INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Consideramos como caminho metodológico neste trabalho a abordagem qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) apontam que na abordagem qualitativa tudo deve ser examinado com a ideia de ter potencial que possa ajudar na construção de pistas que nos levem a uma maior compreensão do nosso objeto de estudo. Os autores ainda indicam cinco características importantes que devem estar presentes na investigação qualitativa:

- ✦ Na investigação qualitativa “a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador como instrumento principal” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 47). Nesse sentido, o pesquisador se preocupa em conhecer o contexto e entende que através das observações no ambiente habitual de ocorrência contribuem para a compreensão do significado do todo.
- ✦ A investigação qualitativa deve ser descritiva: a partir do material coletado como transcrições das entrevistas, notas de campo e fotografias, o pesquisador procura analisar os dados, considerando o contexto de como os registros foram coletados. A investigação qualitativa exige que tudo deva ser examinado com a ideia de que tudo tem potencial para contribuir para a compreensão do nosso objeto de estudo.
- ✦ A preocupação com o processo é maior do que a preocupação com o resultado ou produtos. Neste sentido, os conceitos são construídos à medida que os dados recolhidos vão se agrupando para a análise.

- ✦ A análise de dados procura seguir o processo indutivo. “As abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos vão se agrupando” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50).
- ✦ O significado é muito importante na abordagem qualitativa. O pesquisador busca compreender os fatos a partir da perspectiva dos sujeitos/participantes da pesquisa, considerando como eles experimentam e vivem as suas experiências no âmbito social/cultural.

Os aspectos citados como características da pesquisa qualitativa direcionam o percurso do trabalho, na medida em que orientaram o registro dos dados e a observação do contexto do campo, envolvendo também os registros do devir desta pesquisa.

Como fiz a opção de ser meu campo de estudo meu próprio ambiente de trabalho, busquei investigar situações do cotidiano escolar em que os usos dos recursos tecnológicos para interação entre os jovens se façam presentes. Assim, a pesquisa qualitativa adotada possui uma vertente de investigação do cotidiano. Como afirma Monteiro (1998), o registro das observações deve procurar constantemente um caminho interpretativo nos fatos observados, em suas implicações, pois uma descrição densa “é um exercício de interpretar as interpretações dos outros, buscando descrever, não tanto pelo explicar” (p. 11).

Dessa forma, esta pesquisa priorizou investigar e perceber nas situações cotidianas e nas conversas com os sujeitos/participantes vestígios, contradições, acontecimentos, processos que podem ser descritos e compreendidos à luz dos teóricos que versam seus estudos sobre a interação entre os jovens através dos espaços digitais. Visando atender a prioridade da pesquisa, utilizei, como instrumentos de coleta de dados, o diário de campo, registrando acontecimentos e situações relacionadas ao tema do trabalho e um questionário estruturado para mapear os adolescentes da escola, levantando informações que pudessem contribuir para um panorama geral sobre suas preferências em relação aos espaços digitais. Utilizei também o trabalho com Grupo Focal com um número limitado de alunos para conhecer mais de perto seus interesses e usos dos recursos digitais de comunicação. Os encontros foram direcionados por questões norteadoras baseadas em histórias em quadrinhos, usadas como geradores das discussões dos encontros.

O próximo tópico busca delimitar o campo da pesquisa, assim como apresentar a caracterização dos sujeitos/participantes deste trabalho.

3.2 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa é constituído por uma escola centenária da rede pública de Juiz de Fora, situada numa região central da cidade que atende cerca de 1.150 alunos de classe média e média baixa. A escola oferece atendimento do Ensino Fundamental até o Ensino Médio e seus alunos residem em diversos bairros da cidade.

Para caracterizar os sujeitos/participantes da pesquisa, alunos do Ensino Fundamental II, apliquei um questionário sócio/econômico/cultural de maneira a poder traçar o seu perfil. O questionário foi elaborado com um recurso do *Google Drive* que favorece o levantamento do percentual das respostas e aplicado no laboratório de informática da escola com o meu acompanhamento.

As questões propostas no questionário referem-se ao grau de instrução dos pais, renda familiar aproximada, usos de mídias digitais e Internet, além de informações sobre sites mais acessados. Dos 314 alunos, registramos 293 respostas válidas, pois alguns computadores travaram em alguns momentos, impedindo que os alunos respondessem ao questionário por completo.

É importante ressaltar que como a aplicação do questionário aconteceu durante o horário das aulas, os professores de Educação Física, Formação Humana e Ciências se prontificaram a liberar os alunos durante o tempo necessário para a realização das postagens das respostas.

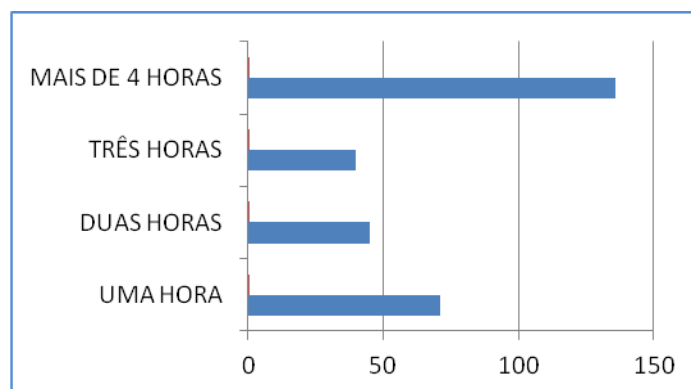
Essa atividade demandou pelo menos quatro dias. No primeiro dia, a rede de acesso à Internet do laboratório de informática não estava funcionando. Usei apenas dois computadores para que uma turma do 6º ano tivesse acesso ao questionário. No segundo dia, quatro turmas participaram, a internet funcionou muito bem. No entanto, cinco computadores travaram, o que prejudicou o registro das respostas, já que os alunos começaram a responder e não conseguiram terminar. No fim do horário, uma chuva forte interrompeu o fornecimento de energia na escola e o trabalho foi paralisado. Nos outros dois dias, os alunos foram novamente levados ao laboratório para terminar o questionário, mas o professor de Educação Física solicitou que os alunos aproveitassem e respondessem também a uma avaliação diagnóstica on-line. Acredito que os dois trabalhos realizados juntos não foram muito proveitosos. Como as duas atividades exigiam uma leitura atenta por parte dos alunos, percebemos que ficaram cansados e não dedicaram a devida atenção às duas tarefas.

Algumas dificuldades estiveram presentes durante o processo: liberação dos alunos para responder ao questionário, problemas de acesso à Internet, falha no carregamento das respostas do questionário, o que gerou necessidade de eliminação de alguns dados no momento da tabulação. No Google Drive, as respostas são tabuladas automaticamente, no entanto, como alguns alunos não conseguiram responder o questionário completo pela falta de energia, precisei eliminar na tabulação as respostas incompletas. Depois, ao analisar essa atividade, cheguei à conclusão de que os dados tabulados teriam uma organização melhor se eu dividisse os alunos por anos de escolaridade. Inicialmente faria o levantamento dos dados do 6º ano, depois do 7º e, por fim, do 8º ano. Com a separação das respostas dos alunos por segmento, acredito que as falhas poderiam ser minimizadas.

De posse dos dados, corrigindo as falhas que surgiram, foi possível o levantamento das informações seguintes:

- ✦ Os alunos respondentes frequentam as turmas do 6º ao 8º ano, no turno da tarde, e encontram-se na faixa de 10 a 15 anos, sendo 50,5% meninas e 49,5% meninos.
- ✦ Os dados levantados apontam que, em relação ao tempo de acesso diário, foi possível verificar que um número significativo de alunos, 42,40% dos entrevistados, passa mais de 4 horas diariamente utilizando a Internet.

Gráfico 1 - Tempo de acesso à Internet



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse período de acesso apontado do gráfico anterior, o interesse pelas buscas na Internet foi demonstrado da seguinte forma, podendo o respondente votar em mais de uma opção:

Tabela 1 - Preferências na Internet

Interesse	Percentual de votos
Redes Sociais	68%
Canais de música	40%
Jogos on-line	32%

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as redes sociais mais acessadas, os alunos manifestaram maior interesse pelo *Facebook* (78,8%), *WhatsApp* (72,3%) e *Instagram* (40,2%), respectivamente. Além disso, 81% dos alunos afirmaram ter aparelho de celular, além de computador (78%) e outros dispositivos eletrônicos.

Quando perguntados sobre a renda familiar, 57% dos alunos indicaram ser em torno de três salários mínimos. É importante ressaltar que os alunos tiveram muita dificuldade em marcar as opções desta questão, pois tinham dúvida ou não sabiam a renda aproximada da família.

Os dados levantados apontam que a maioria de alunos tem acesso à Internet através de aparelhos celulares, por acesso à rede wi-fi (70,1%). Eles também acessam através de seus computadores de uso doméstico (84,4%) e seus interesses giram em torno das redes sociais (68,5%). E ainda, 80,5% dos alunos afirmaram que utilizam a Internet para estudar.

Este tópico do capítulo apresenta o campo da pesquisa e o perfil dos sujeitos/participantes deste trabalho. A partir dos dados coletados, as análises foram construídas e relacionadas às informações registradas a partir do trabalho com o grupo focal, que será esclarecido no próximo tópico.

3.3 TRABALHANDO COM GRUPO FOCAL

A partir das observações realizadas, optei pelo grupo focal com o objetivo de favorecer uma aproximação mais efetiva com os alunos e ouvir suas considerações, vivências e experiências sobre os usos comuns dos espaços digitais. Assim como afirma Gatti (2012), o trabalho com grupos focais favorece a compreensão de práticas relacionadas ao cotidiano, comportamentos e atitudes, e ainda se constitui como técnica importante para o conhecimento

das representações, percepções, crenças e valores por parte das pessoas que partilham traços e interesses comuns, relacionados ao objeto da pesquisa. Os encontros do grupo focal foram transcritos, considerando o que Gatti (2012) recomenda:

As transcrições são apoios úteis, lembrando que é necessário mergulhar nas falas, nas expressões de diversas naturezas, no processo. Com isso pode-se proceder a análises de sentido ou elaborar categorias a partir das falas, ou classificar as falas em categorias previamente escolhidas. (GATTI, 2012, p. 46).

Para o trabalho da pesquisa, a escolha da turma, como foi explicitado anteriormente, se deu pela situação apontada pelo professor de Educação Física: a repercussão da divulgação de uma foto íntima de uma aluna do 7º ano. Os alunos da turma possuem a mesma faixa etária, já se conhecem e são bem integrados. Dessa forma, é importante ressaltar que, segundo Gatti (2012),

Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios – conforme o problema em estudo, – desde que eles possuam características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta de material discursivo/expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas. (GATTI, 2012, p. 07).

Como motivador das discussões, utilizei histórias em quadrinhos¹⁶ e dois casos que abordam o tema da comunicação através dos espaços digitais. Em 2013/2014, tive acesso a um material disponibilizado pela professora Zulmira Medeiros, da UFMG, em um Congresso da Rede Estadual de Minas Gerais. O material se refere às histórias em quadrinhos da cartilha Saferdic@s, que relatam situações de adolescentes no uso da Internet. Além dessas histórias, a professora apresentou também dois Casos¹⁷, que complementavam as histórias. Esse material foi utilizado como disparador do início das conversas do grupo focal por possuir uma linguagem bem próxima à linguagem dos alunos e favorecer a espontaneidade para conversar sobre os temas propostos.

A partir do trabalho com o material citado para o grupo focal, utilizei algumas questões direcionadoras:

¹⁶ As histórias em quadrinhos utilizadas foram retiradas da cartilha Saferdic@s em quadrinhos, disponível em: http://issuu.com/safernet-brasil/docs/cartilha_10principios_2012-singlepage/13?e=0. Acesso em: 04 set. 2014.

¹⁷ Disponibilizados nos Anexos deste trabalho.

- 1) Vocês usam a Internet? Com qual finalidade?
- 2) Quais os sites mais acessados?
- 3) Quais as redes sociais mais utilizadas para se comunicarem com os amigos?
- 4) Que tipo de postagens são mais frequentes?
- 5) Vocês publicam imagens? Que tipo de imagens?
- 6) Vocês publicam informações pessoais na rede (ex: endereço, idade, escola onde estuda etc.)?
- 7) Qual a opinião de vocês sobre imagens íntimas postadas na rede (em referência a uma das histórias em quadrinhos apresentada)?

Durante os encontros, realizei uma observação atenta. Assim como afirma Gatti (2012, p. 40), é importante considerar o que os sujeitos/participantes contam uns aos outros durante os encontros do grupo focal “porque esses relatos permitem ao pesquisador ter pistas de como eles se ancoram em um dado contexto social, de como estão mobilizados e em que sistema representacional se apoiam”. Os recursos próximos à linguagem dos alunos, neste caso, as histórias em quadrinhos, possibilitaram uma interação proveitosa, com a exposição de ideias e opiniões que muito contribuíram para os registros e análises desta pesquisa.

As análises foram constituídas com o objetivo de desenvolver a classificação dos dados através de categorias. De acordo com Melo e Araújo (2010), é necessário propor categorias correspondentes aos objetivos a serem alcançados, partindo da sistematização das interações grupais, uma vez que essa dinâmica do contexto oferece respaldo da análise de grupo focal.

É importante ressaltar que as teorizações contribuíram para direcionar a construção das categorias; assim, a utilização da teoria na fundamentação dos estudos sobre as interações permitiu o esclarecimento de códigos de categorias. “A categorização dos dados permite trabalhar com a reflexão através da abordagem qualitativa, permitindo confirmar as hipóteses e aprofundar as análises” (MELO; ARAÚJO, 2010, p. 11).

3.4 INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO

A percepção do cotidiano tem como base Certeau (1994) e outros autores que, a partir dele, conseguem traduzir o que é estar inserido no ambiente que se constitui como lugar da pesquisa. Em sua obra o autor inverte a forma de interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando as astúcias anônimas das artes de fazer – esta arte de viver a sociedade de consumo.

Em “A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer”, o autor realizou estudos analisando as possibilidades de escolhas que os consumidores teriam que fazer em relação aos bens culturais, questionando se poderiam ou não escolher aquilo que consomem. Em seus estudos o autor entendeu que os consumidores tinham essa escolha. Certeau (1998) defende que o fazer do homem comum está presente nas ações concretizadas no dia a dia, em lugares próprios ou controlados, que se constituem em lugares praticados. O autor argumenta que as ações implementadas no cotidiano pelo ‘homem ordinário’ são estabelecidas por meio de estratégias e táticas. As estratégias referem-se “ao cálculo de relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’” (p. 46) . Constituem-se em ações manipuladoras de poder. As táticas podem ser consideradas como ações com fins de superação de atos dominantes. Dessa forma, considerando esses conceitos do autor, busquei perceber no cotidiano escolar ações que se relacionassem às práticas de usos dos espaços digitais de comunicação, identificando as estratégias de proibição dos aparelhos eletrônicos, como também das táticas utilizadas pelos estudantes para burlar essas proibições.

Fiorio, Lyrio e Ferraço (2012) afirmam que pesquisar o cotidiano escolar se constitui em um momento de encontro e descoberta, já que às vezes nos colocamos na posição de desvendar algo que está escondido, “quando, na verdade, a pesquisa é um pouco daquilo que somos nos múltiplos contextos que vivemos [...] e deve se constituir na relação do pesquisador como o tema pesquisado” (FIORIO; LYRIO; FERRAÇO, 2012, p. 570). Assim, é a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa que vai produzir sentido durante todo o processo de investigação.

Desse modo, é muito peculiar usar o ambiente de trabalho como campo de pesquisa, pois muitas vezes os papéis se misturam. Em outras vezes, o pesquisador aflora em meio às tarefas do trabalho no dia a dia da escola. Assim como afirmam Fiorio, Lyrio e Ferraço

(2012), entender o cotidiano só é possível se o pesquisador vivenciar, participar, partilhar as situações, viver e conviver com suas experiências e buscar estar atento ao que se passa.

Nesta perspectiva, serão apresentados, a seguir, alguns registros e reflexões sobre observação do cotidiano escolar relacionados aos usos dos espaços digitais como espaços de comunicação e interação entre os alunos e alunas da escola.

4

REGISTROS DO COTIDIANO ESCOLAR

Ao analisar o campo da pesquisa atentando às situações nas quais foi possível perceber os momentos em que os usos dos jovens nos espaços digitais reverberavam no cotidiano escolar, considerei os apontamentos de Alves e Garcia Leite (2002) na pesquisa sobre o cotidiano. Segundo as autoras, só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar através de um grande mergulho na realidade da escola, e nunca exercitando o tal olhar neutro e distante que sempre é determinado ao pesquisador. Nesse mergulho, com o olhar atento, percebendo e vivenciando situações do espaço escolar, foi possível o registro de situações significativas para a pesquisa, como as descritas a seguir.

Um registro realizado no mês de outubro de 2014 considerando a comunicação a partir das mídias, mais especificamente através do *WhatsApp*, envolveu a venda de drogas. É importante esclarecer que a situação descrita aconteceu no turno da tarde e que os nomes citados são fictícios, visando preservar os alunos envolvidos:

Ao final de uma aula, na turma de 8º ano, a aluna Ana saiu da sala nervosa com alguma coisa nas mãos discutindo com a aluna Bruna. Saindo da sala, a aluna Ana esbarrou com uma professora no corredor que a levou para a sala da vice-diretora para que a situação fosse esclarecida. Ana relatou à vice-diretora que a aluna Bruna havia trazido um cigarro de maconha para a aluna Camila e Ana, muito incomodada com a situação, discutiu com as colegas envolvidas, tomou o cigarro das mãos da aluna Bruna e por isso saiu da sala de aula muito nervosa. Do cigarro existiam pedaços que foram destruídos por ela mesma durante a discussão, além de resquícios de fumo. Diante do ocorrido, a escola optou por chamar a polícia e registrar um boletim de ocorrência. A polícia compareceu no dia seguinte, conversou com a mãe da aluna Bruna e com direção e vice-direção da escola. Ana conseguiu recuperar uma conversa do WhatsApp de Bruna em que ela combinava com um rapaz sobre a compra de um produto no valor de dois reais. Os policiais afirmaram que o material recolhido aparentemente se parecia com maconha, mas seria necessária a averiguação da perícia. Como procedimentos posteriores, a escola aplicou como medida punitiva à aluna a suspensão das aulas, até o retorno da perícia da polícia. No entanto,

a polícia não retornou com o laudo e a mãe de Bruna optou por transferi-la da escola. com o coletivo de professores da escola, alguns nem tomaram conhecimento sobre o fato ocorrido. (DIÁRIO DE CAMPO, out. 2014).

No relato citado, é possível perceber que a presença da comunicação ágil oferecida pelo o aplicativo WhatsApp presente na vida dos (as) adolescentes, utilizado como uma forma de conseguir material entorpecente e que acabou implicando no cotidiano escolar. Nessa situação específica, não consegui ouvir as alunas, somente a versão da direção da escola. O fato não foi apresentado nem discutido com o coletivo de professores da escola, alguns nem tomaram conhecimento. O fato poderia ter sido abordado com os alunos, favorecendo uma análise sobre a comunicação digital, seus usos, benefícios alertando para o uso indiscriminado das drogas, dentro de uma perspectiva de redução de danos, no entanto não houve uma exploração do tema com a finalidade da discussão reflexiva.

Em outra situação, envolvendo alunos do turno da tarde foi possível registrar:

Um aluno foi repreendido pela vice-direção da escola por ter filmado um trecho da aula da professora de Formação Humana e postado no grupo de WhatsApp, criticando a mesma. A vice-direção suspendeu o aluno e chamou os pais para conversar. É importante ressaltar que dentro da sala de aula, existe uma placa onde se lê “proibido o uso de celulares e aparelhos eletrônicos”. A placa foi reutilizada dos concursos públicos realizados no espaço da escola. (DIÁRIO DE CAMPO, fev. 2015).

Um aluno utilizou uma foto da professora de língua portuguesa para modificar a foto com efeitos disponíveis em aplicativos de foto. A foto estava disponível na rede social, o aluno copiou a foto, editou e publicou no grupo de WhatsApp da turma. A edição só foi descoberta porque uma aluna repreendida por mau comportamento em sala denunciou o colega responsável pela publicação. O aluno estava no 8º ano e não era aluno das turmas que a professora ministrava aulas, no caso, 7º ano. A professora foi à delegacia e fez um boletim de ocorrência. A escola chamou os responsáveis e suspendeu o aluno por 5 dias. A mãe do aluno pediu à escola que recorresse junto a professora para que a mesma retirasse a queixa, mas a professora se mostrou irredutível. (DIÁRIO DE CAMPO, out. 2014).

As situações relatadas causaram em mim um grande desconforto. Enquanto pesquisadora percebia as táticas usadas pelos alunos para continuar usando celulares como recurso de comunicação e integração entre seus pares. Por outro lado, percebia a estratégia da escola em somente coibir as situações apresentadas, punindo com advertências ou suspensão das aulas sem aproveitar a oportunidade para gerar uma discussão com os alunos visando à construção de conceitos e até mesmo regras para o usos dos aparelhos dentro da escola, já que dentre as situações apresentadas algumas se relacionavam ao desrespeito com o professor ou com colegas. Enquanto supervisora pedagógica tentava propor caminhos de discussão sobre os fatos ocorridos, mas não havia espaço para as mesmas junto à equipe administrativa e pedagógica.

Como trabalhava na escola não só no turno da tarde, também registrei outras situações envolvendo alunos e o uso de mídias digitais, ocorridos no turno da manhã:

No 3º ano do Ensino Médio noturno uma aluna postou selfies de dentro da sala exibindo penteados que a colega fazia em seus cabelos. Em um desses selfies aparece a professora de inglês, em segundo plano, sentada na mesa dos professores, corrigindo as tarefas dos alunos. A situação foi postada no Facebook da aluna, o que gerou uma situação de desconforto na escola, já que em toda a sala existe um cartaz dizendo ser proibido o uso de celulares e aparelhos eletrônicos e, no entanto, a aluna posta um selfie de dentro da sala de aula com a professora presente. Pelo que foi observado houve uma repercussão negativa da situação, a aluna foi advertida e a foto que foi postada no dia 21 de novembro, no dia 27 já não estava mais visível. (DIÁRIO DE CAMPO, nov. 2014).

Logo no início do ano letivo de 2015, a mãe de uma aluna do 9º ano procurou a supervisão pedagógica da escola para relatar que estava sofrendo perseguição e ameaça por parte de um dos alunos da mesma turma. Segundo a mãe, sua filha foi obrigada a praticar sexo oral com o aluno em questão, ato filmado por outro aluno, e esse vídeo estava sendo usado para extorquir dinheiro da filha. Mesmo com as ameaças, o vídeo foi repassado a outros colegas da escola. Ao conversar com os alunos envolvidos, a direção averiguou que a ação foi realizada com o consentimento da aluna, que estava com o rosto coberto na filmagem. A mãe da aluna deu queixa à polícia e pediu que a mesma fosse trocada de sala. A mãe do aluno envolvido compareceu à escola para relatar que o filho estava sofrendo ameaças de agressão física por parte da família da aluna envolvida. Diante dos

fatos, a família do aluno retirou o mesmo da escola. A menina ficou afastada da escola por um tempo, mas depois voltou a frequentar as aulas. A posição da direção foi que, como o fato ocorreu fora da escola, não devia se envolver e a situação deveria ser resolvida entre as famílias. O desdobramento do caso não foi comunicado à escola. (DIÁRIO DE CAMPO, mar. 2015).

No turno da noite:

[...] no dia da avaliação bimestral de filosofia, um aluno fotografou a prova e postou no Facebook. Poucos minutos depois, uma professora ligou para a escola para alertar a direção sobre o fato. A sobrinha da professora é aluna da escola, viu a publicação e avisou à tia sobre a imagem. Mais uma vez, mesmo com a proibição de celulares e aparelhos eletrônicos os alunos postam fotos de dentro da escola em suas redes sociais, com o professor em sala. Pelo que fui informada, o aluno foi chamado, advertido e a publicação removida. (DIÁRIO DE CAMPO, dez. 2014).

O cotidiano escolar apresenta contradições em relação às estratégias utilizadas pela escola para conter o uso de aparelhos eletrônicos, dentre eles os celulares, e as táticas dos alunos para burlar essas proibições. No turno da manhã é comum os alunos, principalmente os do 3º ano do Ensino Médio, postarem fotos da turma nas redes sociais, em clima de despedida, já que é o último ano de estudo na escola. Tais postagens são “curtidas” por parte dos profissionais que atuam no turno, mesmo com as proibições quanto ao uso de aparelhos eletrônicos na escola. Essas ações não são coibidas.

Atrevo-me a utilizar alguns conceitos estabelecidos por Certeau para realizar parte das análises das situações cotidianas registradas, com o objetivo de elucidar a realidade encontrada. Sendo assim, relacionando os conceitos do autor com a pesquisa que apresento, considero que entre as estratégias utilizadas pela escola como instituição educadora com forma de instituir a disciplina, existe a proibição do uso de aparelhos eletrônicos e celulares conforme descrito no Regimento escolar¹⁸ que orienta a organização da escola. Essa regra, até

¹⁸ “O aluno não poderá trazer para a escola equipamentos eletrônicos como RÁDIOS e CELULARES ou similares (Lei Estadual nº 14.486/2002).” Regimento da escola, artigo 82, p.30. É importante esclarecer que a referida lei define que fica proibida a conversação em telefone celular e o uso de dispositivo sonoro do aparelho em salas de aula, teatros, cinemas e igrejas.

2015 estava fixada nas paredes de cada sala de aula, buscando coibir o uso, principalmente dos celulares, e a punição para esse uso consistia na apreensão do aparelho que só seria devolvido aos responsáveis.

A tática dos alunos para subverter a proibição instituída estava justamente em driblar a regra estabelecida. No dia a dia da escola, presenciei alunos usando os celulares de forma escondida, colocando a mochila sobre a mesa para esconder o ato infracional de teclar, enquanto o professor ou professora ministra sua aula sem perceber que o aluno utiliza o aparelho de forma camuflada. Em outro momento, registrei que durante a ausência de professores, a funcionária que ajuda na organização da escola, mantendo os alunos em sala mesmo sem o professor, autorizava os alunos a usarem seus aparelhos para ouvir música ou usar os joguinhos de entretenimento. Segundo ela, era uma forma de manter os alunos tranquilos em sala já que a falta imprevista do professor não gerava a substituição daquela e eles ficavam com horário vago. Os alunos autorizados pela funcionária, sem ciência da direção ou supervisão pedagógica, usavam seus aparelhos de modo que não fossem advertidos, camuflando sua ação. Também nesses momentos, eles compartilhavam o fone de ouvido com o colega que não tinha o aparelho e que estava ao seu lado. Alguns alunos usavam blusas com capuz, até em dias que não estavam muito frios, para esconder a presença do fone de ouvido. Percebo tais ações como as táticas de resistência caracterizadas por Certeau (1998):

A tática depende do tempo vigiando para ‘captar o vôo’ possibilidades de ganho. (...) Tem constantemente que jogar com o momento oportuno para transformar em ‘ocasiões’. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele consegue em momentos oportunos, onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato ou maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU, 1998, p.47)

Relacionando a afirmação do autor com as práticas cotidianas observadas na escola, entendo que os momentos oportunos, aproveitando as situações de falta de professor, uso do celular, necessidade de interagir com colegas que não estão presentes em sala, desinteresse pelas aulas e possibilidades de acesso através do aparelho eletrônico, favorecem a maneira de “aproveitar a ocasião” conforme a citação anterior.

Em mais registros que realizei, percebi que os alunos fotografavam o calendário de avaliações e do quadro de avisos com o resultado de alguma avaliação ou da listagem dos alunos em recuperação com seus celulares. Também registrei que alunos que muitas vezes passavam mal no turno da manhã, já comunicavam com seus pais, para buscá-los, antes mesmo de avisar à supervisão pedagógica, setor responsável em entrar em contato com os

responsáveis nesses casos. Essa comunicação era estabelecida por meio de mensagens pelo *WhatsApp* ou mesmo através de ligações de dentro da sala de aula. Os pais chegavam para buscar o aluno ou aluna e a equipe pedagógica não tinha conhecimento do fato. Táticas de usos diante da estratégia da proibição desses usos. Buscando em Certeau (1998) o reconhecimento dessas práticas de implementação das táticas, encontro o seguinte trecho:

Essas ‘maneiras de fazer’ se constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Elas colocam questões análogas e contrárias abordadas no livro de Foucault, “Vigiar e Punir”: análogas porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância”. (CERTEAU, 1998, p.41)

As táticas utilizadas pelos alunos e alunas para o uso de seus aparelhos nem sempre eram percebidas pelos professores ou mesmo pela supervisão e direção da escola, e quando eram “descobertas” a medida punitiva consistia na advertência e apreensão do aparelho. É possível ainda complementar a análise com mais uma afirmação de Certeau (1998) quando aponta que as táticas indicam que “a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula” e que as estratégias omitem” sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição” (p. 47).

A relação da escola que proíbe com alunos que burlam a proibição pode ser associada à relação descrita a seguir:

A ordem reinante serve de suporte para produções inúmeras, ao passo que torna seus proprietários cegos para essa criatividade. (...) No limite, esta ordem seria equivalente daquilo que as regras de metro e rima eram antigamente para os poetas: um conjunto de imposições estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações. (CERTEAU, 1998, p. 50).

Os proprietários citados podem ser comparados à instituição escola, ou a quem a dirige e impõe as normas de funcionamento, e os alunos àqueles que criativamente improvisam diante das regras impostas, como é possível perceber nos relatos já apresentados e registrados no diário de campo.

Todas as situações descritas buscam caracterizar situações vivenciadas no campo da pesquisa, abordando o objeto de estudo que direciona este trabalho. Nos relatos, busquei registrar informações que refletem alguns dos interesses dos jovens e adolescentes que os

movem no ambiente comunicacional que habitam, a partir dos espaços digitais e a interferência desses usos no ambiente escolar.

4.1 DESVENDANDO O COTIDIANO

Ao pensar em como aproximar-me dos alunos participantes da pesquisa, fiz a opção por trabalhar com o grupo focal. Como trabalho diariamente na escola, lidando com questões de organização, planejamento e acompanhamento pedagógico e atuo também nas questões relacionadas à disciplina, precisava encontrar momentos em que os alunos pudessem desmistificar o papel de supervisora da escola, como me enxergavam, e me aproximar deles enquanto pesquisadora. Como tinha um bom relacionamento com os alunos, pautado no respeito mútuo, resolvi propor os encontros para toda a turma, convidando aqueles que se sentissem à vontade em participar. Esses encontros foram iniciados em novembro de 2014, enquanto já realizava paralelamente o levantamento bibliográfico e metodológico da pesquisa. Várias situações em efervescência na escola onde trabalho, enquanto cursava as disciplinas de mestrado, despertaram em mim a necessidade de aproximar-me dos alunos naquele momento para iniciar os registros da pesquisa.

Inicialmente apresentei a duas turmas a proposta do trabalho, uma de 8º ano (13-14 anos) e outra do 7º (12-13 anos), pois situações envolvendo a divulgação de fotos pessoais entre os alunos ocorreram em ambas. No entanto, foi somente na turma do 7º ano que o trabalho despertou interesse e sensibilizou os alunos a participarem dos encontros. Expliquei a proposta da pesquisa e distribuí a documentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que a família de cada aluno tomasse ciência do trabalho e autorizasse a participação. Uma mãe de aluno, somente, é que me ligou para esclarecer detalhes sobre o horário em que os encontros seriam realizados. Como esclareci que seria durante o horário de aula, a mãe autorizou a participação do filho.

A previsão era de quatro encontros entre os meses de novembro e dezembro de 2014. Logo no início de dezembro o número de alunos frequentes diminui consideravelmente, pois acontece o período de recuperação bimestral. Dessa forma, somente os que estão em recuperação comparecem à escola em dias específicos, de acordo com as disciplinas em que precisam melhorar suas notas.

Inicialmente a quantidade de alunos prevista era 12, mas houve encontros com 16 alunos que se interessaram em participar. O objetivo era apresentar as situações em que o uso das redes sociais fossem ilustradas através de histórias em quadrinhos para que o grupo conversasse e se expressasse sobre os temas abordados.

Solicitei a alguns professores que cedessem os alunos da turma semanalmente para a realização dos encontros, mas para não prejudicar a participação dos alunos no andamento das aulas, em dois dias utilizei horários vagos da turma. É importante ressaltar que os alunos realmente gostavam dos encontros e que, quando terminamos, eles me perguntaram se eu iria continuar em 2015. Eles sempre ficaram à vontade para se expressar e contar suas experiências em relação aos usos dos espaços digitais.

Inicialmente, pensei em prever algumas categorias de análise das falas que seriam coletadas com os alunos, pois tinha conhecimento de algumas situações que estavam reverberando no cotidiano da escola a partir do uso das redes sociais, mas desejava ouvir os alunos e descobrir o que poderia ser relacionado com o material teórico que estava selecionando. O fato é que me surpreendi muitas vezes quando ouvia determinadas revelações, pois não sabia das situações que ocorriam entre os alunos de forma tão corriqueira. Assim como destaca Lemish (2009), a pesquisa qualitativa incentiva o pesquisador a não apagar sua individualidade subjetiva, mas a partir dela abrir um caminho mais profundo na compreensão dos significados subjacentes do fenômeno estudado. A partir do que ouvia, fui delineando as categorias, direcionando o andamento dos encontros e buscando compreender os relatos, relacionando-os com os conteúdos que selecionei para este trabalho.

Inicialmente pensei em trabalhar com três categorias:

- ✦ Categoria 1 - As relações de amizade estabelecidas através da interação nas redes sociais.
- ✦ Categoria 2 - Uso de imagens pessoais nas redes sociais.
- ✦ Categoria 3 - O público e o privado nas interações na rede.

No entanto, ao realizar os registros dos encontros com os alunos e proceder a uma leitura atenta a partir da questão, dos objetivos e do referencial teórico que respalda esta pesquisa, percebi que alguns trechos eram relevantes e outros recorrentes.

Após a reflexão e análise dos dados coletados, constatei que as duas últimas categorias estavam relacionadas de tal maneira que se tornaram uma só. Ao tratar do uso de imagens nas redes sociais, acabei entendendo que essas imagens se relacionam à inexistência das

dimensões sobre o público e o privado nas interações realizadas na rede pelos adolescentes participantes desta pesquisa. As imagens pessoais divulgadas ou acessadas expõem situações da intimidade que poderiam ser classificadas como situações do privado, mas que ao serem divulgadas nas redes sociais tornam-se públicas, banalizadas por quem as acessa e compartilha. Assim, as categorias de análise foram revistas e estabelecidas como:

- ✦ **Categoria 1** – As relações de amizade estabelecidas por meio da interação nas redes sociais.
- ✦ **Categoria 2** – O público e o privado no uso de imagens pessoais nas redes sociais.

4.2 PERCORRENDO O CAMINHO

No primeiro encontro com os alunos usei a música do Gilberto Gil “Pela Internet”¹⁹ para iniciar a conversa. Apresentei o vídeo e a letra e ouvimos com atenção, no entanto, os alunos não se mostraram muito entusiasmados com a música. Conversamos sobre os usos da Internet, a facilidade e a agilidade de comunicação, mas a conversa não fluiu com desenvoltura, pois os alunos ficaram um pouco inibidos. Infelizmente, tive um problema com meu celular e perdi a gravação desse encontro antes de fazer a transcrição. Os registros dos encontros seguintes foram recortados para que as análises pudessem ser descritas.

4.2.1 Categoria 1 - As relações de amizade estabelecidas por meio da interação nas redes sociais

Boa parte do que foi relatado pelos alunos durante os encontros permeava as relações de amizades estabelecidas ou mantidas no meio virtual, assim como as relações afetivas mais próximas. Em um dos encontros, a história em quadrinhos utilizada retratava a divulgação de informações pessoais para pessoas recém-conhecidas em salas de bate-papo. A partir da leitura da história “*(Des)Encontros no bate papo*”, o assunto mais abordado nesse encontro foi as relações de amizade construídas ou deterioradas a partir dos usos das redes sociais e outros espaços de comunicação digital.

¹⁹ Letra da música nos anexos.

Questões sobre amizade verdadeira, falsidade, popularidade e proximidade permearam algumas das falas descritas e analisadas nos próximos parágrafos. Um dos pontos de destaque entre os relatados pelos adolescentes é que ao se estabelecer laços de amizades nas redes sociais, considera-se como um fator favorável ao desconhecido o fato de o mesmo ter amigos em comum em sua rede. Assim, o desconhecido, o amigo de amigos, é adicionado imediatamente:

*AL – Um cara tem 120 amigos em comum, eu sou uma dessas, eu olho assim, tem 120 amigos em comum, então eu aceito.
(Trecho do encontro do dia 24/11/2014)*

Como a maioria dos alunos adiciona várias pessoas com as quais não possui laços nos espaços off-line, muitos são conhecidos de conhecidos e são adicionados, aumentando a grande rede de desconhecidos virtuais.

*Andréa – Quantos amigos você tem no Face?
M – 4000 e alguma coisa.
Andréa – Você tem 4000 amigos no Face... Você conhece pessoalmente todas essas 4000 pessoas?
M – Não.
Andréa – Por que você adiciona tanta gente?
(Muitos falam ao mesmo tempo tentando responder)
Andrea – Qual é a vantagem de se ter 4000 amigos no face?
M – Nenhuma.
G – Tem sim!
AC – Tem gente que quer ter no Facebook muito amigo, completar os 5000 que pode se arrumar pra ter curtidas.
Andréa – O máximo então é 5000, e se você tiver 5000 amigos?
G – A vantagem é primeiro, que você pode ganhar mais curtidas; segundo, a pessoa que entrar no Facebook vai falar assim “ nossa ele tem 4000 amigos, gente esse cara deve ser tipo...
AC – “Famosinho”.
G – É, “famosinho”, aí é que tá Andréa, é legal sim!
AC – Igual a MV, eu conheço muita gente aqui dos oitavos que andam com ela por causa de fotos e de curtidas.
J – A MV tem 300 e poucas fotos.
Andréa – Muita gente que anda com a MV por...
AC – Só por causa que ela é famosinha e tem curtidas.
(Trecho do encontro do dia 14/11/2014)*

Segundo Amante et al. (2014), as redes sociais são espaços privilegiados para a expressão de emoções cotidianas através de uma linguagem que, mesmo abreviada e pouco explicativa, expressa manifestações afetivas pessoais e também as relações estabelecidas. Esses espaços de comunicação virtuais acabam se tornando extensão do mundo real, revelando-se um campo importante para buscar compreender os adolescentes.

Diante dos registros das falas dos alunos, é possível perceber que o número de amigos está diretamente relacionado ao número de curtidas que o usuário da rede social *Facebook* pode ter. Para esses adolescentes, ter muitas curtidas é sinônimo de popularidade, que implica também nas relações de amizade existentes dentro do ambiente escolar.

Assim como afirma Martino (2014), a lógica do consumo se faz presente nas relações estabelecidas entre os adolescentes. O usuário que posta um vídeo ou foto em uma página da rede social tem a expectativa de ser visualizado pelos amigos, o que acaba influenciando no estabelecimento de vínculos de amizade virtuais e até nos espaços off-line. Segundo Couto (2014), em postagens no *Facebook*, por exemplo, o simples “curtir” direcionado à publicação de alguém promove o nosso capital social, desencadeia o poder de mostrar também quem e o que eu sou, já que meus amigos, ou amigos de amigos, podem visualizar a minha “curtida”. Assim, “ao mesmo tempo em que legitimo e aumento a visibilidade e a popularidade do outro também me faço mais visível e me popularizo” (COUTO, 2014, p. 59).

Para estes adolescentes, ter muitas curtidas, ser “famosinho”, é importante porque está diretamente relacionado à popularidade on-line e também é referência no ambiente das relações off-line, ou seja, nas relações de interação no cotidiano da escola. Tal lógica é confirmada por Bauman (2004),

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos do seu “valor monetário”. [...] Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles, por si mesmos e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor. (BAUMAN, 2004, p. 61).

A relação estabelecida a partir das curtidas de fotos nas redes sociais, pautada no interesse pelo status ocupado, interfere nas relações não virtuais e nos remete a Debord (2005, p. 9), quando afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada por imagens”. O que é publicado e apreciado entre os amigos na

rede social acaba interferindo nas relações de amizade estabelecidas também no ambiente escolar, uma vez que o aluno que tem muitas curtidas virtuais tem muitos amigos e, conseqüentemente, atrai muitos amigos dentro da escola. Existem amigos que se aproximam pelo status de curtidas nas redes sociais e pela popularidade constituída também na escola, o que indica um tipo de aceitação social por aqueles que curtem, enquanto o indivíduo que recebe as muitas curtidas fica com a sensação de ser aceito ou integrado socialmente. Neste sentido, Amante et al. (2014) esclarece:

Tal como no mundo real, o “eu” apresentado tende a ser gerido pelo próprio de forma positiva, com a vantagem do meio virtual servir de desinibidor para perfis mais dados à timidez ou portadores de estigmas que não passam despercebidos no mundo *off-line*. Mostrar-se popular entre os amigos, através de fotografias de grupo – uma das formas preferidas de auto apresentação por parte das camadas jovens - reforça a ideia de popularidade e ajuda à construção de uma identidade de grupo (Zhao et al. 2008). A apresentação de perfis socialmente desejáveis, assim como a existência de retroação positiva por parte dos pares, revelaram-se processos favoráveis à integração social dos jovens no mundo *off-line*. (AMANTE et al., 2014, p. 35).

Paradoxalmente, os relatos deixam claro que ter muitos amigos não significa ter amizades consideradas verdadeiras. Segundo os alunos:

AC – Ninguém é amiga de ninguém...

AC- Acho que hoje em dia ninguém é amigo de ninguém. Todo mundo fala, tipo a M fala da amiga por detrás, eu já falei de todo mundo aqui.

Mi – Eu já falei da M no ano passado.

AC – Então, todo mundo fala, não existe mais aquela amiga verdadeira, é amiga só.

Mi – Acho que amigo verdadeiro, só dentro de casa.

AC – Amiga verdadeira mesmo é a mãe, tudo que a gente tem que fazer a gente tem que contar pra ela.

(Muitos falam ao mesmo tempo)

Andréa – O que acontece então, assim porque as relações de amizade entre vocês... não são verdadeiras?

AC – Porque todo mundo fala mal, entendeu? A gente tá conversando aqui, tipo eu e a I. A gente vira, ela fala de mim, ela vira eu falo dela... com certeza.

(Trecho do encontro do dia 14/11/2014)

No trecho transcrito os alunos não citam especificamente as amizades virtuais, mas o encontro tratava dos contatos estabelecidos virtualmente e vivenciados também nas relações dentro da escola. Os alunos apontam que essas relações de amizade estabelecidas on-line podem não ser verdadeiras, mas não significa que essa característica tenha como causa específica o uso dos espaços digitais. É possível afirmar que a fragilidade das relações de amizade possa ser potencializada pelas redes sociais de relacionamento, mas essa fragilidade também se faz presente nas relações off-line, no cotidiano escolar.

*AC – Eu acho que nem toda amiga é falsa, tipo, eu tenho muitas amigas verdadeiras, eu sei dividir quem são minhas amigas e quem fala mal de mim, então eu sei em quem eu não posso confiar.
(Trecho do Encontro do dia 14/11/2014)*

Mesmo diante de relatos sobre a descrença nas relações de amizade, dois alunos citaram que conheceram verdadeiros amigos através da internet:

*J – Meu maior amigo eu conheci na Internet.
(Trecho do Encontro do dia 14/11/2014)*

R – A minha melhor amiga mesmo, antes eu só conheci ela pelo WhatsApp. Depois a gente se encontrou e como a gente já se conhecia...

Andréa – Como que você ficou amiga dela pelo WhatsApp?

R – A gente estava tipo no mesmo grupo. Eu nunca tinha conversado naquele grupo, aí um dia resolvi dar um oi

Andréa – Mas quem te inseriu nesse grupo?

R – A L me inseriu.

A – Tinha quantas pessoas no grupo?

Todos – Já acabou...

R – 50 (muitos respondem, o que dá a entender que mais alunos da turma faziam parte desse grupo)

A – Tinha 50 pessoas nesse grupo?

R – Tinham 50.

A – 50 pessoas conseguiam conversar?

R – É, tipo assim um dava um oi, aí ...

M – Não... era tudo bagunçado.

R – Aí eu dei um oi, aí ela respondeu, a gente começou a conversar e aí foi pro privado, a gente começou a conversar muito... aí eu

descobri que eu já conhecia ela há muito tempo, lá da catequese, aí a gente se encontra todo domingo...

A – Atualmente, vocês se encontram todo domingo?

R – A gente vai pra casa de (um amigo) e enche o saco dele todo domingo.

(Trecho do encontro do dia 04/12/2014)

O estabelecimento de amizades através do contato em redes sociais pode acontecer assim como o contato presencial. Como afirma Martino (2014), nas primeiras fases de um relacionamento os indivíduos em questão não têm uma história em comum, mas constroem aos poucos, através da troca de informações entre si, de diferentes maneiras. A descoberta de afinidades e pontos em comum pode fortalecer a amizade e a chamada proximidade funcional, que, segundo o autor citado, pode ser constituída em qualquer ambiente, seja presencial ou digital. A utilização dos recursos da internet para a manutenção das amizades, aparentemente, seria suficiente para garantir a manutenção de relacionamentos, já que a distância física pode ser superada pela proximidade oferecida pelo ambiente digital. No entanto, o autor ainda destaca que encontrar amigos novos não é o mais difícil, mas sim o desafio de conservar os antigos entre as tantas possibilidades de comunicação disponibilizadas com a internet. Cada solicitação de amizade pode ser aceita, mas não indica que a relação vá ser realmente construída, cultivada ou consolidada.

Voltando às considerações de Bauman, existe um “desvanecimento das habilidades de sociabilidade” (BAUMAN, 2004, p.61), tanto no meio on-line quanto na dimensão off-line, pois tais habilidades vêm se tornando frágeis e limitadas pela linha tênue da sinceridade. É difícil manter uma amizade quando não se é sincero e a amizade verdadeira apontada pelos alunos está, segundo eles, dentro da família. Mas ainda existem aqueles que afirmam que amizades verdadeiras também podem ser construídas ou iniciadas através da mediação de ambientes on-line.

Paralelamente à necessidade, apresentada pelos adolescentes participantes da pesquisa, de fazer um grande número de amigos para receber sempre um grande número de curtidas, existe o receio de encontrar aqueles mal intencionados que podem abalar a segurança pessoal e a tranquilidade da família:

M – Andréa, igual, eu, a minha mãe briga muito comigo porque eu tenho 4000 amigos no meu Facebook, 4000 e pouco, aí ela fala que... aí ela fala que tem muita gente que pode ir lá... ela tem certeza que

tem muita gente que fica olhando o meu perfil toda hora, para ver onde eu “to” pra ver o que eu “to” fazendo, ver nossas fotos, ver onde eu moro entendeu, e tipo, a minha mãe fica falando um monte de coisa que tipo eu ainda vou me dar mal porque eu fico aceitando gente que eu não conheço, eu fico aceitando muita gente que eu não conheço. Aí tipo, às vezes que tem gente... aí minha mãe pergunta ‘da onde você conhece?’ às vezes é do Facebook, mas eu já vi ela pessoalmente... A minha mãe fala: menina?! Sabe? Tipo assim, ela fica bolada...

(Trecho do Encontro do dia 03/12/2014)

O receio da família relatado pela aluna tem relação com os índices de violência que sempre permeiam os programas de televisão e noticiários que as famílias têm acesso:

Andréa – Você acha que o Facebook é muito perigoso?

V – Eu acho...

R – Eu não acho...

Andréa – Por quê?

V – Porque eu já vi vários casos, igual a minha mãe já viu Lá no “Balanço geral” (programa de televisão com notícias trágicas), aí tem essas meninas que “fica”, encontram com o cara, aí o cara vai e estupra ela sabe? E a menina não pensa sabe?... aí eu fico pensando sabe?

Andréa – Mas elas marcam encontro pelo Face?

V – É... mas não é só pessoal agressivo que conversa com você não...às vezes tem pessoa que quer conversar contigo, e marca num lugar... aí eu acho muito perigoso.

(Trecho do Encontro do dia 03/12/2014)

Opiniões como essa surgiram também nos outros encontros, não de forma pessimista em relação aos relacionamentos iniciados nos espaços digitais, mas como um alerta de cuidado sobre as consequências do tipo de relação construída aleatoriamente através da rede social *Facebook*. Esse tipo de comentário foi mais recorrente na fala das meninas, demonstrando certa insegurança em se aproximarem de desconhecidos através das redes sociais. No entanto, os meninos não demonstraram a mesma preocupação.

R – Mas igual a V falou, dos homens “ameaçar”, mas tipo, as meninas vão (ao encontro marcado) se elas quiserem...

G – É porque todo mundo aceita todo mundo, isso tá errado, devia aceitar só quem conhece. Aí todo mundo aceita todo mundo, dá nisso...

(Opinião de um menino sobre o fato das meninas marcarem encontro com pessoas conhecidas através da rede social. - Trecho do Encontro do dia 03/12/2014).

Para alguns autores, é importante discutir essa preocupação sobre os usos que os adolescentes fazem da Internet. Stern e Willis (2009) afirmam que todos nós sabemos que a rede é quase que vital para muitos adolescentes e a liberdade de uso que possuem podem levá-los ao acesso a conteúdos inadequados ou a “predadores on-line”, que podem atraí-los para relacionamentos ou interações sexuais perigosas. No entanto, os autores destacam que educar os adolescentes para o uso da Internet parece ser o caminho mais sensato para pais e professores, com o objetivo de incentivá-los a tomarem decisões responsáveis e cuidadosas no ambiente on-line.

Enquanto pesquisadora e também pedagoga da escola onde aconteceu a pesquisa, percebo a resistência dos professores em abordar o uso que os adolescentes fazem dos espaços digitais no cotidiano da escola. Os professores, principalmente da área de exatas, manifestam grande preocupação em ministrar os conteúdos previstos para cada segmento, seja no ensino fundamental ou no ensino médio, uma vez que as avaliações externas e os exames de Enem e PISM permeiam toda a matriz curricular. Existe uma grande preocupação com o conteúdo, mas abordar os assuntos relacionados à convivência social e ao uso da internet está fora dos objetivos dos conteúdos a serem ministrados. Desvendar novas possibilidades de trabalho, integrando os usos de espaços digitais como recursos para as aulas, discutindo com os alunos questões éticas e estéticas relacionadas a esses espaços, são caminhos ainda muito distantes da realidade escolar, pelo menos da escola em questão. Já os professores das áreas de humanas apresentam abertura às novas possibilidades de trabalho, mas são sufocados pela imposição do sistema de avaliação que permeia a prática da escola.

Espaços de discussões para integrar as disciplinas e propor projetos voltados para a formação humana e crítica estão sendo oferecidos aos professores após a mudança de gestão ocorrida na escola a partir de 2016. Mas ainda há resistência e eu, enquanto educadora da escola, tenho esperança de que tal resistência seja superada e que ações voltadas para uma formação integral, humana e social sejam promovidas, além de caminhos que busquem educar crianças e adolescentes para o uso da Internet.

4.2.2 Categoria 2 - O público e o privado no uso de imagens pessoais nas redes sociais

No segundo encontro com os alunos de 7º ano apresentei a eles uma história em quadrinhos que relatava a situação em que uma adolescente, namorando há duas semanas, enviou uma foto íntima para o namorado. O rapaz, empolgado, confiou no amigo e enviou-lhe a foto também. No dia seguinte, na escola, todos já estavam compartilhando a foto e a menina brigou com o namorado porque confiava nele e ele divulgou a imagem.

Essa situação mobilizou os adolescentes do grupo nas discussões sobre o assunto, principalmente porque fato semelhante aconteceu na turma. Uma aluna enviou uma foto em trajes íntimos para o namorado e ele reenviou para uma amiga, que, por um desentendimento com a protagonista da situação, compartilhou a imagem para vários colegas da escola. Quando apresentei a história, logicamente não fiz referência ao caso da aluna, que estava no grupo, mas os alunos, muito à vontade, já foram se manifestando logo que fizeram a leitura da história. Como os alunos começaram a conversar muito naturalmente, observei se a aluna em questão ficaria intimidada ou constrangida, fato que não aconteceu. Ela também se portou com naturalidade, participou dos comentários e fez questão de contar com detalhes o que tinha acontecido, esclarecendo que foi a amiga, com quem havia brigado e que tinha a foto, a responsável por espalhar a foto pela escola.

Andréa – O que vocês acharam dessa história?

G – Eu achei a história legal.

J – Bem legal.

G – Tipo, eu não achei legal da parte dele, porque, tipo, e nem da parte dela. Uma coisa é ficar namorando com uma pessoa há uns quatro meses e mandar uma foto, outra coisa é conhecer há duas semanas e já mandar uma foto.

Andréa – Quer dizer que se estivesse namorando há quatro meses você poderia mandar a foto íntima?

G – Não... Acho que, não é questão de poder ou não poder, mas ah... acho que é normal...

Andréa – Você acha que é normal?

G – Ah...

Andréa – Você acha que é normal mandar foto íntima?

G – Ah, pensa assim, olha a diferença: Esse Peu (personagem da história) conhecia a menina há duas semanas, sendo que... outra coisa que eu percebi, ele não pediu a foto. Ela é que mandou a foto.

Eu achei isso meio... (risos) Eu achei isso muito estranho. Ela manda, tipo assim sem ninguém pedir.

Andréa – Vocês acham que ele (referindo-se à história em quadrinhos) tinha a intenção de divulgar a foto dela?

M – Ah... tinha. Se ele mandou para o amigo...

(risos)

J – Mas ele mandou para o amigo.

G – Mas ele confiava no amigo e ela confiava nele. Ele confiou no amigo, só que o amigo era um traíra.

J – M, aquela sua foto...

AC – E o namorado também era traíra.

F – E ela também era doida.

J – Sai por aí mandando foto íntima...

M – Qual que é o problema?

[...]

AC – Os dois foram idiotas: uma por mandar a foto assim pelada, assim, com um namoro de duas semanas e o outro por mandar para o amigo.

G – O homem quer mostrar que está com uma namorada bonita.

(Trecho do Encontro do dia 14/11/2014).

A situação em questão nos possibilita refletir sobre o comportamento dos jovens e adolescentes nas redes sociais. Para alguns alunos é normal ou comum a exposição íntima acontecer, sendo que a banalização da sexualidade e da exposição nas redes marca uma postura voltada para a exibição da própria imagem.

Outro ponto de destaque na fala dos alunos é: “O homem quer mostrar que está com uma namorada bonita”. Ressalto que essa fala é de um menino e aponta um senso comum da concepção machista que, aparentemente, vigora também entre os adolescentes. Analisando o registro da fala do aluno ao se referir à situação descrita, é possível perceber que a atitude da personagem da história ao enviar a foto íntima da namorada para o amigo é justificada pela necessidade do homem de se sobrepôr perante os outros colegas, exibindo a namorada que tem e que ainda o envia fotos íntimas para apreciação. No caso da situação ocorrida na escola, e esclarecida pela aluna envolvida, ela enviou uma foto em trajes íntimos e o namorado encaminhou para uma amiga em comum e rival da protagonista. Nessa situação também é possível perceber o posicionamento do namorado que provoca uma possível pretendente enviando a foto da namorada atual, fato que provocou um grande desentendimento entre as duas envolvidas diante do compartilhamento da foto sem a autorização. Em ambas as situações, os traços de um posicionamento machista podem ser percebidos, exibindo a foto

íntima da namorada como se fosse um troféu. Acredito que esse tipo de comportamento no cotidiano da escola possa ser explorado em pesquisas futuras, no entanto, algumas considerações podem tentar elucidar o comportamento desses adolescentes.

Em nossa sociedade, caracterizada como capitalista e consumista, o corpo da mulher é sempre apresentado como objeto e estímulo para venda de roupas, calçados, *lingerie*, com modelos de corpo perfeito, esguio e sedutor. As imagens usadas estão disponíveis nos *outdoors*, programas de televisão, revistas, bancas de jornal, sendo que muitos jornais de apelo popular apresentam mulheres em trajes sensuais na primeira página. É nesse mundo de imagens que os jovens estão crescendo e assistindo à banalização do corpo nas mídias e pelas mídias. Segundo Soares,

As meninas desde muito cedo são obrigadas a constranger seus corpos para exibi-los com unhas pintadas, saltos altos, mechas coloridas nos cabelos. São educadas a consumir moda. Um modelo de beleza torna-se imperativo para a visibilidade do corpo feminino, em escala muito maior que no caso masculino. (SOARES, 2003, p.16).

A afirmação da autora nos dá pistas sobre como o padrão feminino vem se constituindo nas jovens da contemporaneidade, mas além do padrão estético se faz presente também o apelo à sexualidade usada para conquistar o outro.

As situações em que mulheres e homens relacionados ao meio artístico, cantores, atores e atrizes têm fotos íntimas divulgadas na internet por *hackers* vêm se tornando comuns na atualidade, e a existência de fato semelhante no cotidiano escolar é relatado nesta pesquisa. Exibir o corpo é uma situação recorrente entre os adolescentes e jovens, através de caras e bocas registradas nas selfies ou em fotos de momentos ou situações íntimas compartilhadas através das redes sociais. Segundo Debord,

O espetáculo que inverte o real é efetivamente produzido. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, e retorna em si própria a ordem espetacular dando-lhe uma adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. Cada noção assim fixada não tem por fundamento senão a sua passagem ao oposto: a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real. (DEBORD, 2005, p. 10).

Alguns dos jovens participantes da pesquisa alegam achar “normal” o envio de fotos íntimas aos namorados. É como se o espetáculo da imagem do corpo tivesse a “adesão

positiva” citada por Debord. Independente do apelo moral, exibir-se é uma forma de chamar a atenção para si próprio em uma realidade em que todos querem ser vistos, curtidos, acessados.

G – Deixa eu falar, você perguntou por que a menina quer se exibir? Tipo, olha só, presta atenção: a menina, vamos imaginar uma história aqui, a menina sofre bullying. Ela tá lá, quase não tem amigos, ninguém entende, ninguém sabe o que é... Ela posta foto porque ela vai querer ser o centro das atenções. Aí os meninos vão falar: “Nossa como é gostosa”. Ela vai chamar atenção.

J – Vão dar mais atenção pra ela.

(Trecho do encontro do dia 14/11/2015)

Para os alunos, a exibição de fotos pessoais se justifica pela necessidade de chamar a atenção para si, pelo desejo de ser reconhecido, apreciado, admirado. Alguns autores relacionam essa necessidade à influência da mídia televisiva e ao mercado publicitário, como destaca Fisher (2001) quando afirma que a mídia e a publicidade investem em eficientes pesquisas de mercado para estabelecer uma comunicação com o público, adentrando na intimidade dos indivíduos, nos seus sonhos, ilusões, prazeres e medos:

Por que não aderir àquilo ou àquele que fala de mim e para mim, que ‘sabe’ como me sinto e o que desejo? O contraste desse discurso com aquele que chama à disciplina, ao limite, ao silêncio, ao não narcisismo, por exemplo, fica cada vez mais evidente, num tempo em que predomina o culto ao prazer imediato e ao permanente voltar-se para si mesmo: meus sentimentos, meu corpo, meu prazer, a satisfação rápida das minhas necessidades, que se manifestam como se fossem ‘naturalmente’ minhas, criadas por mim. A roupa que vou vestir – elemento essencial das práticas adolescentes cotidianas, por exemplo – parece não interessar em quase nada à escola, à própria família, mas interessa e muito ao mercado, à televisão, à publicidade. E isso tem consequências que não alcançamos na formação e no cotidiano dos mais jovens. (FISCHER, 2001, p. 426-427).

De acordo com a autora, a publicidade seduz, buscando induzir comportamentos, ditar moda e estimular a apreciação de determinados padrões de beleza. O corpo é sempre utilizado nesse processo de sedução. Debord (2005, p. 13) esclarece que o espetáculo submete a si os homens vivos, já que a economia já os submeteu totalmente, se tornando o reflexo fiel da produção das coisas e a objetivação dos produtores.

A exibição do corpo continua incitando a conversa e muitas falas me surpreenderam. Como educadora da escola, não imaginava que determinadas situações aconteciam entre os

alunos. Fiquei surpresa com as situações relatadas, com as falas e com as situações com as quais eles convivem.

J – Igual essa RE (de outra turma, que tem um histórico de usar a rede para expor fotos íntimas)...

G – Ela mandou para o (namorado) ela não postou a foto.

J – Mas deixa eu falar o caso dela!

Andréa – O caso dela é parecido com esse daqui? (da história usada como detonador da conversa)

M – É.

Andréa – mandou para o namorado e o namorado espalhou?

Todos falam juntos.

Andréa – Espera aí, gente, um de cada vez.

M – Acho que ela tem “tara”.

G – O menino pediu a foto pra R. A R foi lá e mandou, só que mesmo ela mandando, a foto saiu e ela continuou mandando.

J – Sabe o que ela falou? Eu perguntei: nó por que você fica mandando foto? Ela me falou, “me dá 15,00 que eu mando uma pra você”.

Todos falam.

G – Professora, ela escreveu o nome do menino e tirou a foto.

G – Aqui (apontou para a região da genitália).

Os alunos citaram os nomes dos colegas que a menina escreveu para tirar a foto.

J – Onde ela colocou o nome?

M – Na “pepeca” dela...

(Trecho do Encontro do dia 14/11/2014)

Particularmente, não imaginava que situações como a descrita acima poderiam estar acontecendo entre os alunos. A mídia constantemente divulga situações em que fotos íntimas de celebridades foram espalhadas pela web sem consentimento ou por vingança de algum namorado que não aceitou a separação e tenta prejudicar a ex-namorada. Porém, a situação descrita muito se aproxima dos escândalos sobre exposição íntima e praticamente aconteceu dentro do cotidiano da escola e, ainda, descobri que muitos professores e professoras também não tinham conhecimento desse tipo de ação entre os alunos e alunas. Quando mencionei a uma professora, sem citar nomes, que a divulgação de imagens íntimas era comum entre os alunos, ela me respondeu: “Tem coisa que prefiro nem saber”.

Omissão ou despreparo para lidar com a situação? Assumindo novamente o papel de educadora da escola, percebo que a falta de preparo faz com que os professores desejem não

se envolver ou não abordar essas questões em sala. Na visão dos professores, é mais seguro evitar ouvir e oferecer a oportunidade da discussão sobre o assunto do que ter que se posicionar e promover a reflexão em sala de aula. Acredito que aqui também cabe outra pesquisa...

Ao procurar autores que pudessem esclarecer o comportamento da exibição íntima nos espaços on-line, encontrei as considerações de Lemos (2008), que afirma que a ampliação da eficiência das redes de comunicação digitais e o desenvolvimento de tecnologias da realidade virtual oferecem grandes possibilidades para a emergência de novas práticas da sexualidade no ambiente eletrônico, no caso, o *cibersexo*:

Trata-se, neste momento ao menos, de uma transferência (como em outras áreas) da pornografia da cultura de massa para a pornografia do ciberespaço. Sem ser muito criativa ou radical, a pornografia o ciberespaço é mera transposição do que ocorre na sociedade dos *mass media*. [...] A facilidade do meio e a possibilidade de ser emissor (novidade das tecnologias da cibercultura em relação à cultura dos *mass media*) tem feito das webcams um fenômeno mundial. Assim o é com o sexo. Qualquer pessoa pode, de sua casa, revelar seu corpo e viver experiências vigiadas por um olhar onipresente e virtual de toda a humanidade. (LEMOS, 2008, p. 162).

Podemos complementar a citação de Lemos afirmando que, atualmente, os celulares com câmeras, recursos e aplicativos cada vez mais modernos também contribuem para que os adolescentes sejam produtores e emissores de conteúdos diversos, potencializando também a exposição pessoal. Fotos e vídeos pessoais, ou íntimos, são feitos e postados imediatamente nas redes e de forma viral são compartilhados. Tudo muito rápido, intenso e fugaz.

Diante do que foi apresentado, há também autores que entendem essa potencialidade de produção e exibição impulsionada pelas tecnologias como algo significativo, que valoriza a capacidade de os usuários produzirem e manifestarem suas opiniões, desejos e ideias dos espaços digitais.

Couto (2014) destaca que, agora, o discurso público é construído por meio de ampla participação, com conteúdos variados, produzidos e compartilhados, e complementa que existem possibilidades de aprendizado contínuo com e nas redes sociais digitais. Esses novos usuários da internet são essencialmente colaboradores em diversos aspectos, “são ativistas, querem compartilhar e fazer juntos” (p. 62). Nesse sentido, profissionais da educação e pais devem estar atentos, uma vez que a prática pedagógica tradicional, ainda presente em muitas escolas, continua centrada no professor, pautada em um modelo de ensino hierarquizado,

unidirecional. Na era das conexões existe a possibilidade das pessoas aprenderem trabalhando em conjunto, através de redes colaborativas. Assim, o autor propõe

uma outra pedagogia focada na participação, na interação, complexa, dinâmica, multidirecional e muito mais criativa. É em meio a esse fazer com os outros que cada um vai aprender a coordenar, administrar, selecionar e valorizar o quê, como, quando e quanto deve revelar de si mesmo. Essa exposição responsável de si deve ser ensinada e aprendida no próprio processo das dinâmicas das redes e das recentes orientações educacionais, em andamento. (COUTO, 2014, p. 62).

Os encontros realizados e os registros obtidos oferecem muitas possibilidades de reflexão sobre os usos dos espaços digitais pelos adolescentes e jovens. Conhecer esses usos oferece a oportunidade de uma aproximação com os alunos que estão na escola, conhecendo-os um pouco melhor. Este conhecimento pode ajudar a planejar, repensar e implementar práticas que favoreçam o desenvolvimento dos alunos não só dentro da escola, mas também enquanto cidadãos que atuam e convivem numa cultura digital, dentro de espaços on-line e off-line.

Aqui apresentei algumas considerações de uma pesquisa que pode oferecer novas vertentes para reflexões ainda mais profundas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente este trabalho apresentou a contextualização histórica das mídias digitais e das redes sociais como espaços de comunicação interativos, além de dados de pesquisas quantitativas sobre os usos das mídias digitais no Brasil. Em seguida, realizou o levantamento de pesquisas relacionadas aos jovens e suas interações socioculturais a partir dos usos dos recursos tecnológicos. O capítulo teórico apresentou as considerações de vários autores sobre o comportamento dos jovens a partir dos usos dos recursos tecnológicos como mediadores das interações sociais. A metodologia foi pautada numa perspectiva qualitativa e numa investigação sobre o cotidiano escolar, utilizando o grupo focal como recurso de aproximação e interação com os alunos, considerando como público os alunos de 7º ano do Ensino Fundamental. A análise dos dados foi realizada e respaldada pelo referencial teórico apontado no corpo deste trabalho, buscando a reflexão sobre o cotidiano da escola, por meio dos relatos e falas dos alunos participantes.

Percorrendo esse caminho, esta pesquisa procurou avançar nas questões referentes aos usos que os jovens fazem dos espaços digitais e como habitam esses espaços, buscando indícios sobre as possibilidades de aproximação da escola com os jovens estudantes, lhes proporcionando novos espaços de aprendizagem e exercício de interação social mediante as múltiplas formas de expressão e comunicação.

Durante o processo de finalização deste trabalho, ponderando sobre a escrita e as análises construídas, me deparei com um livro de Martín-Barbero que apresentava várias considerações e questionamentos que vão ao encontro do que eu buscava com esta pesquisa. Martín-Barbero (1999) afirma que a sociedade possui hoje diversos dispositivos de armazenamento, classificação, difusão e circulação de informações mais variáveis, disponíveis e individualizados do que a escola, que muitas vezes ignora a sedução exercida pelas tecnologias da imagem aos jovens da contemporaneidade. Muitas vezes a escola se queixa dos alunos, da falta de atenção e de concentração dos mesmos, mas continua trabalhando com os adolescentes e jovens, foco desta pesquisa, como se o mundo externo aos muros da escola não os afetasse e não implicasse em seus comportamentos.

Ignorando o contexto de relacionamentos e de acesso a informações dos adolescentes e jovens, a escola se resguarda de entender e questionar a reorganização profunda que acontece

atualmente no “*mundo das linguagens e das escritas* como a conseqüente *transformação dos modos de ler*”, mantendo ainda arraigada a identificação da leitura com o que se refere somente ao livro e não à pluralidade de textos e escrituras nas suas mais variadas formas, contextos e espaços que hoje circulam.

O que mais chamou minha atenção no texto de Martín-Barbero (1999) foram justamente os questionamentos que ele propõe sobre o posicionamento da escola:

[...] que atenção estão prestando as escolas às modificações profundas na percepção do espaço e do tempo vividos pelos adolescentes, inseridos em processos vertiginosos de desterritorialização da experiência e da identidade, apegados a uma contemporaneidade cada dia mais reduzida a atualidade, e no fluxo incessante e embriagador de informações e imagens? Que significa aprender a saber no tempo da sociedade informacional e das redes que inserem instantaneamente o local no global? Que deslocamentos cognitivos institucionais estão exigindo os novos dispositivos de produção e apropriação do conhecimento a partir da interface que enlaça as telas domésticas da televisão com as laborais do computador e as lúdicas do vídeo games? Está a educação se encarregando dessas indagações? E se não o está fazendo, como pode pretender ser hoje um verdadeiro espaço social e cultural de produção e apropriação de conhecimento? (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 58).

Acredito que essas indagações só poderão ser respondidas se a escola redirecionar o seu olhar aos adolescentes que atende, buscando se aproximar dos seus meios comunicacionais tão “embriagados de informações” e imagens que interferem nas formas de comunicar, interagir e aprender no cotidiano escolar.

Pelos caminhos que percorri nesta pesquisa percebi que as interações entre os jovens sofrem implicações das relações estabelecidas no contexto digital. Ser popular em seu grupo de contatos é um ponto importante para o adolescente. O número de curtidas é o termômetro para ser popular no espaço de comunicação digital, nas redes sociais. O número de curtidas nas postagens dos adolescentes os torna também populares em suas relações off-line, físicas, presenciais no cotidiano escolar. Aquele que tem mais curtidas é considerado “famosinho” na escola e automaticamente atrai amigos e admiradores.

O número de amigos na rede social *Facebook* é importante para os adolescentes. Quanto mais amigos, mais curtidas. Não importa se os amigos on-line são realmente próximos presencialmente, o importante para eles é chegar ao limite do número de amigos do Facebook: 5000, segundo eles. Como fazer tantos amigos? Adicionando conhecidos, amigos de conhecidos, conhecidos de conhecidos, ou qualquer outro que manifeste interesse em fazer

amizade on-line. A quantidade é importante, não necessariamente a qualidade dessa relação estabelecida.

Nesse sentido, a amizade nas relações/interações apresenta-se muitas vezes marcada pelo interesse em estar perto de quem é popular. Status social entre os adolescentes: se o indivíduo tem postagens com muitas curtidas, ele é popular. Dessa forma, os demais se aproximam e desejam estabelecer contato, fazer amizade, “andar junto”.

Para os adolescentes é importante mostrar-se, divulgar o que faz constantemente, com o objetivo de ganhar curtidas. Quanto mais curtidas, melhor; eles chegam a disputar o número de curtidas e de amigos on-line. Nesse sentido, muito do que é privado se torna público, alvo de críticas ou de admiração.

O que é privado? O que é público? A maioria não se detém a esse questionamento quando o assunto são as postagens nas redes sociais. Fotos em trajes íntimos das meninas para os meninos, fotos dos órgãos genitais, fotos do corpo seminu entre adolescentes de sexo oposto, enviadas pela caixa de mensagens do *Facebook* ou pelo *WhatsApp*, é um procedimento comum entre vários adolescentes. Namorados, ex-namorados e namoradas apaixonados enviam uns aos outros e em determinado momento da paixão estremecida, esses adolescentes usam essas imagens como vingança pelo rompimento do namoro ou para expor o outro, ou a outra, para os “amigos” da escola. Situações envolvendo ato sexual entre adolescentes também são filmadas e divulgadas através do *WhatsApp*.

E a escola percebe isso? A escola deve intervir? Como intervir?

Durante o período da pesquisa, algumas das situações descritas ecoaram mais alto na escola. Pais aflitos, professores inertes, a escola “apagando pequenos incêndios”, mas nada que fosse tratado como uma situação que exigisse intervenção planejada envolvendo pais, alunos e equipe pedagógica.

As situações foram resolvidas. Um aluno troca de sala, outro muda de escola e tudo continua sendo resolvido como problema disciplinar com medidas disciplinares. A escola deve intervir de outra forma? Volto à indagação já citada anteriormente: como a escola pretende “ser hoje um verdadeiro espaço social e cultural de produção e apropriação de conhecimento?” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 59).

Considerando as situações descritas nesta pesquisa, reafirmo que é necessário nos aproximarmos desses adolescentes e jovens conhecendo os usos que fazem dos espaços digitais. Conversar, refletir, dialogar sobre esses usos, sobre o significado de postar, de curtir, de compartilhar e sobre as relações éticas de amizade para que a escola possa

verdadeiramente tentar ser um “espaço social e cultural de produção e apropriação de conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 59.).

Por fim, acredito que esta pesquisa possibilitou uma aproximação com nossos alunos na fase da adolescência e pode oferecer uma oportunidade de fomentar discussões sobre:

- (a) a necessidade de refletir coletivamente sobre o valor e importância dada às postagens e curtidas de imagens, relatos e informações pessoais nas redes sociais;
- (b) as possibilidades de utilização da rede virtual como fonte de acesso e produção de informações, como repositório de diferentes recursos e como um espaço imensurável para se estabelecer contatos, mobilizar pessoas e compartilhar – de forma responsável – vida e conhecimento.

Dentre essas possibilidades, podemos citar a criação de textos coletivos (wikis), realização de pesquisas, produção de games e vídeos com temas relacionados ao currículo escolar ou com intenção pedagógica, uso de softwares educativos, entre outras.

Não tenho a intenção de apontar os caminhos, mas sim torná-los visíveis e cogitar sobre fatos e acontecimentos envolvendo os adolescentes com os quais trabalhamos, para refletir sobre o cotidiano da escola, repensá-lo – de modo a compreender a realidade dos alunos, suas ações e sentidos construídos nos espaços por eles habitados – e transformá-lo. Afinal, quem é meu aluno hoje? Como posso (inter)agir com ele?

Percebo, enfim, que muito ainda há que se fazer, conhecer e pesquisar. Todavia, ciente dos desafios, sigo esperançosa, pois como já dizia o poeta Antônio Machado (1912, s.p.): *o caminho não está feito, ele se faz ao andar.*

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA LEITE, Regina. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. **Revista Portuguesa de Educação** [online], v. 14, 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37414203>. Acesso em: 03 abr. 2015.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1994, p.21-45.

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **História**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/anped/sobre-a-anped/historia>. Acesso em: 02 mar. 2015.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU>. Acesso em: 22 fev. 2015.

BELLONI, Maria Luiza. A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). **Tecnologias Educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quarteto, 2001.

_____. Os jovens e a Internet: Representações, usos e apropriações. ANPED Sul. **Anais da ANPEd Sul**, 2004. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_54_29_OS_JOVENS_E_A_INTERNET.pdf. Acesso em: 21 fev. 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BORGES, Eliane Medeiros. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. **Media & Jornalismo**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 91-103, 2007. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/mediajornalismo/issue/view/422>. Acesso em: 07 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf. Acesso em: 18 mar. 2016.

_____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2015. 153 p. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**: a era da informação. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CETIC.br – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **TIC Kids Online Brasil**: Análises e Apresentações. Disponível em: <http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/analises>. Acesso em: 18 mar. 2016.

_____. **Pesquisa TIC Educação 2014**. Disponível em: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Aluno&ano=2014. Acesso em: 12 mar. 2016.

CONVERGÊNCIA DIGITAL. **Com baixa infraestrutura digital, Brasil fica em 34º em ranking global**. 2014. Disponível em: <http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=38667&sid=16#.VJXGdiaceA>. Acesso em: 19 jan. 2015.

COUTO, Edvaldo Souza. Parte 1 – Facebook, potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: Eduepb, 2014, p. 47-65.

D'AQUINO, Fernando. **A história das redes sociais**: como tudo começou. 2012. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>. Acesso em: 07 dez. 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Antipáticas, 2005.

EBC. Tempo de crianças e adolescentes assistindo TV aumenta em 10 anos. **Criança e Consumo**, 26 jun. 2015. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos>. Acesso em: 18 mar. 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso. In: SILVA, Luiz Heron. **A Escola Cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 424-439.

FIORIO, Ângela Francisca Caliman; LYRIO Kelen Antunes; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisar com os cotidianos: os múltiplos contextos vividos pelos/as alunos/as. **Educação&Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 569-587, maio/agosto 2012.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2012.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Guia do Especialista da Educação Básica**. Disponível em

http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B9C964833-3314-4CEE-BEE1-33B32E0AC451%7D_Guia%20Especialista%20VF.indd.pdf Acesso em: 06 fev. 2016.

IBOPE. **Internet no Brasil supera a marca de 80 milhões**. 2012. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Internet-no-Brasil-supera-a-marca-de-80-milh%C3%B5es-.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Internet móvel avança no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/artigospapers/Paginas/Internet-movel-avan%C3%A7a-no-Brasil.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Consumo da internet pelos jovens brasileiros cresce 50% em dez anos, aponta IBOPE Media**. 2014a. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **A internet é a principal fonte de entretenimento para 43% dos jovens, aponta IBOPE Media**. 2014b. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/A-internet-e-a-principal-fonte-de-entretenimento-para-43-dos-jovens-aponta-IBOPE-Media.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2014.

KRAMER, Sonia. Entrevistas Coletivas: uma alternativa para lidar com a diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia (Orgs.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-76.

LEMONS, André. Cultura da Mobilidade. In: BEIGUELMAN, Giselle; FERLA, Jorge La. (Orgs.). **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 15-34.

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina. 4. ed., 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

MACHADO, Antonio. **Cantares**. Disponível em: <http://escritas.org/pt/t/10543/cantares>. Acesso em: 02 fev. 2016.

MACIEL, Márcia Cristiane Peres. **Um Computador por Aluno, fora do contexto escolar: cenas digitais do Pan Ceibal na fronteira do Brasil com o Uruguai**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica** – Revista de Cultura, n. 0, 2002. Disponível em: <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

_____. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, Patrícia Sara Lopes; ARAÚJO, Waldirene Pereira. Grupo Focal na Pesquisa em Educação. VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação**. Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_10_2010.pdf. Acesso em: 01 mar. 2015.

MONTEIRO, Roberto Alves. Pesquisa em educação: alguns desafios da abordagem qualitativa. In: _____. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Juiz de Fora: Feme, 1998. p. 7-22.

MORGAN, Michael. O que os jovens aprendem sobre o mundo ao assistirem televisão? In: MAZZARELLA, Sharon R. **Os jovens e a mídia: 20 questões** Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 190-205.

PEREIRA, Marcos Abílio. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. IV ENCONTRO COM POLÍTICA. **Anais do IV Encontro Compolítica**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em: 01 de fev. 2016.

QUADROS, Marta Campos de. Sempre ligados! Estilos de vida, práticas culturais e identidades juvenis urbanas contemporâneas. GT 16: Educação e Comunicação. **Anais 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**, Goiânia, 2013.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaína; SOUZA, Ângela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na área da saúde. **Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portela. Netnografia: incursões metodológicas na Cibercultura. **Anais do XI Compós**, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55>. Acesso em: 04 set. 2014.

SAFERDIC@S. Disponível em:

http://issuu.com/safernet-brasil/docs/cartilha_10principios_2012-singlepage/13?e=0. Acesso em: 04 set. 2014.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Cláudia Tavares Barbosa dos. **O Portal do Professor e projetos de trabalho: uma proposta de construção de um ambiente de aprendizagem de matemática no Ensino Fundamental**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Pres. Prudente, 2011.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, v. 12, n 2, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003. Acesso em: 01 mar. 2015.

SECOM. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Manual de orientação para atuação em redes sociais**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/manual-de-orientacao-para-atuacao-em-redes-sociais/view>. Acesso em: 19 mai. 2015.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

SILVA, Marco. Educação presencial e online: sugestões de interatividade na cibercultura. In: TRIVINHO, Eugênio e CAZELOTO, Edilson (Orgs.) **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. Disponível em: <http://abciber.org/publicacoes/livro1>. Acesso em: 09 fev. 2016.

STERN, Susannah R; WILLIS, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo online? In: MAZZARELLA, Sharon. R. et. al. **Os Jovens e a Mídia: 20 questões**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

UOL. **Podcasts**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/podcasts/>

Acesso em: 04 set. 2014.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CAMARGO, Vanessa de Almeida. **Cotidiano Escolar no mundo contemporâneo: o celular**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2011.

CAMILO, Rodrigo Cordeiro. **Educação Física Escolar, Mídias e Linguagem audiovisual: investigando possibilidades na abordagem de conteúdos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Pres. Prudente, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. **A infância e o brincar na cultura digital**. Perspectiva: Florianópolis, v. 31, n. 3, 897-916, set./dez. 2013.

FERREIRA, Jalmelice da Luz. **Os usos das TICS no desenvolvimento da leitura e escrita no Ensino Fundamental**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GALLO, Silvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. 2012. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf Acesso em: 22 mar. 2015.

JUNIOR, Alfeu Olival Barreto; PUGGIAN, Cleonice; FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. As tecnologias da informação e comunicação na construção do sentido de lugar dos jovens da Rocinha. GT16: Educação e Comunicação. **Anais 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**, Goiânia, 2013.

OLIVEIRA, Edna Araújo dos Santos de. **“Amo a Escola, odeio estudar”**: manifestações sobre a escola nas comunidades do Orkut. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM OS ALUNOS

Questionário Sócio/Econômico/Cultural Pesquisa: Interação a partir das mídias digitais - implicações no cotidiano escolar

1) Qual a sua idade?

- 10
 11
 12
 13
 14
 15
 mais de 15

2) Sexo:

- feminino
 masculino

3) Ano em que você estuda:

- 6º ano
 7º ano
 8º ano

4) Bairro onde mora:

5) Sua mãe trabalha fora?

- sim
 não

6) Grau de instrução da mãe:

- não estudou

- Ensino Fundamental (até o 9º ano)
- Ensino Médio
- Ensino superior

7) Seu pai trabalha fora?

- sim
- não

8) Grau de instrução do seu pai:

- não estudou
- Ensino Fundamental (até o 9º ano)
- Ensino Médio
- Ensino superior

9) Renda aproximada da família:

- até 3 salários mínimos (R\$2.364,00)
- de 3 a 10 salários mínimos (R\$2.364,00 a R\$7.880,00)
- mais de 10 salários (mais de R\$7.880,00)

10) Tem televisão em casa?

- sim
- não

11) Assiste televisão?

- sim
- não

12) Quanto tempo você passa assistindo televisão?

- menos de uma hora por dia
- uma a duas horas por dia
- três a quatro horas por dia
- mais de quatro horas

13) Marque o que gosta de assistir na televisão:

(pode ser mais de uma resposta)

- filmes
- jornais
- séries de TV
- Reality show
- desenho animado
- canal de clipes de música
- novelas
- outros. Cite quais no espaço abaixo

14) Quais desses aparelhos você possui? (pode ser mais de uma resposta)

- celular
- tablets
- computador
- mp3
- vídeo game
- aparelho de rádio com CD

15) Ouve rádio?

- sim
- não

16) Você tem acesso a Internet em casa?

- sim
- não

17) Usa a internet?

- sim
- não

18) Se você tem celular, você usa a Internet:

- pelo Wi-fi
- pela rede 3G
- não usa a Internet pelo celular
- não tenho celular

19) Quanto tempo fica conectado navegando na Internet?

- uma hora por dia
- duas horas por dia
- três horas por dia
- mais de quatro horas

20) O que mais acessa na internet?

- redes sociais (facebook, Instagram , snapchat, twiter ,etc)
- sites de busca (Google,Bing, Yahoo, etc)
- canais de música (Youtube, Rádio Uol, Vagalume etc.)
- sites de jogos online (Click Jogos, Ojogos, Friv, Habbo, Stardoll, etc)
- outros. Cite quais no espaço abaixo:

21) Marque as redes sociais que você acessa:

- Facebook
- Instagram
- Snapchat
- Telegran
- Twitter
- Vine
- Whatsapp

22) Você usa a Internet para estudar?

- sim
- não

APÊNDICE 2 – REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura foi construída em uma primeira fase da elaboração da pesquisa, mas foi diluída no corpo do texto. Na defesa do trabalho foi sugerido pela banca que esse capítulo constasse como apêndice da dissertação.

REVISÃO DE LITERATURA

Durante o processo investigativo, é importante realizar inicialmente um levantamento de pesquisas produzidas anteriormente, buscando, assim, situar o pesquisador frente à sua questão de pesquisa. Ao realizar um exame da literatura recente, usei como fontes o Banco de Teses da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), periódicos e sites para ter uma visão das produções recentes e também considerei importante fazer um levantamento das publicações nos Anais da ANPEd²⁰, mais especificamente as que constam no GT 16, que trata de Educação e Comunicação, tomando por base os quatro últimos eventos (2011, 2012, 2013 e 2015). Dessa forma, busco situar minha proposta no contexto de outras produções acadêmicas para delinear melhor a questão deste trabalho e perceber a abrangência deste estudo.

Inicialmente, a partir dos trabalhos publicados no banco de teses da CAPES, utilizei como categoria de busca o tema Tecnologia e Educação, considerando a Educação como área de conhecimento e encontrei 499 trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Realizei mais um filtro selecionando trabalhos produzidos em programas de pós graduação da área da Educação e encontrei 448 trabalhos. Mais um novo filtro, agora selecionando trabalhos de mestrado acadêmico, e 379 registros foram encontrados.

Percebi que o termo tecnologia e educação estava muito amplo, pois na medida que iniciei a leitura dos títulos e resumos percebi que muitos trabalhos abordavam várias questões, dentre elas a formação do professor para o uso das tecnologias na prática pedagógica, o uso das tecnologias na formação promovida pelos cursos de graduação, trabalhos que abrangiam desde políticas públicas, EJA, Ensino Profissionalizante e Educação Infantil, que não se

²⁰ A ANPEd é uma associação sem fins lucrativos que reúne programas de pós-graduação stricto sensu em educação, além de professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. As reuniões nacionais e regionais da Associação se constituem como um espaço permanente de debate e aperfeiçoamento para professores, pesquisadores, estudantes e gestores da área. Informações disponíveis em: <http://www.anped.org.br/anped/sobre-a-anped/historia>. Acesso em: 02 mar. 2015.

constituíam como foco do meu trabalho. Posteriormente, um novo filtro foi realizado buscando dissertações de mestrado que tivessem como sujeitos da pesquisa alunos do ensino fundamental II e suas relações com as tecnologias.

Selecionei 11 trabalhos defendidos em 2011 e, através da leitura mais detalhada dos resumos e também de textos completos, uma nova seleção foi realizada, priorizando assim, dissertações que abordassem as interações dos jovens a partir dos usos dos recursos tecnológicos e que ressaltavam a importância de a escola se aproximar dos alunos através dos espaços de interação envolvendo mídias digitais. Nesse processo selecionei três trabalhos que tiveram uma proximidade com a minha proposta, e serão citados neste capítulo.

Em relação às dissertações defendidas em 2012, presentes no banco de dados da CAPES, dos 174 trabalhos encontrados a partir do filtro tecnologia e educação, curso de pós-graduação da área da educação, encontrei apenas duas dissertações de mestrado que se aproximam do enfoque dos jovens e suas possibilidades de interação utilizando os espaços digitais.

Durante o processo de seleção de material, relendo os resumos e textos completos dos trabalhos, percebi que em 2011 e 2012, considerando os bancos de Teses da CAPES, ainda eram poucos os que abordam os usos de recursos tecnológicos pelos jovens e seus interesses de comunicação na sociedade contemporânea como considerei na pesquisa que apresento. No entanto essa preocupação se fez mais presente nos trabalhos apresentados nos 3 últimos encontros da ANPED, em que foram divulgados trabalhos com análises sobre a interação por meio digital e sobre as relações sociais estabelecidas em uma sociedade imersa nas tecnologias de informação e de comunicação.

Usos de recursos tecnológicos pelos jovens e as implicações em suas interações socioculturais

Os trabalhos apresentados neste tópico do capítulo são referentes às pesquisas sobre a influência das tecnologias nos modos interações sociais e culturais entre os jovens e oferecem subsídios importantes para o percurso que trilhei nesta pesquisa.

Inicialmente apresento o trabalho de Oliveira (2012), que pesquisou sobre as publicações dos alunos a respeito de suas impressões sobre a escola no extinto *Orkut*, e se pautou na netnografia²¹. Mesmo envolvendo uma rede social que hoje não existe mais, é

²¹ De acordo com Rocha e Montardo (2005), a netnografia se constitui como um método de pesquisa derivado da etnografia, adequando seus recursos à complexidade da sociedade digital. Inicialmente foi utilizada como

interessante ressaltar que a autora realizou seu trabalho considerando a observação das publicações dos adolescentes na rede para investigar seis comunidades virtuais de manifestações de amor e ódio pela instituição escola. Paralelamente realizou-se um estudo teórico buscando aprofundar as questões relativas à origem e surgimento das Redes Sociais. Como conclusão do trabalho, a partir das análises realizadas, a autora afirma que a Escola desconsidera as necessidades sociais e identitárias dessa geração nascida sob a influência das TIC, assim a autoridade e os mecanismos de uma prática educativa já consolidada não se alteram e não fazem sentido para os jovens. Oliveira (2012) aponta que os desabafos dos jovens nas redes sociais podem contribuir para que a escola possa procurar novas possibilidades de exploração dos espaços digitais, inserindo-os no processo educativo.

Na perspectiva de se investigar os usos que os jovens fazem dos aparelhos tecnológicos que viabilizam a comunicação interativa, Camargo (2011) apresenta um trabalho interessante sobre os usos dos celulares pelos jovens da contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que buscou descrever o mundo contemporâneo analisando as mudanças ocorridas na escola diante da presença do celular, investigando as funções atribuídas a ele a partir da análise do comportamento dos educandos diante dessa tecnologia móvel. A autora afirma que a partir da pesquisa foi possível perceber que os alunos utilizam o celular para fazer ligações, enviar e receber mensagens de texto, ouvir músicas, tirar fotos, e ressaltou que a necessidade de consumir aparelhos cada vez mais modernos demonstra que o seu uso transcende o valor apenas utilitário. Essa constatação indica que o celular se constitui como parte de uma categoria de objetos que indicam um mesmo estilo de vida e servem também como caracterização de um mesmo grupo social. Além disso, os jovens sujeitos da pesquisa demonstram a necessidade de estar com o aparelho sempre próximo ao corpo, como se fosse uma extensão do mesmo, e acabam estabelecendo uma relação afetiva com o dispositivo, que assume uma importância significativa no cotidiano. Consequentemente, essa relação com o celular acaba interferindo na constituição da subjetividade dos jovens, uma vez que influencia nos modos de ser, conviver e de se relacionar com os pares, o que acaba reverberando no cenário pedagógico. A partir dessas considerações, Camargo (2011) afirma que as dificuldades de conviver e lidar com o que é novo contribuem para que a escola seja intolerante com a presença dos celulares. Isso poderia ser diferente se a prática pedagógica incorporasse a utilização das novas tecnologias como recursos a seu favor, através de ações mais flexíveis que poderiam ser implementadas a partir da formação dos professores.

Dentro da perspectiva da incorporação dos recursos tecnológicos pela escola, Maciel (2012) investigou a implantação de um projeto de inclusão digital pelo governo uruguaio nas cidades desse país. Nesse projeto, cada criança do 1º ao 6º ano de escolas públicas recebeu um computador para ser usado em casa e na escola. O trabalho da autora teve como foco uma das escolas públicas de uma cidade localizada próxima da divisa com o Rio Grande do Sul. Em sua pesquisa, Maciel buscou identificar novas formas culturais emergentes, a partir dos usos dos computadores portáteis fora do espaço escolar e, para isso, utilizou o estudo etnográfico, procurando entender os tipos de interações que os alunos estabeleciam no uso da Internet. A autora identificou que muitos alunos utilizavam redes sociais, sendo atuantes neste espaço, e as interações analisadas pela pesquisa apontam para trocas de capital social do tipo relacional e a constituição de laços sociais fortes e fracos²² nos relacionamentos.

Assim, a autora considera que existe um complexo relacionamento entre o uso das tecnologias e as estruturas sociais, e tem essa conclusão a partir do momento que direciona seu olhar para o que fazem as pessoas com as tecnologias na construção de zonas de sentidos e não apenas para as possibilidades pedagógicas envolvendo o uso tecnologia. Com esse estudo, Maciel (2012) identificou que os alunos fazem uso da tecnologia fora da escola, trazendo novos sentidos às práticas culturais e sociais estabelecidas, e não somente na potencialidade tecnológica do recurso em si. A autora conclui que a tecnologia está sendo utilizada como um recurso do meio social e o que se faz a partir deste uso, molda as práticas e as relações sociais na internet e fora dela, no caso do campo estudado, caracterizando a tecnologia como cultura e como artefato dessa cultura.

Sganzerlla (2011) traz o olhar do uso das tecnologias como recurso de interação entre escola e comunidade, também buscando a formação do jovem enquanto cidadão, o com percepção de questões sociais do seu entorno. Seu trabalho buscou analisar como os meios de comunicação e a tecnologia, têm uma forte interface na formação crítica do jovem cidadão. O autor priorizou seu estudo, nas rádios web das escolas que funcionam em parceria com a comunidade. Sganzerlla (2011) analisa a transição radiofônica do analógico para o digital e destaca como essa mudança transforma a realidade da comunicação dentro e fora das escolas, mudando as linguagens, as formas de transmissão e os processos de armazenamento dos dados, o que favorece a relação de jovens espectadores com as diferentes mídias, como sujeitos ativos e participantes na produção de significados. O autor destaca que os resultados

²² Martino (2014) apresenta um estudo envolvendo o modelo proposto por Mark Granovetter em 1973, sobre como a força dos laços existentes entre vários participantes de uma rede social interfere no estabelecimento de contatos e na divulgação de mensagens na dinâmica interna de organização da rede.

obtidos em sua pesquisa, permitiram a identificar contribuições próprias e originais de jovens envolvidos no estudo, o que confirma a necessidade de se considerar suas aspirações e desejos na proposição das diversas atividades que lhes são apresentadas na escola, envolvendo questões políticas que possam contribuir para a formação cidadã. Esse trabalho, assim como o que eu apresento, buscou identificar os interesses dos jovens e considerar suas aspirações no cotidiano da escola, também aqui utilizando um recurso dos espaços digitais que é a radio web.

Nos Anais da ANPEd também encontrei trabalhos relacionados às interações dos jovens através dos espaços digitais. Com o objetivo de situar como vem sendo tratado o tema desta pesquisa, recorro aos eventos – ANPEd – e aos trabalhos nele apresentados de 2011 a 2015, no Grupo de Trabalho 16, “Educação e Comunicação”. Esses trabalhos representam as produções relevantes nos Programas de Pós-Graduação, em seus respectivos grupos de pesquisa, teses e dissertações defendidas. Também selecionei os trabalhos apresentados aqui, pelos temas que poderiam estar próximos ao tema da minha pesquisa. Novamente, o tema tecnologia e educação se tornou abrangente e selecionei trabalhos pelos temas juventude e tecnologia, ou interação dos jovens com/atraves das tecnologias. Mesmo alguns trabalhos não tratando especificamente dos jovens, considerei aqueles que abordam as relações de interação mediadas pelas TIC.

Inicio o diálogo com os autores que apresentaram trabalhos nos GT’s por Sabbatini (2011), que faz uma análise dos desafios para educação a partir da convergência das tecnologias, considerando os dispositivos e aplicativos de acesso às redes de informação e comunicação. O autor afirma que os meios de comunicação são inseridos dentro de uma determinada cultura, possuindo um sistema de produção, recepção e significação próprios e destaca a ideia das mídias como formadoras de novos ambientes de convivência social. Em seu trabalho Sabbatini (2011) afirma que o usuário ao estar inserido em um contexto de interatividade, no momento em que as redes globais são somadas ao potencial do computador, transforma-se em um produtor de informações em potencial. O autor mostra em seu texto, a preocupação com a educação, que deve estar atenta a caracterização desse público que chega às escolas, que são nascidos e crescidos dentro da cultura digital e demandam adaptação do processo educativo às suas necessidades, estilos de aprendizagem e preferências próprias. São alunos que convivem com a convergência tecnológica e comunicativa online. O que me chamou a atenção no artigo do autor, além do fato de ele destacar a análise da convergência de mídias, é justamente o destaque que ele coloca ao falar da cultura produzida através das

interações realizadas e amplificadas nos espaços digitais, que vem ao encontro da minha busca neste trabalho.

Uma autora também preocupada com linguagem, juventude e tecnologia é Lacerda (2011) que apresentou um artigo na 34ª reunião da ANPED que se constitui como um recorte de sua tese de doutorado. Através da metodologia da cartografia, a autora se propôs discutir como o dispositivo midiático ajudou a produzir uma juventude considerada diabolizada. Em sua pesquisa, ela procura aproximar da linguagem utilizada pelos jovens, entendendo-a como constitutiva do pensamento identitário. A autora destaca que a mídia vem ocupando um lugar estratégico na configuração das novas modalidades de socialização, fenômeno complexo e atualmente influenciado por inúmeros dispositivos presentes no meio social, que afetam sobremaneira, a juventude. Essa pesquisa destaca o trabalho de escuta dos jovens partindo de temas geradores referentes à publicidade divulgada através dos recursos midiáticos, nesse ponto, em relação à escuta, percebo a proximidade desse trabalho com a minha pesquisa.

Também buscando compreender como as relações entre os jovens são influenciadas pelos dispositivos e mídias digitais, Ferreira (2012) apresentou seu artigo na 35ª ANPED. Neste recorte de sua pesquisa, a autora analisa como essas relações de interação acontecem nos novos contextos sociais, caracterizados pelas linguagens hipermidiáticas e pela cultura digital, refletindo sobre como a educação pode atuar neste cenário. Em sua análise, a autora afirma que o ciberespaço está impregnado nos objetos, ambientes e nos sujeitos que “se misturam e reinventam os modos de estar no mundo” (FERREIRA, 2012, p. 2).

Caminhando também na direção das pesquisas que percebem as inovações tecnológicas como importantes nas formas de se relacionar e interagir, Junior, Puggian e Félix (2013) apresentaram na 36ª ANPED, a pesquisa que teve como objetivo investigar como os jovens da Rocinha no Rio de Janeiro estão utilizando os espaços digitais de interação e como esses usos estão influenciando a constituição do sentido de lugar dos jovens, especialmente aqueles que vivem em comunidades da área metropolitana. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, os autores se pautaram em conceitos geográficos, sociológicos e antropológicos, buscando compreender inicialmente o conceito de espaço, considerando-o como o lugar constituído a partir das relações de “coexistência de pessoas com trajetórias históricas próprias; trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam” (JUNIOR, PUGGIAN, FÉLIX, 2013, p. 2), caracterizadas pela pluralidade e favorecendo a construção de identidades. Os autores partem do pressuposto de que a formação da identidade se constitui a partir da maneira como o indivíduo se relaciona com o espaço de vivência, tanto social quanto físico, e que as novas tecnologias associam-se às transformações na identidade dos

sujeitos, especialmente dos jovens, já que podem influenciar nas formas de habitar os espaços e de se relacionar com os demais.

Essas influências são abordadas também na pesquisa de Quadros (2013), apresentada na 36ª Reunião da ANPED. A autora inicialmente afirma que é no cotidiano que os jovens expressam sua significância cultural através de distintas práticas, que se referem inclusive ao uso de dispositivos de mídias em suas relações de interação. O trabalho de Quadros (2013) teve como o objetivo compreender a produtividade das práticas culturais dos jovens da cidade de Porto Alegre (RS), considerando práticas de escuta relativas ao uso de dispositivos portáteis de comunicação, além da influência das interações nas redes de sociabilidade “na construção de identidades, culturas juvenis e estilos de vida nos espaços-tempos das metrópoles contemporâneas” (p. 1). Uma conclusão relevante apontada pela autora é que para o jovem, “estar conectado é ganhar e não estar é perder” (p. 13). Aquele que não fica conectado é como se estivesse fora, deslocado do meio social em que vive. Tal situação pode possibilitar a criação de experiências positivas, “como redes de solidariedade e cooperação. Mas, também pode acarretar uma ansiedade constante, de busca de novidades, de dependência da tecnologia para se reconhecer, para fazer parte de uma sociedade” (p.13).

Morais (2015) também faz reflexões em seu artigo, publicando nos anais da 37ª ANPED sobre as relações entre as pessoas, mediadas pelas tecnologias. A autora destaca a intensidade com que milhares de imagens, palavras e sons produzidos integram-se ao nosso cotidiano, indicando novas formas de se relacionar ou interagir socialmente. Essas relações são determinadas por uma cultura midiática possui entrelaçamentos com determinada visão de mundo; valores; comportamentos; com a absorção de padrões de gostos e de consumo; e com a internalização de imagens de felicidade. Moraes (2015) analisa a influencia da mídia na sociedade e afirma que o sujeito está de certa forma, passivo frente às diversas informações que lhe chegam, inviabilizando a potencialidade de se apropriar delas, excluem-se da possibilidade de resistência às condições que os dominam. O que destaco nesse artigo é a preocupação da autora em analisar o comportamento das relações entre as pessoas imersas nas tecnologias de informação e comunicação.

Cavalcante e Filho (2015) também demonstram uma preocupação em promover reflexões sobre a cultura e a interação juvenil. Também na mais recente reunião da ANPED, os autores apresentam uma pesquisa de doutorado realizada em uma escola pública em Fortaleza e promovem uma reflexão sobre como a escola pode mobilizar as culturas juvenis no sentido de incentivar a capacidade criativa dos jovens a produzir conteúdos além dos formalismos curriculares. A dimensão das culturas juvenis também é relevante para essa

investigação realizada pelos autores, porque marcam seu interesse em conhecer como os modos de vidas e subjetividades de crianças e jovens se articularam com as tecnologias no ambiente escolar. Os autores utilizam a abordagem multirreferencial em conexão com a perspectiva etnográfica para a compreensão da realidade pesquisada. Ultrapassando uma perspectiva meramente instrumental de análise do uso do laptop educacional nas práticas escolares e das experiências de multiletramentos, os autores buscaram entender o contexto social e cultural como um todo onde essas experiências mediadas pela tecnologia se constituem. Os autores também abordam as culturas juvenis e as mídias eletrônicas em seu trabalho, entendendo que as culturas juvenis são estimuladas a romper com a linearidade do texto impresso e são afeitas a explorar por si mesma o mundo tecnocultural, da visão, da audição, do tato e da velocidade. Para os autores cabe à escola articular essa relação entre essa nova cultura midiática, favorecendo novas aprendizagens na mediação com os artefatos tecnológicos e, ao mesmo tempo, possibilitando que as crianças aprendam a usar tais artefatos e ter um posicionamento crítico diante deles. Uma observação que me atrevo a fazer sobre o texto dos autores é sobre a alternância dos temas crianças, jovens e juventudes com o mesmo sentido, como se designasse a mesma fase de desenvolvimento. Cavalcante e Filho (2015) destacam um evento de multiletramento realizado na escola como parte da pesquisa sobre o uso dos laptops, atividade que envolveu a leitura de imagens televisivas e a escrita de mensagens em forma de cartas. Como conclusão do trabalho os autores ressaltaram o quão revelador é como a escola pode mobilizar as culturas juvenis, no sentido de incentivar a capacidade criativa dos jovens a produzir conteúdos além dos formalismos curriculares, uma vez que as culturas juvenis, “confinadas e conformadas no espaço escolar, costumam ser enxergadas apenas pelas transgressões e pelos atos de desobediência, quase nunca tendo reconhecida sua potência criadora”. (CAVALCANTE e FILHO, 2015, p.17).

Migliora (2015) apresenta um artigo sobre uma pesquisa realizada com alunos do nono ano analisando e descrevendo os modos de uso de mídias digitais, especialmente da Internet, em contexto escolar e no tempo livre e as habilidades desenvolvidas a partir desses usos. A autora trabalha com dados quantitativos e como categorias de análise a autora trabalhou sobre as habilidades dos jovens na área educacional, na área tecnológica e na área social. A autora destaca que a mediação tecnológica da comunicação se faz presente nas instituições de socialização exercendo um papel importante no funcionamento das mesmas e em como as relações são mantidas e desenvolvidas na organização da vida cotidiana (p.02). A autora destaca que precisamos entender melhor os usos que os jovens fazem dos artefatos tecnológicos, o papel que lhes atribuem, as habilidades que desenvolvem a partir desses usos

e, sobretudo, a natureza das mudanças decorrentes dessa relação, em diferentes contextos e culturas, ponto que vem ao encontro das minhas inquietações para a realização deste trabalho que apresento. Migliora (2015) apresenta dados relevantes sobre as habilidades tecnológicas e educacionais e sobre a habilidade social, ela conclui que os jovens se consideram extremamente habilidosos socialmente, demonstrando um grande apreço pelas atividades de comunicação, no entanto atraso escolar tem um efeito negativo na habilidade social. A retenção escolar provoca nos jovens uma baixa autoestima que afeta negativamente a percepção de sua habilidade social. Ao finalizar o artigo, Migliora (2015) enfatiza que as políticas públicas precisam incorporar a concepção de mídia para além da ferramenta e do suporte, mas como base em transformações estruturais relevantes, que favoreçam a aprendizagem colaborativa e a autonomia intelectual (p.17).

Diante dos trabalhos que elegem como tema a interação através das mídias digitais envolvendo os jovens e adolescentes foi possível reconhecer que as pesquisas apresentadas contribuem para delinear o perfil do jovem na contemporaneidade, sempre conectado às redes de informações e procurando se relacionar e interagir a partir dessas redes. Pontos convergentes nas pesquisas apontam que os usos dos aparelhos tecnológicos interferem na constituição da subjetividade dos jovens, uma vez que produzem impactos nos modos de ser, conviver e de se relacionar com os pares, dentro e fora dos espaços digitais. Assim acredito que os trabalhos aqui apresentados contribuem, cada um dentro da sua perspectiva, para a reflexão que proponho a partir desta pesquisa sobre os modos de se relacionar dos jovens através das interações digitais, e suas implicações no cotidiano da escola.

Referências

CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva ; FILHO José Aires de Castro. Multiletramentos e o uso do laptop em sala de aula: possibilidades de comunicação nas culturas juvenis. GT16: Educação e Comunicação. **Anais 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. (ANPED)**, Florianópolis, 2015.

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. Cartografia: uma estratégia metodológica para estudos que envolvem mídia e educação . GT16: Educação e Comunicação. **Anais 34ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. (ANPED)**, Natal, 2011.

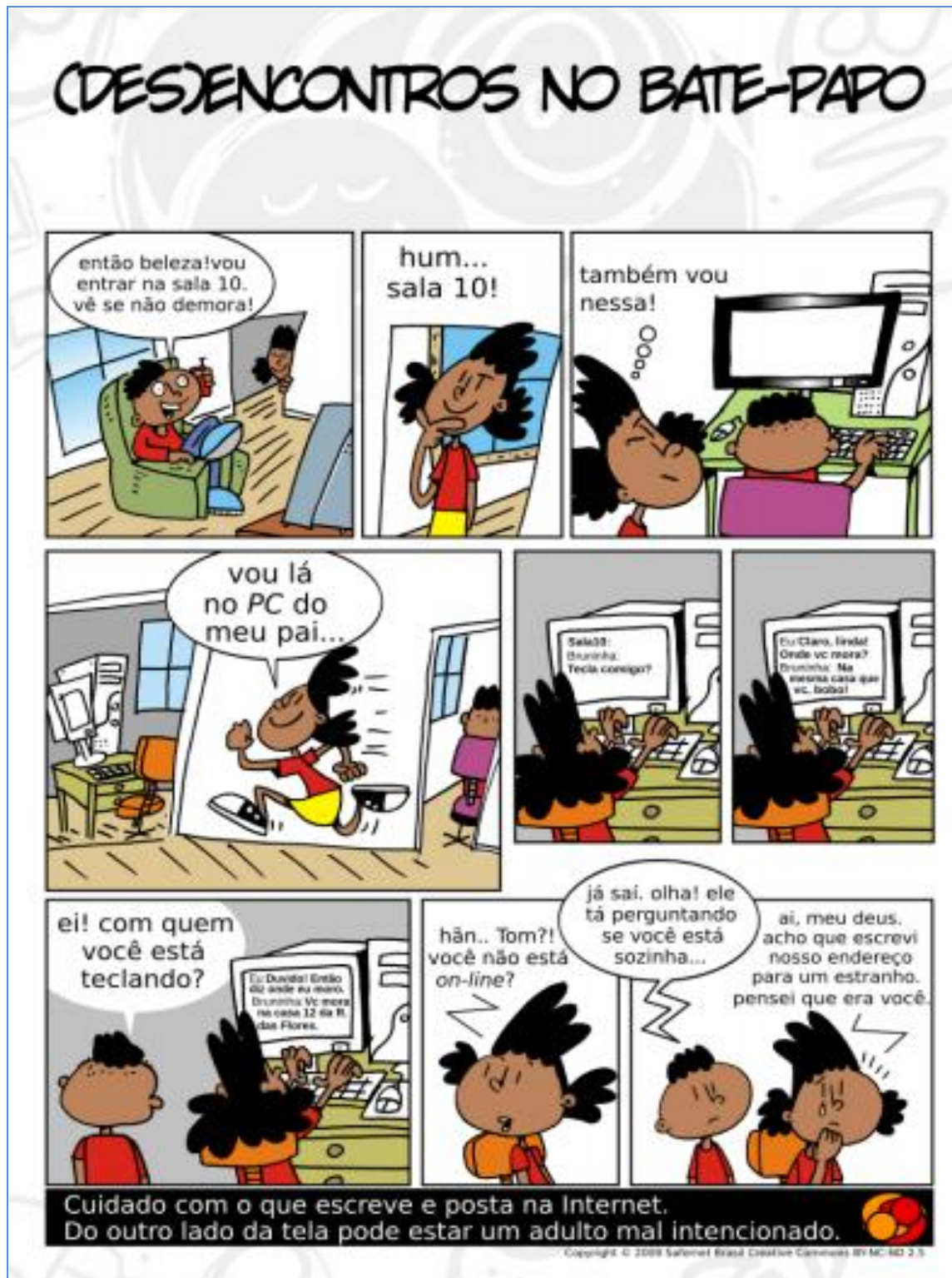
MIGLIORA ,Rita Rezende Vieira Peixoto. Jovens de escolas públicas: percepção das habilidades no uso do computador e da internet. **Anais 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. (ANPED)**, Florianópolis, 2015.

MORAIS, Tatyane Pereira de. Educação, mídias e indústria cultural: a (de) formação do sujeito na atualidade **Anais 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. (ANPED)**, Florianópolis, 2015.

SABBATINI, Marcelo. Sob o signo da convergência: reflexões sobre o papel das mídias digitais interativas na educação. GT16: Educação e Comunicação. **Anais 34ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. (ANPED)**, Natal, 2011.

ANEXOS

ANEXO 1 – HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA OS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL



E SE FOSSE COM VOCÊ?



E SE FOSSE COM VOCÊ? Não crie nem repasse mensagens e fotos para humilhar seus colegas. Isso não é brincadeira e pode machucar. Respeito e educação também valem na Internet.

DE PONTO A PONTO... DE TUDO UM POUCO

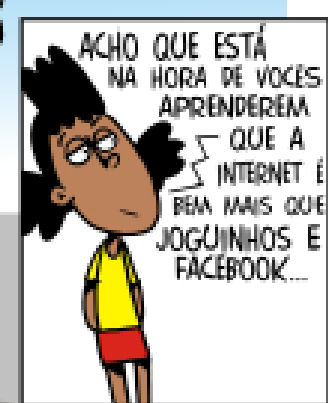
Um dia o professor passou uma pesquisa que envolvia livros, músicas e filmes...



Então cada um dos garotos saiu para fazer sua parte da pesquisa...



Mais tarde...



Então eles foram para a sala de informática onde Maia mostrou vários sites e redes onde eles poderiam baixar os filmes, as músicas e textos.

As chamadas redes P2P (do inglês peer-to-peer, ponto a ponto) permitem compartilhar muitos conteúdos legais, mas cuidado: também há risco de encontrar arquivos perigosos e ilegais. Peça orientação a adultos de confiança. E não caia na farsa do ctrl C - ctrl V, a Internet é uma ferramenta para ajudar você a aprender. Use-a da melhor maneira, estudando e evitando problemas!

PENSE BEM ANTES DE PUBLICAR!

Peu e Lina se conheceram na balada e estão ficando há duas semanas...



Passam horas no telefone...



Até dividem o mesmo *milkshake*...

Lina e Peu pareciam feitos mesmo um pro outro



...um dia Lina confiou em Peu e lhe mandou algumas fotos íntimas...



...Peu ficou empolgado para mostrar ao amigo como era linda sua nova namorada e confiou nele ao ponto de enviar as fotos pela Internet!...

...No dia seguinte ao chegar na escola



O fenômeno chamado *sexting* (ato de compartilhar imagens do próprio corpo com pouca roupa) tem crescido entre adolescentes. Nunca envie fotos de sua intimidade que possam lhe trazer constrangimento ou sensações ainda piores. Uma vez enviada, perdemos completamente o controle sobre qualquer imagem.

ANEXO 2 – CASO PARA ENCONTROS DO GRUPO FOCAL

Caso 1

Ana Carolina e Larissa são muito amigas. Elas estão no 7º ano e estudam juntas desde o 4º. A amizade é tão grande que elas compartilham segredos, alegrias, inseguranças e tudo que é tão natural da idade delas. Larissa sabe até a senha de Ana Carolina no facebook. Só que na semana passada, inexplicavelmente, as duas tiveram uma discussão por causa de um garoto da escola e ficaram muito chateadas uma com a outra. Ao chegar em casa, Larissa entrou no facebook com o usuário e senha de Ana Carolina e lá fez postagens bem mal educadas no mural dos colegas (e todos pensaram que era a Ana que tinha escrito tudo aquilo!). Gorete é a coordenadora de turno na escola onde as meninas estudam e ontem foi surpreendida com a visita inesperada dos pais de Ana Carolina. A menina está trancada no quarto faz 3 dias e não quer sair para ir à escola. Os pais sabem que a escola não pode ser responsabilizada, mas precisam de ajuda para lidar com a situação. Além disso, os professores têm comentado que a turma em que as meninas estudam está muito agitada porque os alunos ficam cochichando o tempo todo e o assunto é sempre o mesmo: *“Você viu o que a Carol postou no Face?”*

Professora Zulmira de Medeiros – UFMG



Texto revisado de acordo com os parâmetros vigentes da norma culta da língua portuguesa (Brasil) e normas da ABNT (NBR 6023, 6027, 6028, 6034, 10520, 14724).

www.revisaoacademica.com.br